

Por outros
caminhos

Diego Gierclett

Por outros caminhos

Os caminhos mais comuns são
os mais difíceis a serem trilhados



Copyright © 2016 Diego Gierolett

Copyright © 2016 Editora Efetiva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, estocada em sistema de banco de dados ou transmitida, em qualquer forma ou por quaisquer meios, sem a permissão prévia por escrito da editora e do autor, não podendo circular com outro formato ou capa que não seja a da atual edição, a não ser com autorização prévia formal.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

PREPARAÇÃO

Marcos Pessoa

REVISÃO

XXX

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Cibelly Ferreira

DIAGRAMAÇÃO

Daniela Albuquerque

Gierolett, Diego

Por Outros Caminhos / Diego Gierolett – 1.ed. – Rio de Janeiro: Efetiva, 2016.

142 p.: il

ISBN 978-85-2356-223-9

1.Relacionamento 2.Dificuldade 3.Superação 4.Desvario – Romance I. Título

Editora Efetiva

Av das Americanas, 176, sala 2404

22632-018 – Rio de Janeiro – RJ

www.editoraefetiva.com.br

Para Fernanda Raupp, sem seu apoio, o sonho não teria se tornado realidade.

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

1 Coríntios 13:4-7

Diego Gierolett
CONSIDERAÇÕES

Acredito que o amor possa vencer as barreiras mais intransponíveis. Acredito que todo o ser humano o possua dentro do seu coração, sem distinções. E acredito também que ele possa fazer desse amor o que quiser. Tudo é amor. Tudo é feito por uma causa e toda causa é feita por amor, seja ela qual for. Desde das mais altas barbáries as mais grandiosas provas do amor fraternal. Nunca se ouviu falar tanto nesse sentimento que revoluciona a alma do mundo. E realmente, mais do que nunca, nos dias atuais, ele revoluciona, lentamente, o coração e a alma das pessoas. Chega um momento em que o vazio se instala, e a única saída é recorrermos a fé. Em nossa era, vivemos uma inexprimível crise existencial em todos os seres humanos. Nunca, em uma época, vimos tantas pessoas se perguntando: “O que estamos fazendo aqui?”

E em nossa era, nunca se viu tantas pessoas com respostas para essa pergunta.

No entanto, a vida é muito mais do que perguntas e respostas. Ainda, durante nossa era, aprenderemos a deixar os questionamentos de lado e começaremos a olhar para o que nos rodeia. Questionar não é viver, viver é uma outra coisa.

Viver é ser.

Creio que aprenderemos muito mais sobre a existência, no momento em que passarmos a vivê-la, intensamente, com a luz do coração, com a liberdade que só o amor pode nos oferecer e que nós podemos oferecer ao amor.

Diego Gierolett

Talvez ela nunca pensasse que as coisas poderiam ser deste jeito; talvez, não pudessem ter sido. Tudo o que ela precisava era se aventurar e descobrir que existe vida além do horizonte. A vida que ela nunca teve, desde que se conheceu por gente. Estava abandonando agora todas as coisas que, durante muito tempo, sempre lhe fizeram infeliz, e talvez, um dia, tivessem dado sentido ao seu ser. Mas, agora, só lhe causavam desilusão e tristeza, e a faziam andar ciclicamente, em um redemoinho de repetidas e entendiadas sensações.

Morava em uma área comprometida pela prefeitura do município. Já havia recebido a primeira carta de dispensa e ainda não havia saído da casa por onde morou por quase dez anos ao lado do marido e os dois filhos. A vida era complicada, muitas contas para pagar, as crianças pedindo comida e coisas das quais as crianças gostam muito. O marido, um homem rude, e que pouco sabia dar valor a família. Caía de bêbado pelas calçadas, depois de mais um final de semana inteiro fora de casa, fazendo coisas das quais ela não esforçava-se em saber.

A vida era dura, sim, mas existia algo dentro dela que aplacava toda essa dureza. Uma luz, uma esperança. Era algo que não era palpável e muito menos irracional. Surgia de dentro de si, na forma do que já ouvira falar como: “voz interior”.

E era isso que fazia ela seguir adiante. Acordar todos os dias, fazer café para o marido e os filhos que já frequentavam a escola primária, e logo, seguir para o restaurante onde trabalhava.

E o dia se repetia. Mais uma vez todas as coisas que ela havia visto no dia anterior. Tudo igual. O mesmo cachorro deitado no meio da rua a caminho de seu trabalho, as mesmas pessoas com seus semblantes deprimidos por estarem vivendo as mesmas coisas que ela vivia, cada um de acordo com a sua realidade.

Mas, o que seria diferente para todas essas pessoas? Tinham as mesmas sensações que ela, as mesmas euforias, as mesmas tristezas. Suas bases sentimentais eram as mesmas.

Porém, o que Jucimara não compreendia era que cada um possuía sua maneira de enxergar a vida e sua capacidade de vivê-la conforme seu modo de pensar.

Jucimara estava chegando ao seu trabalho, e também, mais uma vez, chegando a conclusão de que cada um de nós espera do mundo o que ele realmente é, há não ser que ela, ou essas dezenas de pessoas que passavam por ela, com suas expressões melancólicas, fizessem algo para enxergar outra realidade em suas vidas.

No trabalho, as mesmas coisas se repetiam. As conversas de suas colegas raramente mudavam. Falavam de homens e pênis de homens. Falavam da amiga que comprou um batom novo ou que finalmente conseguiu encontrar um bom partido que pudesse lhe dar carro, dinheiro e uma boa moradia com empregada doméstica. Jucimara concordava com tudo sempre que pediam sua opinião. E sempre respondia, as vezes, com entusiasmo, quando algo era de seu interesse, e taciturna, quando não se importava com o assunto.

Mas, naquele dia, ela estava em outro mundo. Não prestava atenção nas conversas e muito menos nas perguntas que suas colegas faziam.

- Jucimara! - Gritou uma delas - Acorda! O que está acontecendo com você?

Todas se olharam dentro da cozinha, que fervilhava azeite e carne de segunda.

Uma delas questionou.

- Acho que a Jucimara tem um amante.

- Cuidado amiga. - Disse outra, rindo. - Isso é muito bom, pode ser extremamente prazeroso, mas é muito perigoso.

Todas riram. Jucimara, por sua vez, ficou encabulada e procurou conter o ânimo das colegas.

- Não é nada disso!

- E o que é, então? - Perguntou maliciosamente uma delas.

- Acordei diferente hoje.

Todas se olharam novamente, e Jucimara percebeu que não poderia explicar as suas colegas o que passava dentro de si. Elas, talvez, não fossem entender.

Finalmente encontrara uma saída. Sua mente lhe sugeria algo.

- Acho que estou de TPM. - Disse ela.

Todas riram e debocharam, mas, parecia que agora, Jucimara estava livre de ter que dar mais explicações.

Teria paz, pelo menos por alguns instantes.

O expediente parecia ter se encerrado mais rápido naquele dia. Jucimara mal vira o tempo passar. Havia ficado imersa em pensamentos praticamente o dia inteiro, e tudo o que fizera, havia sido no “piloto automático”. E como ela tinha facilidade com isso! Seus dias eram tão repetitivos, que, quase tudo, inclusive a ida e volta ao seu trabalho, e todas as infindáveis conversas de suas colegas de serviço, podiam ser feitos de olhos e ouvidos fechados.

Era tudo sempre idêntico; tão igual.

Sua casa, que ficava numa área de risco, condenada pela prefeitura, por existir uma barreira que poderia ceder há qualquer momento, atrás da parede de seu quarto. Culpa, é claro, de uma pedreira irresponsável, que lucrou por muito tempo com aquela área, e que depois de terem extraído daquele lugar tudo o que precisavam para suas incontrolláveis mentes gananciosas, foram embora, depois de receberem diversas intimações judiciais quanto a irregularidade de seus negócios.

E assim, se retiraram, como pediu o juiz, mas deixaram para trás uma barreira prestes a cair sobre a cabeça de Jucimara e sua família, e também de outras tantas que viviam aglomeradas, lado a lado, em pequenas casas de alvenaria concedidas pela prefeitura, em outros tempos.

E enquanto tudo isso ocorria, Jucimara começava a sentir as mudanças que ocorriam dentro de si. De onde viria tudo isso? Sempre fora tão centrada. Cuidava dos filhinhos e do marido beberrão, que lógico, não fazia o mesmo com ela. Em vez disso, insultava-a quase que diariamente, e tratava mal a quem deveria tratar como uma rainha.

Seria tão fácil pensar que todas essas coisas que sentia, fossem influência de algum programa de televisão que assistira, ou de algum livro que lera. Mas lia tão pouco, e ultimamente, não estava com tempo nem para assistir a novela das oito. O trabalho e a família lhe sugavam a vida, e talvez, esse poderia ser o motivo de tantos devaneios.

Por outros caminhos

Aos 38 anos, Jucimara, casada, vinda de família humilde, com dois filhos para criar, estava se dando conta de que estava farta de tudo. Mas, porque não pensara nisso antes? Por que deixara passar tanto tempo de sua vida para se dar conta disso? Jucimara não sabia responder. Tudo o que sabia era que todas essas cogitações começavam a fazê-la sofrer, muito mais do que já sofria.

* * *

Agora, em frente a sua pequena casa, prestes a entrar pela porta, largar suas coisas e voltar correndo para buscar seus dois filhos na escola, como de costume, Jucimara refletia sobre o que precisava fazer para seguir adiante. Seu marido, com certeza, tardaria a chegar. Era sexta feira, e ele iria para o bar. Voltaria bêbado, é claro, e brigaria com ela, acordaria a crianças e elas chorariam de medo abraçadas uma na outra.

Jucimara estava cansada! Era hora de mudar. Mas a mudança lhe cobrava coragem, e isso atormentava profundamente sua mente.

Por alguns instantes, ela ergueu os olhos para o céu, suspirou, entrou correndo dentro de sua casa, largou a bolsa no sofá e saiu sem fechar a porta. Perdida em devaneios, ela se foi, em busca de suas grandes e verdadeiras alegrias.

* * *

Agora, chorava sentada no sofá de sua casa, ao lado dos dois filhos. Jucimara não se conformava com o que havia acontecido. Era a terceira vez aquele ano.

Olhava para o vazio deixado na cômoda da sala, onde também guardava as roupas das crianças. A televisão fora roubada novamente, e ela nem sequer havia terminado de pagá-la. Inconsolável, Ela não se perdoava por ter esquecido a porta da casa aberta.

E ali, sentada no sofá, ela chorava de tristeza e desespero,

pois sabia que seu marido não a perdoaria pelo descuido, e, principalmente, pelo fato disso já ter acontecido outras vezes, pelo mesmo motivo.

Jucimara estava perdida. Sentada no sofá da sala revirada e cheia de móveis aglomerados, sendo consolada por seus dois filhos pequenos, ela sentia-se farta. Precisava dar um jeito em sua vida. Necessitava urgentemente de uma saída. Precisava de amparo, mas não tinha a quem recorrer. Seu coração palpitava e exigia mudanças das quais ela não tinha coragem de fazer.

* * *

Já passava da meia-noite e o marido ainda não havia chegado, e ela não sentia a menor vontade de vê-lo chegar. Sabia que ele quebraria a porta se ela não a deixasse aberta. Já esquecera outras vezes trancada, e o resultado havia sido desastroso. Naquele último ano, devido aos furtos que ocorreram em sua casa, ela passou a trancá-la, tentando permanecer acordada até ouvir os passos barulhentos e desengonçados dele, bêbado, entrando no quintal.

Porém, naquela noite, estava cansada e com medo. O sofrimento lhe abatia, pois teria que deixar a porta aberta pelo resto da noite. Sabia mais do que ninguém o tamanho do cansaço que sentia e não resistiria até seu marido chegar. Jucimara não queria confusões. Nem para ela e nem para as crianças, que acordariam com as terríveis brigas do marido.

Ela vivia um verdadeiro trauma familiar. Uma catástrofe silenciosa dentro de sua própria casa.

* * *

No meio da noite, acordara com os passos dele perambulando pela casa. Não resmungara alto, como costumava fazer quando chegava bêbado. Não reclamara da vida e do quanto ele se esforçava para sustentar a casa com seu trabalho.

Naquela noite, absolutamente nada ela ouviu, há não ser

seus passos que iam de um lado ao outro, no assoalho de madeira. Pareciam mais de um. Porém, ela não se focou na ideia.

Jucimara apurou os ouvidos. Não acreditava que fosse seu marido. Ficou com medo. Poderia ser um ladrão. Não havia os falatórios desnecessários, nem as reclamações e nem os sussurros com palavras pejorativas.

De repente, os passos cessaram. Algo muito estranho estava prestes a acontecer.

Ela ergueu-se da cama, pôs a camisola, e dirigiu-se até a sala a passos lentos, e encontrou algo que nunca imaginou em toda a sua vida.

Seu marido briguento, resmungão e dono da verdade, estava com outra mulher, aos beijos e abraços, no sofá da sala. Jucimara não hesitou, e voltou rapidamente para dentro do quarto sem que ele a visse. Inconsolada, afundou-se em seu travesseiro e chorou amargamente durante toda a noite. Realmente, aquela situação havia chegado ao limite.

Como ele pôde? Não bastavam as bebedeiras e os maus tratos?

Pensava ela.

Aquele fora o estopim. Jucimara estava decidida. O pranto daquela noite lavaria a sua alma e lhe indicaria um caminho.

Pela manhã, ele deitou-se na cama, enquanto ela saía para o trabalho, deixando as crianças dormindo, tranquilas e inocentes em seus leitos.

Antes de sair, notou o sofá desarrumado e uma camisinha usada atirada pelo chão. Pensamentos e sentimentos borboleteavam em sua cabeça. Naquele dia, ela caminhou devagar. Pensava em tudo o que vira e em tudo o que estava acontecendo há muito tempo em sua vida. Pensava também nos pensamentos e nos sentimentos dos últimos dias. Pensava nas frustrações que estava tendo consigo mesma e com as pessoas a sua volta.

Depois daquela noite, Jucimara não sofreria tanto para tomar sua decisão. Há qualquer momento poderia fazê-lo, sem qualquer remorso.

Mas não se referia somente ao marido e suas cretinices. Mas consigo mesma. Sabia, mesmo que inconscientemente, que tudo partia de dentro de si. Somente ela poderia mudar sua vida.

No caminho para o trabalho, reuniu coragem para fazer algo que há muito tempo não fazia. Entrar numa livraria e olhar os livros dispostos na estante.

Há, como isso alegrava seu coração.

Era o primeiro ato de mudança.

Jucimara estava no caminho certo.

Quase não se lembrava da última vez que havia lido um livro. Talvez, na oitava série, quando decidira no meio do ano parar seus estudos, devido ao casamento prematuro com seu primeiro marido, que também lhe causou profundas tristezas.

Hoje, Jucimara era uma mulher adulta, porém, se sentia ainda a mesma criança que nascera e crescera naquela cidade, com pouco mais de 30 mil habitantes, onde ela sonhou, em um dia não tão distante, se casar com um homem rico, andar de conversível, passear de cavalo nos finais de semana pelos campos verdes de alguma fazenda e ser atriz de novela.

Porém, hoje, a realidade era diferente. Na verdade, começara, já na adolescência, a distanciar-se do de todo o seu plano de vida. Abandonou a escola e foi morar em uma casa alugada, com um homem, que a primeira vista, lhe pareceu um príncipe encantado. Porém, pouco tempo depois, transformou-se em um monstro violento, do qual, mesmo sem ter filhos, ela suportou por quase 6 anos.

Depois disso, teve outros namorados, porém, nunca encontrou em ninguém a sua estrela, muito menos aquilo que sonhava quando ainda era uma menina, que recém-descobria os sabores da vida.

Seus caminhos nunca foram um mar de alegrias. Rejeitada por seus pais, devido a uma ameaça de separação, onde toda a culpa recaiu encima da pobre menina inocente, após seu pai desconfiar que ela não era sua filha legítima. Com a concordância de sua matrona em deixá-la a mercê do destino, apenas para não perder o marido, devido negação da paternidade do homem que ajudou a gerá-la, Jucimara foi entregue a uma de suas tias, por parte de pai, que era viúva e tinha problemas de depressão.

Aos 13 anos, logo após a morte de sua tia, Jucimara foi novamente entregue aos cuidados de uma das irmãs de sua mãe, que sensibilizada com a história da menina, resolveu terminar de criá-la.

Aos 16 anos, Jucimara abandonou a escola, a convivência

com sua tia, e foi viver com um namorado, que conheceu em um parque de diversões.

E essa foi a primeira mudança importante que fez em sua vida. A segunda, foi quando se livrou das garras do primeiro marido, e a terceira, quando se casou com seu atual marido. Mas naquela época, as coisas eram diferentes. Ela não sentia o que estava sentindo agora.

Jucimara queria ir mais além. Não sabia o que faria, mas sabia que era algo grandioso. Talvez devesse viajar. Ou então, pegar seus dois filhos e ir para uma igreja, ou algo ainda mais louco que isso. Porém, essas ideias não pareciam saciar sua sede. Não era algo que vinha de fora para dentro, mas, de dentro para fora.

Era, deveras, arrebatador.

E agora, a caminho de seu trabalho, segurando o livro que tinha acabado de comprar, ela parou na calçada e passou seus olhos pela capa.

Sempre haverá tempo... O título.

Jucimara respirou profundamente. Agora, não pensava mais no marido com outra mulher. Não pensava nas bebedeiras dele e em todo o sofrimento que havia passado durante a vida. Tudo o que pensava era que precisava ler aquele livro. Gastara o último tostão que tinha no bolso, e naquele dia, poderia não ter dinheiro para comprar pão, e as crianças, talvez, pudessem ficar com fome. Há não ser que pedisse algum dinheiro emprestado para alguma de suas colegas de trabalho.

Jucimara sorriu. Não era hora para pensar em tristezas. Pela primeira vez, não queria pensar no dia de amanhã. Sentia dentro de si um estranho sentimento de alegria. Estranho, porquê nunca o sentira com tanta intensidade em toda a sua vida.

* * *

Finalmente ela conseguiu abrir o livro. Era hora do café, e aproveitaria os 15 minutos de intervalo para ler um pouco.

Estava ansiosa para saber o que havia no livro que lhe chamara tanta atenção.

E o que a deixava ainda mais surpreendida era que decidira comprá-lo, mesmo sabendo que era o último dinheiro que tinha. Em outros tempos, nunca faria isso. Se o seu marido soubesse, lhe arrancaria os olhos da face.

Mas ele não precisava saber! Afinal, não devia satisfações para o homem que trazia outra mulher para sua própria casa, mesmo sendo casado e tendo dois filhos para criar.

Calmamente, Jucimara sentou-se na cadeira de metal diante da mesa do café. Sentia-se estranhamente plena, não parecia a mesma mulher.

Algo nela parecia mudar, e muito rápido.

Ela pôs o livro encima da mesa e começou a ler:

“Sempre que sentires seu coração pulsar por algo que enche sua alma de grandeza, vá adiante. Não fique parado, esperando algo mais importante acontecer. As coisas mais importantes são sempre aquelas que nunca esperamos. A espera induz a desistência, o erro, a frustração. Portanto, se anime e ponha seus pensamentos no lugar o mais depressa possível. A oportunidade já chegou, basta você abraçá-la e vivenciá-la. Ela faz parte de você! Ela é você. Você é toda essa felicidade, mas também é a tristeza, pois tudo o que você cria, você é; e tudo o que você é, se expande para todo o universo. Se você é triste, é porque a tristeza está em você, é porque você cria a tristeza a todo o momento, com situações, palavras e pensamentos. O resultado é um sentimento perverso e destrutivo, mas que, por incrível que pareça, pode ser extremamente prazeroso. E esse é o grande mal. O prazer que a tristeza causa nas pessoas. O prazer da droga é o que o induz a usá-la. Com a tristeza chega o cansaço, a falta de vontade, e o vitimismo se faz presente. É preciso reavaliar o que precisa ser mudado. Sigamos o conselho de Cristo, que nos diz: Se seu olho lhe faz pecar, se ele lhe faz mal, arranca-o e joga-o fora. Se sua mão direita lhe faz pecar, se ela lhe faz mal, jogue-a para longe de ti, pois é melhor você entrar no Paraíso sem um de seus "membros", do que ter toda a sua alma jogada no inferno. Não se contamine. Exale a luz que existe em você. Exale e a vida do jeito que você a cria. E que crie sempre o melhor. É disso que a humanidade

precisa. É disso que você precisa.”

Jucimara leu apenas a primeira página do livro. Foi o que o curto tempo de seu café lhe permitira. Porém, era o suficiente para deixá-la com mil e uma coisas na cabeça, e um grande sentido de autoavaliação.

Jucimara guardou o livro dentro da bolsa e voltou para o trabalho, ainda com fome. Não havia comido nada, no entanto, sua alma estava saciada, não fosse o enxame de dúvidas que lhe afloravam a mente.

Mas, ela estava apenas começando ...

Dera a largada para uma grande reforma em sua vida.

Uma chama muito grande se acendia em seu coração.

Aos 38 anos, mãe de 2 filhos, e em seu íntimo, já separada de seu marido, Jucimara queria apenas recomeçar.

* * *

A tardinha, foi embora mais leve do que o habitual. O expediente havia terminado, e ela não havia notado, como também não notou, que suas colegas estavam mais quietas naquele dia. Na cozinha, pouco haviam puxado conversa com ela, como se adivinhassem o que ela estivesse sentindo.

Jucimara não sabia o que estavam pensando. Tudo o que sabia é que, depois de tanto tempo, algo parecia não se encaixar em sua imutável rotina.

Chegando em casa, fez as mesmas coisas de sempre. Deixou sua pesada bolsa no sofá. Dentro dela, o livro que comprara disputava espaço com boletos e apetrechos de maquiagem. Porém, Jucimara, cuidadosamente, colocou-o dentro de uma sacola para não deteriorá-lo, e logo depois, na bolsa.

E mais uma vez, dirigiu-se para a escola, a fim de buscar seus filhos.

Trouxe-os para a casa, alegre, conversando e rindo ao lado deles, perguntando-lhes como havia sido suas aulas. As crianças, notando a estranha alegria da mãe, perguntaram, quase que ao

mesmo tempo:

- O que aconteceu hoje, mamãe?

Jucimara olhou para os dois meninos, com um sorriso apagado no rosto. No entanto, mais feliz que o habitual.

- Não sei, meus filhos. Acho que sua mãe está mais sensível de uns dias para cá.

O menor sorriu:

- O papai lhe deu algum presente?

O maior, ouvindo a blasfêmia do irmão, repreendeu-o:

- Não diga besteiras, meu irmão! Desde quando nosso pai dá alguma coisa para nossa mãe que não sejam brigas, tapas e reclamações?

O menor abaixou a cabeça e Jucimara passou a mão sobre os cabelos deles, dirigindo a palavra ao mais velho:

- Não se revolte, meu filho. Não fique bravo por seu pai ser assim. Cresça e mostre que você nunca será como ele, e que ainda poderá ajudá-lo a ser uma pessoa melhor.

O menino franziu o cenho.

- Isso eu não lhe prometo, mãe. Nosso pai, é um monstro e monstros demoram para sair do armário.

Todos se aquietaram, e Jucimara sentiu um aperto no coração. Nunca havia escutado tais palavras da boca do filho:

“... e monstros demoram para sair do armário.”

Jucimara suspirou, lembrou-se de todas as surras sem motivo que ele dera nas crianças, e nela, apenas por estar frustrado com a vida, e conseqüentemente, bêbado. Ela não negava que no fundo de seu coração, desejava ver ele morto. Queria que Deus, ou algo que existisse no céu, fosse bom o suficiente com ela e com seus filhos e fizesse-o cair dentro de um bueiro ou quebrasse o pescoço em uma calçada qualquer, depois de um de seus porres.

Mas ela não era assim. Lutava contra seus monstros internos, dia após dia, para não se tornar um deles. Lutava contra sua raiva, contra o seu orgulho, a sua vaidade, para dar uma vida melhor para seus filhos e não fazê-los ficar sem o pai, pois sabia, por experiência própria, o quanto fazia falta a figura masculina

no desenvolvimento de uma criança.

E agora, com essa frase que ouvira sair da boca de seu filho, Jucimara sentia-se perdida. No coração, um aperto muito forte. Sua vida precisava de mudanças, e isso a deixava cada vez mais com medo. Seus filhos eram parte de si, não poderia deixá-los para trás. Se ela mudasse, eles também teriam que mudar. Porém, não seria fácil conciliar as coisas.

Seus filhos eram parte de si, mas não eram ela própria. E essas amarras a prendiam sem precedentes.

Jucimara, realmente, precisava de muita coragem para decidir ser feliz.

* * *

Seguiu para a casa de cabeça baixa, com os dois filhos, um de cada lado, segurando nas suas mãos.

Os meninos seguiam quietos. Percebiam o quanto a mãe ficara triste, depois de terem-na visto estranhamente alegre. Não era a primeira vez que a viam com aquela tristeza, mas, dessa vez, eles notavam uma tristeza nunca antes vista.

Jucimara estava apreensiva. Dentro do peito, um misto de cárcere e libertação a sufocava. Sentia-se como um prisioneiro prestes a receber sua carta de liberdade. Depois de um longo tempo na cadeia, tinha medo do que encontraria depois das grades.

Mas, de qualquer forma, isso não seria tão fácil. Teria que enfrentar um monstro humano. Teria que impor sua vontade acima de qualquer coisa para que o divórcio fosse cedido, e isso a assustava muito. Nunca ousara enfrentar o marido, e esse seria um dos passos mais importante a favor de sua própria consciência.

* * *

Chegou em casa e foi para o banho. As crianças foram para o quarto, onde dormiam juntas e apertadas, na mesma

cama de solteiro. Alguém havia batido na porta e o menino mais velho atendeu. Era o vizinho da casa da frente, mandando dar o recado para Jucimara que a defesa civil havia começado o toque de retirada e que todos tinham que sair daquela área, no prazo que seria estabelecido pelo juiz, dentro de poucos dias. O menino disse que daria o recado para a mãe e o vizinho se despediu. Jucimara tomou seu banho mais rápido do que de costume, e ao receber a notícia, ficou desolada. Sentou-se no velho sofá da sala e mandou seu filho para o quarto com o irmão, apesar da insistência do menino em ficar, no intuito de consolá-la.

E ali, na velha sala desarrumada, com as mãos enterradas no rosto, ela chorou amargamente.

Chorava por não ter um lugar para ficar, pois a prefeitura não falara em indenizar os futuros desabrigados. Chorava por sentir-se fraca perante as decisões que teria de tomar. Não sabia se conseguiria resistir. Parecia não ter forças suficientes para isso.

Por quê estes pensamentos de mudança? Justo agora que as coisas estão tão difíceis? Deveria continuar do jeito que estava antes. Esse era o jeito certo de se viver. A tristeza era uma coisa permanente na vida das pessoas, e ela tinha que aprender isso de uma vez por todas. A felicidade era uma utopia neste grande planeta de desilusões. Nunca havia sido feliz, por que seria agora? Deveria concentrar-se em dar o melhor para seus filhos. Mesmo que para isso, tivesse que aguentar seu marido beberrão por mais alguns anos. Ele não duraria muito tempo. Bêbados não podem ter tanta sorte. Um dia ele ficaria em maus lençóis.

E, nesse ínterim, Jucimara perdeu-se em meio as suas preocupações. A fé lhe faltara e ela não sentia-se encorajada sequer para continuar respirando. O ar entrava e saía com um peso imenso de seus pulmões. As aflições lhe assaltavam e a ansiedade era como uma morsa, lhe apertando o coração.

De repente, ela escutou um barulho vindo da porta. A maçaneta girou, e a figura que tanto lhe causava pavor apareceu na sua frente.

Ele a encarou com um olhar sombrio, e sem dizer nada,

seguiu para a cozinha, com a mochila onde carregava seus apetrechos do trabalho, ainda nas costas.

Jucimara nada fez. Continuou onde estava. Apenas enxugou o rosto para que ele não a visse chorando e esperou-o voltar.

Não demorou muito e ele estava de volta, com um copo de suco numa das mãos e um pedaço de pão com manteiga na outra. Sentou-se ao lado dela no sofá, e com uma forte mordida, farelos do pão se espalharam pelo chão que ela limparia mais tarde.

Jucimara apertava as mãos umas nas outras. Estava ansiosa. Precisava dizer algo, mas sentia um nojo extenuante daquele homem bruto ao seu lado. Menos mal que, dessa vez, ele ainda não havia bebido. Mas não demoraria muito para isso. Viera em casa apenas porque estava com fome. Era sempre assim. Nada mais lhe atraía ao lar; exceto a comida.

Finalmente, depois de algum tempo tentando criar coragem, Jucimara começou a falar, espontaneamente:

- Hoje o Roberval, vizinho da frente, esteve em nossa casa.

Ele franziu os cenhos, respondendo grosseiramente:

- E o que o Roberval quer enquanto não estou em casa?

- Ele veio nos avisar do inevitável.

Os olhos dele fumegaram. Seu semblante duro, agora ficara cruel, e Jucimara sentiu um arrepio cruzar sua espinha.

- Disse que a defesa civil quer todo mundo fora daqui. - Concluiu ela, soluçando de medo.

- Esse papo de novo! - Atalhou ele, ríspido.

- Não! - Disse ela, tremendo - Você não entende! Enviarão daqui a alguns dias o documento com o prazo de retirada. Estiveram na vila apenas para avisar. Querem nos preparar para o pior.

Ele rosnou e colocou o resto do pão na boca, dando um gole matador em seu suco, logo em seguida.

- Besteira! - E olhou para Jucimara taxativamente - Era só isso que você tinha para me dizer?

Os olhos dela se encontraram com os dele. Ela nunca sentira tanta repulsa por alguém quanto sentiu por aquele homem. Lembrou-se instantaneamente de todas as surras dadas nela e em seus filhos; de todos os palavrões, das vezes em que chegara completamente bêbado em casa, e do que ele fizera, na última noite, naquele sofá, onde eles estavam sentados.

Jucimara pensou em falar tudo o que estava sentindo. Todas as suas verdades. Que não queria mais aquele relacionamento e nem aquela vida. Que algo estava mudando dentro dela. Que queria que ele sumisse. Mas lhe faltou coragem e sua fé se extinguiu de vez. Todo o otimismo da véspera se transformava em migalhas perante a presença avassaladora do marido.

Jucimara abaixou a cabeça. Não adiantava lutar contra seus medos. Não naquele momento! Esperaria uma oportunidade melhor. Amadureceria sua ideia. Sofreria, mas analisaria todas as consequências. O momento ainda não havia chegado, mesmo com seu coração lhe dizendo o contrário.

Jucimara meneou a cabeça afirmativamente, e antes que ela dissesse mais qualquer coisa, aquele homem, que ela ainda chamava de marido, mas não o sentia como tal, ergueu-se de onde estava e saiu pela porta, sem lhe dar satisfação.

Ela colocou a mão no peito. Sentiu um aperto muito forte. Sua consciência lhe cobrava algo. Algo que ela deveria ter feito e não fez. Preferiu estancar o caminho. Sentiu-se cair ao pó da terra sem forças para se reerguer.

Os olhos de Jucimara marejaram, uma tristeza enorme tomou conta de sua alma. Dentro de sua bolsa, encima da velha cômoda, ela tirou o livro que comprara e abriu na página onde parara de ler. Precisava urgentemente de uma recarga de otimismo em seu coração.

*S*empre acredite naquilo que você acha imprescindível. As coisas mais sublimes de nossas vidas são as mais improváveis. São aquelas que você nunca, jamais, esperou que acontecessem. Por certo, acontecem por sua conexão com aquilo, naquele momento, mesmo que seu eu consciente não saiba disso. A vida não é apenas consciência e exatidão. A vida é energia e movimento. Geralmente, queremos coisas das quais não precisamos e que não contarão pontos na grande prova da vida. Precisamos daquilo que nos faça evoluir moralmente, espiritualmente e intelectualmente, e o universo, por ser a própria personificação divina, sabe com exatidão os desejos e necessidades de cada um. Só atraímos aquilo que desejamos se assim for conveniente ao nosso aprimoramento como seres divinos. A vida é um grande caminho a percorrer, e não pense que ela termina na linha de chegada. A verdade, é que, assim como um corredor precisa disputar diversas corridas para mostrar o seu talento e ser reconhecido por seus fãs e dirigentes, nós, como determinados atletas da existência, precisamos mostrar ao universo o quanto estamos preparados para subirmos a um nível superior de aprendizado.

A existência é um mistério apenas para aqueles, cujo coração, ainda não conheceram a si mesmos e a vida que lhes circunda. A maioria dos cientistas e dos ateus possuem essa pendência consigo mesmos, e por isso sofrem tanto com a ideia de que seus frágeis veículos corpóreos um dia deixarão de existir.

Precisamos urgentemente conhecer a nós mesmos. Somente assim, as portas para os demais conhecimentos estarão abertas. Todo o conhecimento que se inicia de fora para dentro é limitado e possui prazo de validade. Porém, todo aquele conhecimento que se inicia de dentro para fora é imperecível em todos os aspectos.

Ame a si mesmo, e amarás o mais miserável dos homens. Ame a si mesmo, e verás que a raiva das pessoas não lhe atingirá, pois tudo o que vem de fora não pode penetrar em você sem a sua permissão. Ame a si mesmo e passará a amar o mundo, as pessoas e a natureza. É uma experiência sublime, renovadora, diferente de tudo o que podemos conceber.

Mas não pense que é fácil a luta empreendida nessa jornada. Uma das piores lutas que o homem já empreendeu não foram as guerras

Por outros caminhos

e nem a política, mas sim, a luta com o próprio eu.

É preciso muita renúncia para chegar ao menor grau de “amar a si mesmo”, e mesmo assim, na maior parte das vezes, o temos apenas por alguns instantes, e vemos ele escapar por entre nossos dedos, como grãos de areia.

Porém, apenas um “sentir” dessa energia lhe renovará, e fará com que sua vida se transforme completamente. E no momento em que sentires apenas uma fagulha deste sentimento, verás que, apesar de todos os sofrimentos e empecilhos que surgem, os caminhos estarão abertos para você; e em um tempo recorde, dependendo de sua determinação, terás alcançado um nível extraordinário de “amar a si mesmo”, e você começará a amar o mundo, a natureza, e as pessoas que um dia você achou não serem dignas do seu amor. Amarás seus inimigos, pois verá neles um irmão de luta, e no momento em que conseguires alcançar a este patamar, sua existência estará cheia da luz divina do universo, e você poderá entender boa parte das palavras de Cristo, Buda, Krishina, e outras tantas almas iluminadas que passaram por este planeta.

Doutrine a si mesmo. Doutrine sua alma. Sinta o vento no seu rosto e doutrine ela com isto. Sinta a água descer por seu corpo em um banho tépido em seu chuveiro ou em sua banheira e doutrine ela com isto.

Sinta o perfume das flores, e doutrine ela com isto. Use não apenas os elementos internos, mas os elementos externos, que são uma cópia de tudo aquilo que existe dentro de nós. A única diferença é que podemos vê-los, tocá-los; no ar, na terra, no fogo e na água, nos quatro elementos da natureza, que fazem parte de nós e devem ser usufruídos em nosso crescimento como seres humanos.

O amor entrará em você, no momento em que você acordar e enxergar a sublime beleza do pôr do sol.

* * *

Jucimara recostou-se no sofá. Colocou o marcador de livros entre as páginas, onde havia parado de ler, e o pôs encima da velha cômoda.

Tudo o que havia lido era tão complexo e tão... Verídico.

Seria esse mesmo o sentido da vida? Viemos a este planeta

para sermos felizes e fazermos os outros felizes? Mas como conseguir isso sem que fosse preciso dispendir grandes esforços e tantas infelicidades de nós mesmos? Teria que haver um jeito mais fácil.

Pensava ela.

Jucimara estava extasiada. Até mesmo a chateação que sentia por seu marido havia passado.

Recostada no sofá, um sorriso nascia em seu rosto, pois sentia aquele sentimento retornar ao seu coração em espessas fagulhas de otimismo.

* * *

Era difícil compreender o que passava dentro de si. Não conseguia parar de ler aquele livro que parecia ter sido enviado dos céus, exatamente em um momento, onde as dúvidas que todo ser humano sente a certa altura de sua existência, lhe assaltavam de súbito.

Jucimara ainda duvidava de todos aqueles sentimentos e sentia-se confusa quando precisava agir ou pensar conforme o que aprendia.

Um caminho que parecia tão belo não deveria ser tão tortuoso.

Dizia com sinceridade, para sua própria alma.

* * *

A noite chegara, e os seus olhos continuavam a fitar o livro que comprara e devorara, quase que por inteiro, em apenas um dia.

“Os sonhos não podem morrer nas algemas do corpo”

Dizia o autor.

“A vida deve ser o alimento de uma alma sadia”

Jucimara sorria. Achava coerente aquelas palavras. Olhava para a sua vida e enxergava a falta de todas aquelas aplicações. E se praticasse tudo o que estava lendo? Mudariam algo? Seria tão

fácil quanto parece?

Obviamente, ela achava que não.

“Não sorria com a boca, sorria com a alma. Sorria com a boca apenas quando sua alma sorrir. Ou seja, se seus olhos brilharem, sua alma sorrirá, e não precisará estar na frente de um espelho para saber disso, pois seu coração lhe avisará, através das transmutações de sentimentos. Sua boca então sorrirá, esse será a verdadeiro sorriso de sua alma, e se você não sentir-se angustiado, crerá que está no caminho certo.”

Jucimara suspirou. Precisava aprender a sorrir com a alma. Mas como sorrir com a alma se estava tão machucada, abandonada e ressentida? Como sorrir onde só havia tristeza?

E então ela leu:

“Não sorria apenas para quem você acha que deva sorrir. Sorria para todas as pessoas. Mas não estou falando de sorrir com a boca. Sorria com os olhos. Você atrairá apenas coisas boas para você. Não se importe quando algumas pessoas não lhe entenderem. Lembre-se que o propósito é trazer apenas as coisas boas para você e afastar as coisas ruins. As coisas ruins se arranjarão por elas próprias, e talvez um dia, possam ser dignas de seu sorriso e compartilhar de sua bondade. Porém, por enquanto, sua parte está feita, e seu sorriso continuará atraindo aquilo que você mais deseja. Sorria, sem distinções.”

Jucimara sentia-se uma outra mulher.

Mas como sorrir para todas as pessoas? Como aprender a sorrir onde há apenas a vontade de chorar? Se precisava sorrir para ser feliz, como não sorria, pois não tinha vontade, seria, ela, infeliz, até aprender todas essas lições?

Seria muito difícil conciliar esses sentimentos dentro de si. Eram duas feras numa mesma jaula: a razão e a emoção, e Jucimara os assistia brigarem dentro de seu coração.

Amor, carinho, vontade, bondade, alegria, tristeza, repulsa, raiva, intolerância, orgulho. Todos pareciam apresentar-se no mesmo palco, e ela, assistia a tudo, ansiosa, em uma poltrona nada confortável, do grande salão vazio de sua alma.

“Saiba amar e perdoar. Talvez seja difícil para você agora, mas

quando olhares o sol nascer e depois o rosto de qualquer um dos homens que lutam debaixo dele, verás que estás mais perto do que imagina.”

Como conseguir algo tão sublime se estava inundada num mar de tristezas, raiva e solidão?

“Acredite primeiro na sua capacidade. E como acreditar em sua capacidade? Pois bem, apenas pense: como pode uma caveira falar? Isso seria fácil de explicar se não fosse a magnífica energia que existe dentro de você: grande, intrínseca e especial. É essa energia que faz você falar.

- Um tanto sinistro. - Murmurou Jucimara, sentindo mudar o seu humor. - Mas convincente.

Seus olhos agora sorriam. Sua alma sorria e ela pôde praticar uma das grandes lições daquele maravilhoso manual do bem viver, sem ao menos se dar conta disso.

Sentiu uma energia invadir seu peito. Era algo contagiante e silencioso ao mesmo tempo. Não sentia vontade de correr, mas sim, de se escorar e ouvir apenas os grilos que cantavam em coroa na rua; o silêncio da noite entoando a mais bela canção do universo. Sentiu vontade de prestar atenção naquela corrente invisível que passava incessantemente por suas veias, em contínuo movimento, que a fazia estar viva. Sentiu, então, o relaxamento tomar conta do seu corpo, e ela inspirou e expirou o ar de seus pulmões ao recostar a cabeça no velho sofá.

Jucimara fechou os olhos e foi surpreendida por si mesma, pairando sobre seu corpo. Ela sentiu medo, ainda não estava preparada para tanto, e imediatamente, voltou ao seu corpo, com o coração aos pulos e ofegando intensamente.

Seu filho assistia a tudo, parado na porta do seu quarto. Com os olhos rasos d'água, ele olhou carinhosamente para sua mãe, e demonstrando preocupação, aproximou-se dela e falou:

- Mamãe, eu achei que a senhora havia morrido.

Jucimara engoliu em seco, e com a voz embargada, perguntou:

- Por que, meu filho?

- Porque eu vi você deitada no sofá, com uma outra da senhora encima de sua cabeça.

Jucimara sentiu as palavras do filho latejarem em seu

coração. Ele já sabia de tudo. Talvez, já soubesse deste fenômeno sem sequer ter lido ou estudado em algum lugar. Estava tudo em sua alma; e instantaneamente, lembrou-se de algo que lera no livro, pousado encima da cômoda:

“Nunca subestime as crianças. Elas escondem segredos e conhecimentos muitas vezes inatingíveis pelos adultos. As crianças são os maiores eixos entre o céu e a terra que podemos conceber. Se elas dizem, está dito. O medo ocasionará a discordância das palavras dos pequenos. Para muitos adultos, será a única forma de se livrar de situações que os embarcem e fujam de seu próprio entendimento.”

Jucimara ficou atônita. Realmente, poderiam existir muito mais coisas entre o céu e a terra, e isso começava a deixá-la transtornada.

Sem hesitar, ela dirigiu-se ao seu quarto, deitou-se na cama, e de onde estava, com a porta aberta, viu seu filho ir para o seu quarto e fechar a porta vagarosamente, olhando para ela sem desviar os olhos.

Aquilo que ele lhe dissera havia mexido profundamente com sua alma.

E agora, diante de tudo isso, Jucimara mudava por completo o modo de enxergar a vida. A fé, essa transformadora de gentes, agia sem delongas, transformando o rumo de sua existência, depois de seu filho ter lhe provado, o que nunca ninguém poderia lhe provar.

* * *

Agora, Jucimara se encontrava encerrada dentro de seu quarto, apenas aguardando a decisão que sua consciência tomaria quanto ao rumo de sua própria vida. Dentro do peito, uma incerteza muito grande aflorava.

O que realmente seria a vida? O que viemos fazer neste grande, e ao mesmo tempo, tão pequeno planeta? Por que estamos aqui e não em outro lugar? Por qual motivo existe tanta injustiça e maldade? Por que as coisas boas não aparecem tanto como as coisas ruins?

Jucimara divagava intimamente, como se as respostas pudessem vir de uma hora para outra para retirá-la do mar de dúvidas em que navegava. Mas não era bem assim. Os maiores sábios que já haviam passado por este planeta sabiam disso; e Jucimara, de certa forma, também sabia, que nada chega pronto para nós. As batalhas da vida ensinaram ela e todos os sábios terrenos que é preciso lutar para buscar o que se quer; aprender a conquistar, quando muito se deseja, correr riscos e abrir mão do que lhe interessa em busca do que lhe interessa ainda mais.

Tudo o que viveu até ali havia lhe ensinado muito. Os sofrimentos, as lutas, as dores físicas e emocionais que teve ao lado do primeiro e do segundo marido em seus 38 anos de vida. Tudo isso havia lhe ensinado que devemos correr atrás do que queremos, e que, se tivermos medo, ficaremos estagnados dentro de nossos próprios sofrimentos.

E isso também é uma escolha.

Jucimara, por alguns instantes, se pegou contemplando tudo o que havia vivido até ali. Seus pensamentos se misturavam as lembranças do passado e a crise existencial que vivia atualmente, mesclada aos últimos aprendizados que obtivera por intermédio de sua própria curiosidade, acionada por um despertar espiritual imprescindível.

Por instantes, que lhe pareceram eternos, ela agradeceu por todos os sofrimentos, e contemplou sua própria evolução, de olhos bem abertos e de consciência limpa.

Jucimara sentia-se plena e dona de sua própria felicidade. Naquele momento, ela entendeu que nada neste universo é por acaso, e que não estamos neste mundo a passeio. Seus maridos, seus amores, seus filhos haviam ensinado isso a ela. Ela própria havia lhe ensinado que, para amar, é preciso se doar; que para ser feliz, é preciso passar pelas barreiras da tristeza e das amarguras e que não podemos sair e chegar ao nosso destino sem que o pó do caminho acabe por deixar suas marcas no chassi de nossas almas.

Jucimara sentia-se livre, leve, até que, sem mais nem menos, sentiu-se afundar em seus próprios pensamentos outra

vez, e, como Pedro, há mais de dois mil anos atrás, desesperou-se e agarrou-se naquilo que mais acreditava, sem crer que aquilo realmente poderia lhe salvar de se afogar no lago de suas próprias confusões.

* * *

Jucimara dormiu, e sonhou, e nesse sonho ela corria por um vasto campo esverdeado. Ela sorria, podia sentir seu espírito pular por onde realmente acreditava estar. Sentia uma alegria infundável, sem razão nem circunstância de ser. Sentia seus pés descalços tocarem a grama fofa e bem conservada do belo jardim. Árvores frutíferas de todas as espécies formavam um bosque que se perdia entre a paisagem arrebatadora. Pela primeira vez, desde que pisou no planeta terra, ela sentiu-se verdadeiramente feliz. Algo pulsava dentro de si e a impulsionava a buscar ainda mais essa felicidade que exalava em cada poro do seu ser. Não via os filhos, nem o marido e nem ninguém que pudesse fazê-la sofrer; só havia ela naquele lugar, e uma sensação de extrema alegria.

Jucimara estava livre, sentia-se livre, e isso era o que bastava.

Ao seu redor, pássaros de todas as cores voavam sem parar e cantarolavam edificantes canções. Estaria no paraíso ou em apenas um sonho forjado por sua própria mente? Ela não sabia. Tudo o que sabia era que a sensação de liberdade era intensa, e durante aqueles minutos, esqueceu por completo que um dia fora uma sofredora que vagou como muitos, arrastando-se pela terra.

Sentindo o vento bater no rosto, Jucimara fechou os olhos e os abriu novamente, de braços abertos, contemplando toda a beleza daquele lugar e meditando na paz que sentia. De pronto, ela avistou um rio, que passava tranquilamente, como um leve sopro, ao seu lado. Aquele rio não estava ali antes, mas ela sorria, e não surpreendia-se com a repentina aparição. Apenas debruçou-se sobre o leito e tocou a água cristalina com uma das mãos. De onde estava, podia ver os pequenos peixes andando em

cardumes de um lado ao outro da margem.

Ficou por alguns minutos ali, fazendo ondinhas na água e lembrando das vezes que fazia isso na banheira de sua tia, quando era criança. Nunca fora num rio, não sabia como era sentir as águas naturais do planeta banharem seu corpo e encherem sua alma da riqueza das extraordinárias ondinas* flutuantes. E como era bom sentir sua mão tocar o leito do rio. Sentia a energia das águas entrar pela ponta de seus dedos e atravessarem todo o seu corpo. Quando se banhava na banheira de sua tia, sentia algo parecido, mas não era tão belo, tão puro, tão intenso. O contato direto com a natureza tinha seus próprios fluídos.

Jucimara olhava para a água e via seu próprio rosto num espelho excepcionalmente natural.

Sentiu vontade de mergulhar, de se atirar naquela água límpida e vistosa. Porém, inexplicavelmente, sentiu medo e suas mãos começaram a tremer. Como entraria, se não sabia nadar? Nunca tivera a chance de aprender, e nunca teve alguém que lhe ensinasse. Novamente, sentiu o sentimento da véspera. De repente, sem mais nem menos, o que era belo tornou-se feio e ela viu o rio límpido e incolor, transformar-se em um rio poluído e mal cheiroso. A paisagem bela que antes presenciava, cheia de pássaros, árvores e um vasto campo verde, tornou-se a paisagem de sua rua, cheia de casas amontoadas e pessoas de cabeças baixa, sentadas em frentes de suas casas e calçadas, vibrando as suas frustrações.

Jucimara sentiu o desespero tomar conta de si. Havia perdido novamente sua fé, e quando acordou, estava deitada no chão da sala. Adormecera ali mesmo, quando sentira, o que sentia novamente, naquele momento.

* Ondinas flutuantes é um nome dado livremente pelo autor para as famosas ondinas. Elementais que representam o elemento água, presentes nos estudos mágicos e holísticos.

Acordou extasiada e com um estranho sentimento no peito. Por poucos instantes, havia experimentado, o que, talvez, tantos sábios buscaram sentir durante toda as suas existências. E agora, tudo não havia passado de um sonho.

Sentia-se confusa, mil coisas passavam em sua cabeça porém, mantinha o foco nas boas lembranças que haviam ficado daquilo que sua alma vivenciara. O rio, com suas águas cristalinas, sua mão tocando a bela margem esverdeada. O belo campo florido, os pássaros, os cardumes de peixes, o ar puro da floresta; a mais bela canção do universo.

Jucimara ansiava por conhecer as coisas que sentia. Ansiava conhecer a si mesma, e para isso, buscava as respostas dentro de um livro.

No entanto, a vida de aprendizado bruto ainda a acompanhava, ferindo sua mente e sua existência. Jucimara sonhava, sentia, desejava, mas olhava ao seu redor, e se via casada com o mesmo homem, na mesma casa e no mesmo lugar. As coisas não haviam mudado muito desde suas novas descobertas. Por alguns instantes, sentiu a frustração tomar conta de si, e um grande sentimento de derrota invadiu cada poro do seu ser. Olhou para o livro encima da velha cômoda, e por um momento, sentiu raiva de tudo que estava escrito naquelas páginas.

Não era possível que tudo o que lera pudesse ser verdade. A vida parecia tão fácil. Com certeza, quem o escreveu, nunca havia passado o que ela passou. No mínimo, devia ter sido um “riquinho” que cresceu com todas as facilidades da vida, e por isso, escrevia coisas que somente pessoas como ele poderiam realizar.

Jucimara fraquejara. Sentia-se farta. Era melhor parar de sonhar, de ler e de sentir esse monte de bobagens que vinha sentindo nos últimos dias. Estava alucinada por aquela leitura e deveria parar imediatamente. O sonho que tivera havia sido um aviso de que deveria voltar para sua vida novamente. O final do sonho evidenciava tudo. Aquela era sua realidade e não adiantava fugir disso. Assim era a vida que pessoas como ela

levavam. A raiva, a desilusão, o sofrimento faziam parte do seu cotidiano e do cotidiano de muita gente que nem sequer pensava em conhecer. Por quê reclamaria agora, a essa altura da vida? E além do mais, estava beirando os quarenta. Seria difícil voltar atrás e consertar todos os erros do passado.

Sem hesitar, ela ergueu-se de onde estava e pegou o livro de cima da cômoda, e dirigindo-se até a cozinha, jogou-o na lata de lixo. Deveria parar imediatamente com aquilo ou enlouqueceria. Sua vida não dependia de um conglomerado de palavras, mas sim, do esforço do seu trabalho, do seu suor na cozinha daquele restaurante e na tolerância com o seu marido, no intuito de fazer com que seus filhos não passassem ainda mais dificuldades. Jucimara se sacrificaria e acabaria com tudo aquilo, e também, sem perceber, com sua vida e com a sua própria felicidade.

* * *

Um sentimento de completa incapacidade apossou-se dela pelo resto da noite. Seu marido não aparecera em casa e notara que seu filho mais velho viera lhe observar, diversas vezes, na porta de seu quarto, que deixara entreaberta.

Depressão: ouvira falar tanto dessa doença que assolava o mundo. Havia lido algo sobre isso num jornal e descobrira que a falta de um hormônio no corpo, chamado serotonina, era o causador de todas essas desavenças emocionais. Porém, um pensamento lhe martelava o cérebro.

Será que os cientistas, com todas as suas parafernálias para pesquisas, podiam descobrir o que se passava dentro dela, naquele momento?

Seria, o que estava sentindo, a falta de hormônios que equilibrassem seu metabolismo emocional, apenas?

Será que todas as imagens que presenciou naquele sonho não passavam de uma confusão de estímulos hormonais?

Jucimara não sabia. Seria preciso alguém provar isso a ela? Disso, ela também não sabia.

Passou a noite em claro, e quando acordou pela manhã, sentiu um sono ferrenho. Porém, não podia ficar em casa, precisava trabalhar. Agora, mais do que nunca, visto que havia descoberto que a vida não era um mar de rosas, como dizia o livro que havia jogado no lixo.

A vida era sofrimento e labuta, já dizia a pessimista formiga.

E era assim que Jucimara se sentia: como uma formiga. Apenas mais uma delas, em um “imenso formigueiro.”

Porém, o que formava esse “imenso formigueiro?”

A presença de cada um, é claro.

No entanto, não existe distinção entre uma formiga e outra, desde o pé ao topo do formigueiro.

E era assim que assemelhava-se. Somente mais uma formiga, do pé ao topo do grande formigueiro.

As formigas possuem sua rainha, e no interior da grande montanha que organizam, lá está ela, sentada, observando seus súditos, e reproduzindo mais deles, apenas.

As formigas são um grande exemplo de organização, tolerância e disciplina, porém, são todas iguais. Não possuem diversidade de pensamentos e possuem um baixo patamar de intelectualidade.

Definitivamente, elas não são exemplo de interiorização.

As borboletas são melhores. Nascem como lagartas, arrastam-se por um tempo e depois interiorizam-se num casulo, até alçarem voo, com suas asas multicoloridas.

As formigas representam nossa vida externa, o nosso corpo físico, mas não devemos segui-las, definitivamente. Devemos, sim, observá-las e aprender com suas virtudes, pois elas apenas obedecem ordens e as cumprem, sem questioná-las.

As borboletas representam a nossa vida interna, a nossa alma, o espírito, o ser transcendental que existe dentro de cada um de nós. A borboleta nos ensina a interiorização. Nos mostra que de um ser rastejante, podemos alçar voo, como um ser livre.

Mas, para isso, precisamos entrar em nosso próprio casulo e lá ficarmos até o tempo que nossas asas estiverem formadas. Só então, poderemos voar e alcançar o próximo estágio da vida.

As formigas, são exemplo de determinação e disciplina. As borboletas, de interiorização e evolução; eis o abismo que as separam e as tornam seres completamente distintos, tanto na natureza quanto na simbologia humana.

E era este o ponto em que Jucimara precisava chegar. Apesar de ser longa a caminhada, ela precisava aprender a deixar de ser uma formiga e passar a ser uma lagarta. Logo depois, entraria em seu casulo e revolucionaria sua vida, alcançando, por fim, as asas da liberdade.

Porém, a vida lhe cobrava muito, e suas funções como operária do mundo pareciam estar longe de acabar.

Quando deixaria de ser uma formiga, entre tantas, e se tornaria uma borboleta única, colorida, a voar, livre, pelos jardins da existência?

Não sabia responder. Tudo o que sabia, era que o formigueiro, a grande imaculada metrópole, lhe chamava, e ela precisava, em mais um dia de sua vida, mostrar disciplina, determinação e trabalho ... Muito trabalho, mesmo com os olhos inchados e querendo que o mundo deixasse de existir.

No entanto, com esse pensamento, Jucimara desprezava o óbvio.

Como poderia ela pairar em um universo onde existisse apenas o vácuo? Como poderia uma formiga existir sem o seu formigueiro? Isso era atributo apenas das borboletas, e Jucimara precisava terminar a primeira experiência para depois partir para a segunda, e conseqüentemente, a terceira.

Porém, como fazer todas essas coisas? Como evoluir tanto em tão pouco tempo?

Pois bem, seu tempo de formiga ensinaria isso a ela. A tolerância é o grande atributo das operárias da natureza, e a disciplina também. Nada passaria despercebido, e o que Jucimara não conseguisse atingir, de forma alguma seria usado para sua própria interiorização. Uma próxima oportunidade

seria dada. Seus dias de formiga lhe ensinariam a ser a lagarta que se interioriza em seu casulo e depois se torna a bela borboleta, que a humanidade, consciente ou inconscientemente, busca ser.

* * *

Cambaleante, dirigiu-se ao trabalho. Sua cabeça doía e seus pensamentos desconexos faziam-na tontear.

Mas o pior estava dentro de si. A tristeza aplacava qualquer vestígio de fé e alegria que pudesse existir em seu coração. A partir de agora, as coisas voltariam a ser o que eram, e não parecia haver saída para isso. Até agora, Jucimara havia criado uma fantasia ao redor de uma bela ideia. Seria muito fácil se a vida das pessoas fosse tão prática, como revelava aquele livro.

Mas, segundo o que vivia, não era! A vida é e sempre foi um campo extenso de batalhas onde o que mais se destaca é aquele que mais luta, e os outros vão ficando para trás, com suas ignorâncias e fracassos.

Há! Como essa ideia lhe entristecia o coração. Sua mente parecia se agarrar com unhas e dentes aos pensamentos mais pessimistas sobre a existência para justificar suas faltas, e Jucimara, agora, se permitia a isso. Antes, sua mente parecia lhe obedecer, e seu coração tinha tomado voz, depois de muito tempo em silêncio. Mas agora, sua mente havia tomado as rédeas novamente, e seu coração, tímido e bondoso, aquietou-se, evitando assim mais conflitos.

A competição por quem chega primeiro, quem se destaca mais no trabalho, nos amores, na vida ... Como isso deixava Jucimara sem expectativas, sem esperanças e triste ... Eram sentimentos negativos que a transformavam em um campo aberto para sentimentos avessos.

No caminho para o trabalho, quase dormindo sobre as pernas cambaleantes, raciocinava coisas que até então nunca havia pensado. Coisas boas e ruins; edificantes e destrutivas. Sua cabeça havia se tornado um emaranhado de confusões sobre si

mesma.

Jucimara, mais do que ninguém, sabia que sua vida não era exemplo para ninguém, muito menos para ela mesma. Deveria acomodar-se onde estava. O sofrimento é a base da vida; já havia escutado o padre falar numa das missas em que fora com sua tia, quando ainda era criança. E ele estava certo. A felicidade era uma utopia. Nem mesmo Cristo, em toda a sua bondade, tinha sido feliz em sua jornada. Nem mesmo ele que ...

Jucimara parou por alguns instantes. A afirmativa que fizera a si mesma era muito incoerente. Como Cristo não poderia ter sido feliz, se dizia: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei?”

Mas ele sofreu, e nunca ninguém no mundo poderá ter sofrido como ele. Mas, mesmo assim, quem pode afirmar que Cristo não fora feliz? Afinal, a renúncia era sua felicidade, seu plano de vida, e via em seus discípulos a grande esperança para a humanidade, e via na humanidade, a grande esperança para o mundo.

Cristo havia vivido sua vida com amor e sabedoria, e deveras, se considerava um homem feliz por isso.

Mas Jucimara não se considerava uma mulher feliz. Está certo de que a vida não havia sido generosa com ela, principalmente, se tratando de amores. Mas, indubitavelmente, todas essas coisas não haviam sido resultados de escolhas feitas por ela mesma? Teria Jucimara sido mais feliz, se fosse mais prudente em suas escolhas afetivas?

Acreditamos que não, pois, apesar do que sentia, todas as suas escolhas foram condizentes com a forma de vida que levava e com a sua maneira de enxergar o mundo, e ela, e nem ninguém, sabia exatamente a dimensão do sentimento que movia o coração do homem que foi pendurado numa cruz por amor ao próximo.

Todas as coisas que existiam em sua vida, eram resultados do que fora um dia, e se não lhe cabiam mais, era por que algo nela havia mudado. Portanto, precisava, de uma vez por todas desapegar-se das coisas que lhe faziam mal e que mantinham sua

alma acorrentada a sua antiga forma de viver.

O trabalho, o marido, aquela vida, eram apenas algumas das coisas que precisavam ser deixadas para trás. Se não lhe traziam felicidade e nem prazer de viver, já não valia mais a luta. Jucimara precisava aprender o quanto antes essa lição. No entanto, não enxergava mais com os olhos da alma. Sua ascensão havia sido muito rápida e sua queda, mais ainda.

Talvez, ela voltasse a sentir novamente a felicidade e o amor, como estava sentindo antes. Porém, nem ela mesma sabia quanto tempo ainda levaria, afogada naquela tristeza.

Nesse ínterim, aprenderia novas coisas, é claro; principalmente, a de sair do seu modo cíclico de viver. Ou seja, repetir incansavelmente as mesmas coisas que já havia visto, sentido e lamentado, até tornar-se estafante, a ponto de seu próprio corpo lhe atribuir doenças, em advertência.

* * *

Parou em frente ao restaurante, com as mãos nos bolsos da surrada calça jeans. Quinze minutos de caminhada eram suficientes para chegar até ali. Com os olhos semicerrados, contemplou a fachada do restaurante onde trabalhava há quase 5 anos, e um estranho sentimento lhe irrompeu no coração. Mesmo tropicando de sono, tinha bom raciocínio e sensibilidade. E, sentiu, agora, mais do que nunca, que, depois de tantos anos, não queria estar mais naquele lugar. Indubitavelmente, aquilo não mais se encaixava com sua maneira de ser.

De onde estava, viu a janela da cozinha e suas colegas de trabalho rirem de alguma piada que estavam contando. As mesmas piadas que há muito tempo ela não achava mais graça, mas, fingia rir, para mostrar que continuava a mesma pessoa e que nada havia mudado dentro de si. Mas não! Algo dentro dela havia mudado, e por certo, há muito mais tempo do que ela imaginava.

Quis entrar no restaurante, começar o seu dia de trabalho,

mas não conseguiu. Não tinha forças físicas e nem mentais para isso.

Porém, o que mais lhe travava, era aquele forte sentimento. Sentia que aquela sensação a mantinha amarrada, com os dois pés plantados na calçada. Se entrasse, seu decreto estaria assinado, e seria difícil reverter a situação.

Estaria condenada por sua própria consciência.

Jucimara estava numa encruzilhada. De um lado, as necessidades: os dois filhos, a casa, o marido, sua vida, seus planos ... Precisava trabalhar. De outro, a necessidade de ter um tempo só para si, de conhecer a si mesma, de parar, de pensar na vida, de procurar a sombra de uma árvore e descansar.

Nunca viu-se tão perdida em toda a sua vida.

Estava crescendo, e as dores do crescimento são inevitáveis.

Sentou-se na calçada e pôs a cabeça entre os joelhos. Sentia uma vontade imensa de chorar, mas não conseguia, pois, no fundo de sua alma, estava feliz por não ter mais que enfrentar toda a labuta e a frustração de ver seus dias repetindo-se, um após o outro.

Porém, o peso da culpa lhe esfacelava o coração. Não poderia deixar o seu emprego daquela forma. Não quando se tinha uma vida com tantas escolhas feitas e outras ainda à serem tomadas.

Mas, o que tanto a preocupava? Um marido que lhe tratava mal? A casa que estava condenada? Os dois filhos que lhe amavam e que ela tanto amava? Ou sua própria sobrevivência?

Jucimara tinha contas para pagar, como todos. Tinha uma casa, marido e filhos para criar. Porém, não tinha felicidade. E o que era a felicidade? Não seria algo relativo com o que nós vivemos ou fazemos parte e que agrada o íntimo de nosso ser? Não seria a própria empolgação por algo que ainda nos acrescenta algo? Não seria a felicidade, a busca pela própria evolução? Não seria o ser humano a identidade de sua evolução, e quando a perdesse, caísse num mar de frustrações e tristezas?

Jucimara não tinha certeza. Estava ainda engatinhando

em todos esses conhecimentos.

Pensou no livro que comprara, e que até certo ponto, estava ajudando-a a desvendar boa parte de suas dúvidas. Lembrou-se dele, na lata de lixo, onde colocara, depois de perder o controle de suas próprias emoções, após uma extrema crise de fé, causado por um belo sonho, que terminara mal, como quase tudo em sua vida.

Novamente ergueu os olhos para cima e enxergou a fachada do restaurante. Via pessoas entrarem e saírem de dentro dele. Algumas sorriam, alegres, outras, carrancudas, esmigalhando suas ilusões nas frustrações do dia-a-dia. Sentiam-se como ela? Será que essas pessoas tinham os mesmos questionamentos que ela? Amavam, sentiam raiva, ciúme, orgulho e dúvidas sobre a vida?

Devia ser hora do almoço, e por certo, seus patrões já haviam lhe dado falta pelo dia não trabalhado. Eles descontariam do seu salário, e depois, pediriam esclarecimentos. Isso a deixava muito nervosa. Não gostava de chegar atrasada, e muito menos faltar ao trabalho. Sentia muito medo da reação das pessoas, como se elas nunca fossem lhe perdoar. Mas agora já estava feito. Havia perdido a hora. Ficara sentada na calçada, e por sorte, nenhuma de suas colegas havia notado sua presença ali.

Ergueu-se de onde estava. Nada que pudesse fazer faria o tempo voltar atrás. Voltaria para sua casa e dormiria o resto da tarde, pois seu marido não estava lá para lhe chatear. Depois, buscaria seus filhos na escola; mas não antes de resgatar o livro que havia jogado no lixo.

Sua alma novamente ansiava por algo, e esse algo fazia seu coração pulsar de uma forma diferente.

De repente, sentiu uma nova energia tomar conta de si. Algo que lhe tirou o sono e a fez seguir adiante, lhe tirando daquele lugar, sem arrependimentos. Algo que ia e vinha dentro do seu coração; e sempre que chegava, lhe tornava uma pessoa extremamente feliz e agradecida.

Chegou em frente a sua casa e o que viu fez rasgar o véu, que até então, encobria a sua alma.

Seus dois filhos estavam na rua, misturados a um mar de pessoas revoltadas, que gritavam umas com as outras e com homens que vestiam coletes amarelos e calças alaranjadas. Tratores estavam dispostos em frente as residências enquanto todos se acotovelavam ao redor.

O tempo havia se esgotado e os dias para o despejo haviam sido abreviados. A prefeitura exigia a retirada de todas as pessoas daquela área. Os tratores evidenciavam o caos, e os homens amarelo-alaranjados, o fim da vida de toda aquela gente.

Todos, inclusive Jucimara, ficariam sem um lugar para morar, e a prefeitura não prometera indenizar ninguém.

O clima estava pesado. Fumaça negra azulada subia para o céu, expelida dos escapamentos dos tratores. Confusão, falatório, e a polícia, que pouco antes de Jucimara chegar, havia chegado ao local, onde havia muita gente, indignada com a decisão imposta pela justiça. Um ambiente de extrema confusão estava formado, e tudo aquilo contrastava com que se passava na mente dela.

Lembrou-se do livro, que dizia:

“Atraímos aquilo que mais pensamos, e muito mais, o que sentimos.”

Por um instante, ganhou forças que não tinha. Sem hesitar, correu em direção ao tumulto, em frente a sua casa, enquanto ouvia o desconexo falatório, que, cada vez mais, aumentava de volume. Seus dois filhos vieram abraçá-la, aos prantos, e lhe explicaram que seu pai havia saído e ainda não tinha voltado, e nesse ínterim, havia chegado aqueles homens estranhos que entraram dentro de casa sem pedir licença e os arrancaram do sono em que estavam.

- E o seu pai! Onde anda? - Perguntou Jucimara, desesperada.

- Não sei. - Respondeu o mais velho. - A única coisa que sabemos é que achamos isso, lá no lixo de casa.

Jucimara quase não acreditou. Seu filho menor a encarava

com os olhos vidrados.

- Fui eu quem achou, mamãe. Tirei antes de sairmos de casa. Fiquei com medo de não podermos entrar mais lá e achei que fosse importante para a senhora.

Seu filho mais velho lhe entregou o livro, parcialmente amassado.

- Foi meu irmão que achou, mãe. O que ele disse é verdade. - Falou o menino mais velho, afoito.

Os olhos de Jucimara marejaram, e não conseguindo mais segurar, rompeu em lágrimas. Agora, não chorava pela casa, muito menos por não ter onde morar, mas sim, pela atitude que seu filho tivera. A sensibilidade dele sentir o que ela sentia. E, pela primeira vez na vida, Jucimara acreditou em transmissão de pensamentos. Como pensara naquele livro nas últimas horas, e como havia se arrependido de tê-lo jogado no lixo. E agora, seus filhos o traziam em suas mãos, são e salvo.

Jucimara abraçou seus dois meninos e os envolveu em todo seu carinho. Ao redor deles, incendiava-se um grande tumulto. Algumas pessoas, porém, observavam estarecidas a troca de carinho entre eles, em um ambiente, onde agora, reinava apenas o caos e a confusão.

Que contraste!

Vendo a cena que se desenrolava, um dos homens amarelo-alaranjados aproximou-se de Jucimara e perguntou solenemente:

- A senhora precisa buscar algo dentro de sua casa? Daqui uma hora todas serão derrubadas. As máquinas já estão prontas para isso.

Ela engoliu em seco. Lembrou-se de todo o sacrifício que tivera para erguer aquela casa, da dificuldade em se inscrever num projeto social da prefeitura, dos diversos “nãos” que ouvira até que conseguisse o aval para a construção da casa e de tudo o que havia passado com seu marido lá dentro.

E onde estaria ele agora? Por que havia deixado as crianças sozinhas em casa?

Nada disso importava mais. O que importava era que ela

estava ali, com seus filhos, e assistiria uma parte de sua vida, que tanto tempo levou para ser construída, ser demolida, em menos de cinco minutos.

Jucimara sangrava por dentro. Mas aquele estranho sentimento de alegria, o mesmo que sentiu em frente ao restaurante, a perturbava.

Como podia estar feliz por ter sua casa destruída? Como podia sentir-se bem sabendo que perdia o seu emprego? Como pode sentir-se radiante vendo seu marido ir embora e deixar seus dois filhos, com ela, passando por dificuldades?

Eram coisas que ela não podia explicar. Apenas sentia. E era preciso, urgentemente, sufocar esses sentimentos, se quisesse que sua vida continuasse a ter algum sentido.

No entanto, era essa a vida que ela queria para si? Era esse o sentido que queria que sua vida tivesse? Era isso mesmo que Jucimara buscava até o fim de seus dias?

Sua mente dizia que sim, que era melhor assim: tudo já estava certo; e ela passaria por dificuldades, sim! Mas logo se reestabeleceria, se resolvesse seguir seus conselhos. Seu coração dizia que não. Deveria arriscar-se no improvável e desvendar os mistérios de seus próprios sonhos.

* * *

Jucimara não queria ser uma infeliz. Porém, como muitas pessoas, mesmo sentindo tudo o que sentia, mesmo sabendo de algumas coisas sobre sua alma, seus sonhos e sua vida, tinha medo, e colocava suas ambições acima das decisões do coração.

Ela sofria, sentia-se inquieta, fracassada, pois traía sua própria consciência, e tinha medo de assumir o que realmente sentia.

Queria abandonar o emprego que a estafava, mas tinha medo do que faria sem ele. Queria largar o marido que a fazia sofrer, mas tinha medo do que seria dos seus filhos, e até mesmo de si, sem ele. Queria abandonar aquela casa, mas não sabia como fazê-lo. Por isso, pondo as mãos para o céu, ela agradecia,

pois estavam destruindo-a. Odiava aquela casa e tudo o que viveu dentro dela. Mas tinha medo de nunca mais encontrar outro lugar para morar.

Parada onde estava, abraçada aos dois filhos, Jucimara lembrou-se de uma passagem do novo testamento, que lera quando ainda era pequena, na bíblia de sua tia. Porém, apesar do tempo, aquelas palavras, saídas da boca do mestre do mundo, nunca mais lhe saíra da cabeça:

Não vos inquieteis quanto a vossa vida, com o que haveis de comer ou beber, nem quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir. Por ventura não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestido? Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas? Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida? Porque vos preocupais com o vestuário? Olhai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam! Pois Eu vos digo: Nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles.

Aqueles versículos haviam ficado marcados em seus pensamentos, e as palavras do mestre, naquele momento, a impulsionava, e faziam ela sentir novamente aquele sentimento arrebatador que tudo transforma, e que mesmo nas piores situações, nas fases mais difíceis da vida, nos faz enxergar que não existe barreira que não possa ser transpassada. Aquele sentimento que a fazia sentir-se eterna, imortal, transcendental. Que lhe dava a impressão de poder alcançar o que quisesse, e de ser o que quisesse.

E aquilo vibrava como uma chama viva em seu coração.

Por fim, extasiada, segurando o livro nas mãos, abraçada nos dois filhos que choravam, olhou para a casa e para o homem amarelo-alaranjado que conversara com ela, e que agora, se afastava, em direção a um dos tratores.

Olhou ao seu redor, e aquele sentimento lhe renovava as esperanças.

De repente, fixou os olhos em determinado ponto da

estrada e aquela visão estremeceu suas estruturas. Novamente, não sabia mais o que sentia. O sentimento inebriante misturara-se ao medo e a insegurança. Tudo havia desabado outra vez. Seu marido chegava lentamente, cambaleante e bêbado, com aqueles olhos que somente ela conhecia, dos mais terríveis pesadelos vividos ao seu lado.

* * *

Seu corpo tremeu, seus pensamentos ficaram desconexos, e abraçou-se novamente em seus filhos para evitar todo o mal que aquele homem trazia.

Mas nada aplacaria sua dor, teria que enfrentá-lo de cabeça erguida. As rosas se perderam em meio aos espinhos e o sentimento de grandeza deu lugar a um sentimento de medo e submissão.

Agora, aquela voz muito conhecida baforejava álcool e cuspiu pragas e arrogâncias para todos os lados. Não fora trabalhar naquele dia. Em vez disso, foi para o bar embriagar-se. Talvez estivesse prevendo o que aconteceria.

- O que está acontecendo aqui, Jucimara?! Que droga é essa em nossa rua? - Berrou ele, autoritário.

Seus filhos começaram a chorar, o falatório aumentou de volume, e tudo o que ela sentiu e aprendeu nos últimos dias, misturou-se ao desespero e a tristeza, aliada a interna vontade de se libertar das amarras que a prendiam naquela vida escabrosa de infelicidades.

Virou-se para o marido, e sem pestanejar, apontou-lhe o dedo imponentemente:

- Tudo o que eu sempre lhe disse que aconteceria!

Sentindo a imponência na voz dela, ele recuou. As crianças, agarradas uma na outra, acompanhavam o triste espetáculo, que certamente, ficaria marcado em suas histórias.

- É triste saber que estamos perdendo nossa vida. - Continuou ela, com a mesma imponência - Porém, mais triste ainda, é saber que nem nesse dia você deixou de chegar bêbado

em casa.

Ele a encarava com os olhos arregalados, como se a lucidez lhe retornasse em meio a embriaguez em que se encontrava.

- Por certo, você deveria saber que tudo isso aconteceria, e que agora, não temos onde morar. - Prosseguiu ela, dando um passo na direção onde ele estava - Mas, pra falar a verdade, bem a verdade ... Estou muito feliz por tudo isso acontecer, pois, de certa forma, isso marca o fim de todo o esse sofrimento que venho passando.

Ele a encarou sem entender; e aquele homem que sempre fora tão bruto e seguro de si, agora, mostrava-se frágil e vulnerável.

Jucimara alterou o seu tom de voz, e todos os que ali estavam, inclusive os funcionários que faziam a demolição das casas, pararam para ouvir o que ela dizia:

- Desde quando sou pequena, sou companheira do sofrimento. Meus pais me deixaram cedo e fui criada por minhas tias, uma depois da outra. Casei com um homem que não sabia dar-me o devido valor. Após muitos anos, tive coragem, e separei-me, deixando-o finalmente para trás. Em meu segundo casamento, continuei não tendo sorte, e este homem que está em minha frente, não diferiu do outro que deixei. Porém, diferente do primeiro, este me deu dois filhos lindos, dos quais, tenho um profundo amor. Não quero relatar o que passo, nem o que passei, pois quem me conhece, sabe de minhas dores. - Todo olhavam atentos. Alguns vizinhos mais próximos meneavam as cabeças em confirmação; os funcionários da prefeitura apenas observavam a cena que se desenrolava em meio ao tumulto, atônitos. - O que digo, aqui, na frente de todos, é que nos últimos dias, venho sentindo e descobrindo coisas, das quais, me levam a entender que não tenho mais obrigação de insistir nessa vida que estou levando. Preciso me desapegar e viver a minha história, mas de um jeito diferente, como eu sempre quis que ela fosse. O sofrimento não é uma lei do mundo, e sofrer é uma opção de cada um. Todos nós podemos enxergar o mundo como nós queremos e buscar aquilo que

realmente nos faz bem.

Jucimara falava balançando o livro nas mãos, o que, logo, acendeu a ira de seu marido.

- É este livro? É isso que está fazendo você desistir da nossa vida, não é mesmo? Eu já havia desconfiado. Onde você conseguiu isso?

Ela olhou compadecidamente para ele:

- Não! Não preciso responder mais suas perguntas. Só posso responder, que, o que faz eu desistir da nossa vida ... É você. Mas o que está fazendo eu desistir dessa vida, sou eu mesma.

Ele não compreendia as palavras de Jucimara que se afunilavam em sua mente perturbada pelo álcool, e isso acendeu ainda mais a sua ira.

Descontrolado, ele investiu contra ela e seus dois filhos, bradando palavras de ódio e incompreensão. Jucimara ficou horrorizada, porém, não surpreendida. Mas não achou que ele fosse descontrolar-se a ponto de agredi-la, ali, na frente de todos.

Ela esquivou-se dele, puxando seus dois filhos consigo, e por sorte, ele não acertou um soco certo em seu rosto.

Os populares o arrancaram de perto dela e das crianças, contendo-o com repreensão e muita força física.

- Chamem a polícia! - Gritou um dos que ajudaram a imobilizá-lo - Isso é Maria da Penha!

Ele se debatia no chão, em meio ao mar de mãos que lhe travavam as forças, esbravejando palavras de ódio e ofensas contra Jucimara e todos que o seguravam.

Um dos homens amarelo-alaranjado, que falara com ela antes e que ouvia toda a discussão, aproximou-se dela e pôs a mão em seu ombro.

- Não se preocupe. A polícia irá detê-lo. E você e seus dois filhos me acompanharão.

Uma Chama de esperança se acendeu no coração dela. Porém, sentia pena daquele homem que fora seu marido e que lhe causara tantas infelicidades.

O homem continuou:

- Tenho uma casa no interior. Fica nas montanhas. Me comprometerei em hospedá-la, e também seus dois filhos, por tempo indeterminado, até você resolver a sua vida.

Jucimara sorriu de contentamento, mas achava realmente estranho tanta generosidade de um homem que mal a conhecia, e que estava ali apenas para demolir a sua casa.

- O senhor não precisa ...

O homem a interrompeu.

O lugar está fechado há muitos anos. Desde que ... - Ele engoliu em seco e prosseguiu - Bem. Será um prazer abrigá-la. E assim, ficarei mais tranquilo, pois terei alguém para cuidar daquela casa que uso tão pouco.

Jucimara sorriu de contentamento, mesmo em meio a tanta tristeza.

As crianças, ouvindo a conversa, sorriram e se despiram até mesmo do choro, que o pai, e toda aquela situação lhes causara.

- Você está empregada? - Perguntou ele.

Jucimara engoliu em seco.

- Bem ... eu ... tinha um ... mas ...

O homem sorriu.

- Lhe darei um salário como caseira. Não é muito, mas irá lhe ajudar.

- Por que faz isso por mim? - Perguntou ela, atônita com a atitude daquele homem.

E ele respondeu:

- Por que pessoas como você, merecem ser ajudadas, e principalmente, valorizadas.

Jucimara sorriu. Uma ponte de esperança ergueu-se em sua frente.

Não sabia onde ficava a casa que aquele homem lhe propusera, mas sabia que sua proposta era gentil e sincera. Olhando para aquele homem, via nele um sincero amigo. Seus olhos iluminados demonstravam bondade e vontade de ajudá-la. Mas a mente de Jucimara, ainda empedernida pelos sofrimentos, desconfiava de tudo. Porém, não recusaria a

proposta. Precisava aprender a ouvir seu coração, sua mente já havia lhe causado muitos transtornos e ela precisava de um lugar para morar com seus filhos.

Algo tinha que ser mudado.

Naquele mesmo dia, Jucimara mudaria de vida. Pediria demissão do emprego, sairia daquela casa e daquela vila turbulenta, onde por tantos anos sofreu e viu sua vida passar como um barco a deriva. Deixaria aquele marido, porém, nunca o abandonaria, pois, além de ser pai de seus filhos, ele também precisava evoluir, e talvez, a sua nova vida pudesse também lhe dar essa oportunidade. Jucimara tinha consciência disso.

Agora, ela estava recomeçando, e nunca pensou que a sensação do recomeço fosse tão inebriante.

Os gritos da multidão não mais lhe perturbavam, os gritos do homem, que, por tanto tempo, fez parte de sua vida, não mais lhe feriam. Ela havia recebido uma nova oportunidade, e quase já podia tocar aquela nova vida.

- Que livro é este? - Perguntou o generoso homem.

Com os olhos rasos d'água, ela falou:

- É um grande livro. Fala sobre a vida, sobre o amor, sobre a alma. - Lágrimas novamente escorreram pelo seu rosto, mas desta vez de emoção - Quem o escreveu, sabia o que falava.

O homem sorriu, e respondeu:

- Certamente, você terá muito tempo para lê-lo.

Durante alguns segundos, seus olhos cruzaram com os dele, e a sensação de já o conhecê-lo, invadiu a sua alma. Talvez, ele tivesse tido a mesma sensação, porque também a encarava da mesma maneira.

Jucimara não sabia; mas seu coração não a enganava.

Em alguns minutos, ela sentiu na pele o que havia lido naquele livro.

“Que nós estamos onde nossa mente realmente quer estar.”

Em meio ao tumulto ao seu redor, Jucimara sentia-se novamente plena, e as boas energias daquele homem reforçava isso ainda mais em seu ser. O ambiente adverso, agora, não entrava em sintonia com suas novas energias. Ela estava

novamente extasiada, e via naquele homem, que fora contratado para destruir a sua casa, o companheiro que nunca teve, e um alguém conhecido de longa data, que estava ali, apenas para ajudá-la.

Lembrou-se novamente das palavras de Cristo, que dizia para não termos medo, pois se Deus cuida das aves do céu, dos animais na terra e dos lírios nos campos, cuidaria também dos seres humanos, sem que eles precisassem se preocupar tanto com o dia de amanhã.

Talvez, ela nunca pensasse que as coisas poderiam ser deste jeito. Talvez, não pudessem ter sido. Tudo o que ela precisava era se aventurar e descobrir que existe vida além do horizonte. A vida que ela nunca teve, desde que se conheceu por gente. Estava abandonando, agora, todas as coisas que, durante muito tempo, sempre lhe fizeram infeliz, e talvez, um dia, tivessem dado sentido ao seu ser. Mas, que, naquele momento, só lhe causavam desilusão e tristeza, e a faziam andar ciclicamente, em um redemoinho de repetidas e entendiadas sensações.

A noite chegou, trazendo um novo alento para Jucimara. Sentia-se livre de sua antiga vida. Sua alma, agora alçava voo. Nunca pensou que essa sensação pudesse lhe causar tanto prazer.

A vida nos surpreende de tal forma que é difícil explicar quando começamos e quando terminamos. Tomamos decisões impensadas, mas, que na maioria das vezes, são as melhores decisões que poderíamos ter tomado. A vida é feita de coragem, fé e determinação e só alcançamos o pico da montanha depois de enfrentar as longas e íngremes subidas, sem desistir. O pé pode escorregar, as pernas falharem, mas, se existe aquela chama que arde dentro de você, continue subindo. Se a frieza das águas do desânimo chegarem, beba-a com humildade, pois elas marcarão o repouso que necessitamos para poder continuar caminhando em direção a nossa busca. O desânimo nada mais é que uma pausa para o refazimento. Aproveitemo-lo. Não o torne negativo e não o julgue mal. Ele é apenas mais um elemento necessário para a vida.

Jucimara não se continha de emoção, mas dentro do seu coração, uma tristeza ainda persistia.

Seu marido havia sido preso por tentar agredi-la em público. A polícia, que já estava no local, levou o homem que esteve ao seu lado durante quase dez anos de sua vida para a cadeia. O homem, pai de seus filhos, e que tanto lhe fizera sofrer, mas que um dia, também lhe fizera sonhar, estava preso. Agora, em todos os sentidos.

Há, como seu coração deprimido o detestava. Porém, não entendia toda aquela tristeza que permeava sua alma ao saber que não o teria mais ao seu lado. Era como se houvessem arrancado uma parte de si.

No entanto, Jucimara se alegrava pelo que lhe acontecera, e pela primeira vez na vida, procurava olhar o lado bom das coisas. Estava livre e desimpedida, apenas com seus dois filhos; moraria numa casa de campo e receberia um salário para cuidá-la. A vida, sem dúvida, havia lhe dado uma nova oportunidade.

O universo havia conspirado ao seu favor, e é assim que acontece sempre que desejamos algo do fundo de nossa alma.

Ela desejava ardentemente livrar-se do marido violento, daquele trabalho tedioso e daquela rotina insuportável.

Jucimara levava uma vida como tantas outras pessoas de sua classe social. Porém, como tantas outras pessoas, uma chama ardia silenciosamente em seu coração. Desde pequena, sempre fora diferente das outras crianças. Sentia-se excluída, não pelo fato de não ter mãe nem pai, mas por não se adequar a educação imposta pelas escolas tradicionais. Muitas vezes repetiu de ano, e na oitava série, resolveu abandonar os estudos. Não por que não era inteligente o suficiente para terminá-los, mas porque não tolerava toda aquela hipocrisia.

Jucimara foi e continuava sendo uma rebelde silenciosa.

Sua alma, agora, desdobrava-se, descobria-se.

Tomava, gradativamente, identidade própria.

* * *

Naquele mesmo dia, pediu demissão do emprego no restaurante. Seus patrões, sem compreender, tentaram em vão fazê-la mudar de ideia, mesmo após ter faltado ao trabalho, mas ela estava decidida. Explicou sua situação e disse que trabalharia como caseira, em uma casa de campo, afastada da cidade.

Fizeram um acordo, devido aos 5 anos da dedicação de Jucimara naquela empresa. Seus patrões concordaram em demiti-la sem justa causa, e Jucimara teve direito a todos os benefícios empregatícios.

A tardinha, passou em frente a vila, ou, ao que sobrara dela. Não retirou nada de dentro de sua casa, há não ser o livro, que seus filhos haviam juntado de dentro da lixeira da cozinha. O livro que estava em sua bolsa agora, e que tanto havia lhe ajudado.

Olhando para as casas derrubadas, com restos de tijolos, madeira e móveis por todos os lados, Jucimara sentiu um aperto no coração. Para onde teria ido seus vizinhos? Teriam tido a

mesma sorte que ela? Era certo que a prefeitura lhes cederia um alojamento, mas, por pouco tempo. A cidade chorava pelo acontecido.

Para onde foi cada um deles? Com seus sonhos, seus projetos, suas dúvidas, medos e indecisões?

Ela fechou os olhos, ventava, e pela primeira vez pôde sentir a leve brisa soprar os seus cabelos. Respirou fundo, vagarosamente, e também, pela primeira vez, pôde sentir o ar puro entrar em seus pulmões. Antes, não sentiria nada mais do que cheiro de fumaça e sujeira.

O que havia acontecido com aquele lugar? Seria o local que havia mudado? Melhorado com a saída de toda aquela gente? Ou era ela que estava mudando? Vendo as coisas com outros olhos?

Jucimara sorriu e abraçou a si mesma, com os olhos fechados, e começou a ouvir algo que nunca havia escutado desde que viera morar naquele lugar:

Pássaros cantando em coros harmoniosos. Pareciam muitos, em tão singular melodia. Com os olhos fechados, um sentimento extasiante lhe invadiu o peito, e quando os abriu, a cena desolante de todas aquelas casas derrubadas não mais lhe entristeceram.

Pela primeira vez em sua vida, Jucimara experimentou o que havia lido no livro que carregava consigo. Sentia um amor pleno por todas as coisas. No entanto, não encontrava explicações plausíveis para isso.

Lembrara-se que tudo aquilo se assemelhava a masturbação. Em um dia, como tantos outros, com seus 13 anos de idade, estava tomando banho e tocou seu clitóris, como sempre fazia. De repente, começou a sentir prazer, algo extasiante, e tempos mais tarde, havia descoberto, por uma amiga da escola, que tinha tido um orgasmo.

Nunca havia sentido aquilo antes, assim como nunca sentiu o que estava sentindo agora.

Que tipo de orgasmo era aquele? Seria um orgasmo espiritual?

Jucimara riu, ao pensar na ideia. Tudo o que ela achava era que as coisas estavam acontecendo muito rápido em sua vida. Sentia-se perdida, e talvez, demorasse um pouco a se acostumar com a nova vida.

Mas, porque ela? Por quê tivera tanta sorte? Por quê aquele homem fora tão bom consigo? O que havia por trás de tudo isso? Queria ele se aproveitar de sua inocência? E afinal, por que ela aceitara tão facilmente aquela proposta?

Jucimara não reconhecia a si mesma. Eram tantas perguntas e tão poucas respostas.

Seria aquele livro o culpado de toda essa transformação, ou ela mesma, desde muito antes, já estaria se transformando e o livro era apenas consequência de tudo isso?

Jucimara não sabia. E, na verdade, não necessitava saber. Sentia algo divino vibrar dentro de si, e apesar de não saber atribuir a nada do que conhecia o que sentia, preferiu não questionar e não questionar-se. As questões lhe enchiam de dúvidas, e as dúvidas, principalmente as respostas, estancariam, o que, naquele momento, ela sentia ardentemente em seu coração.

* * *

Naquela tarde, seus filhos não haviam ido para a escola. Consequentemente, precisava matriculá-los em uma outra, perto de onde morariam. Mas, pensaria nisso mais tarde. Agora, tinha muitas outras coisas para resolver, principalmente consigo mesma.

Jucimara havia deixado seus filhos na casa de uma ex-colega que estava de folga. Essa mesma mulher, também ofereceu sua casa para que ela pudesse ter onde ficar com seus filhos, pelos dias em que estaria de mudança, para a sua nova morada.

Tudo havia acontecido muito rápido, e Jucimara não havia tido muito tempo para contar para a amiga, que lhe surpreendera com a atitude de oferecer sua própria casa para ela. Nunca tivera tanta afinidade com aquela mulher. Inclusive,

naqueles últimos meses, respondia muito pouco as suas indagações. No entanto, havia sido a única pessoa que lhe ajudara, além do homem amarelo-alaranjado.

Poderia pedir, é claro, um lugar para ficar, apenas por uns dias, para o homem que lhe ofereceu a casa de campo, e que passou para ela seu telefone, para poder mantê-lo informado de sua situação. Porém, preferiu não abusar da boa vontade dele.

E agora, via-se sendo ajudada por aquela mulher, que muitas vezes desprezara, assim como também desprezara tantas outras colegas nos dias em que descobriu-se interiormente. Mas dentro de seu íntimo, não tratava aquilo como um desprezo. Somente, de uma hora para outra, havia perdido o interesse por aquelas conversas. Sentia que algo em si não mais suportava toda aquela rotina, e, mais do que nunca, sabia que não deveria culpar-se por isso.

Mas sua mente a traía.

Não tinha culpa, absolutamente, por toda essa transformação. Isso era necessário. Mas também, era necessário entender, que, mesmo sentindo-se mais evoluída que as outras pessoas, não podia nunca perder a humildade, ou perderia tudo. E muitas vezes sentiu que havia perdido. Foi quando o chão ruiu aos seus pés ... E sempre ruía, quando ela achava, mesmo que inconscientemente, que estava acima de qualquer pessoa, que lutava como ela, na grande batalha da vida.

* * *

Voltou a noite para a casa de sua amiga. Depois de uma longa conversa, foi dormir com seus filhos no quarto de hóspedes.

Apesar de sua amiga não pertencer a classe nobre da sociedade, possuía uma casa ampla e confortável. O que Jucimara atribuía a sua família bem estruturada.

Ao deitar a cabeça no travesseiro, pegou o livro que trazia consigo. Nunca imaginou que voltaria a lê-lo, depois de ter arrependido-se de jogá-lo no lixo. Havia sentido-se tão fraca em

sua última crise de fé. No entanto, agora, ali estava ele, um pouco amassado, é claro, mas sua sabedoria estava intacta. Nunca sentira tanta vontade de lê-lo, de devorá-lo, de desvendar seus mistérios. Prometeu a si mesma nunca mais deixar-se levar pelas emoções. Mas sabia o quanto teria que se esforçar para cumprir essa promessa. Jucimara, mais do que ninguém, sabia como era complicado lidar com seus sentimentos nos momentos de tensão. Mas aprenderia. Tinha uma enorme vontade que vibrava dentro de si. A sede de saber, de compreender o próximo e a si mesma e a natureza que a rodeava, era o que lhe impulsionava sempre adiante.

Jucimara sentia-se no apogeu de suas esperanças. Em pouco tempo estaria em contato direto com a natureza e descobriria muito mais de si mesma e do mundo que a rodeava. Saberá por suas próprias experiências. Agora, ela lia, e quanto mais lia, mais desejava saber. Sua sede era insaciável, e a fonte do saber, inesgotável.

* * *

O que dizer da vida que conhecemos? Nós temos o poder de transformá-la no que se passa dentro de nós. É incrível dizer que os parâmetros se moldam conforme nossas vontades e tudo o que desejamos ser, seremos, se realmente formos o que sonhamos.

A revolução da lógica e da racionalidade passou e deixou suas marcas no cerne da alma de cada ser humano. Vivemos os últimos momentos de toda essa inteligência e partimos sem delongas para o próximo estágio.

Estando, na verdade, habitando a nova era, podemos perceber as mudanças que se acentuam inexoráveis nos campos mais humanos. Ainda temos os resquícios inapagáveis da era passada, suas marcas, suas implicações, com grandes feridas deixadas no ser.

No entanto, habitamos agora a era de aquário e precisamos nos harmonizar com o elemento que equilibra as nossas forças na terra. O grande e reverenciado elemento ar nos mostra a sua soberania, e com ele, traz a inteligência multifocal.

Com os novos ventos que sopram infinitamente por este plano, a era de aquário chega para fazer uma revolução nas emoções humanas e fomentar o amor no coração dos homens.

Mais de dois mil anos depois do grande mestre Jesus ter passado por esta terra e deixado as suas marcas em nosso planeta, nunca vimos antes sua palavra ser divulgada, explicada e finalmente compreendida por um número cada vez maior de pessoas, como atualmente.

Isso, mais uma vez, traz até nós a nova era e o consolador que Cristo tanto se referiu.

Somos senhores de nossa própria existência. Vivemos aquilo que mais pensamos e muito mais ainda o que sentimos. Nada vem até nós e sai de nós sem nossa devida vistoria. A sua vida é aquilo que você cria para si mesmo e só você pode mudá-la se ela lhe desagrade.

Jesus quis dizer isso, porém, por meio de parábolas, falou a um povo que nada conhecia.

Atribuímos as dores do caminho como fardos pesados a serem carregados. No entanto, devemos agradecer a tudo o que nos cerca e entendermos o quanto as dores nos alavancam na senda da vida.

Seria muito fácil passar um aluno de ano sem que ele tenha estudado as matérias e tido boas notas em suas provas.

O esforço é a recompensa dos homens e nos livra do tédio que encarcera a alma.

No entanto, crie em torno de si um ambiente propício para a evolução, tanto nas questões espirituais quanto nas questões do mundo.

Esforce-se para fazer com que seus dias não sejam apenas deprimentes esforços descaracterizados de amor e bondade. Esse é o maior esforço que poderemos fazer por nós mesmos, pelas criaturas, pela natureza e pelo universo.

Esforçando-se para diminuir o seu próprio esforço perante a vida, você a vive com mais prazer e dignidade. Por isso, trabalhe as mágoas dentro de si e reverta os sentimentos de desgosto em sua alma.

Porém, seria muita pretensão falar todas essas coisas e tentar aplicá-las em nossas vidas se não aprendermos a enxergar o belo.

Admirar as obras do criador, é, sem dúvida, o passo fundamental para prosperar na grande caminhada.

Como seguir adiante se os pássaros e seus cantos não os atraem,

Por outros caminhos

e se o pôr do sol, a lua e as estrelas não os animam e não os fazem sentir singular alegria no coração?

Como seguir adiante se não sentes o ar gélido do orvalho da manhã entrar em seus pulmões e foges covardemente da água da chuva?

Como ser o que queremos ser se as florestas não lhe encantam e as árvores não fazem uma revolução em sua vida, com a beleza, o ar puro, e a sombra que lhe oferecem?

Temos os cinco sentidos, os animais os possuem melhor que nós. Mas, nós temos a racionalidade, e com ela, podemos mover as montanhas de lugar.

Portanto, tentamos usar isso a favor de nossa felicidade. Usamos, principalmente para a felicidade dos outros que nos cercam, mas sejamos pessoas interiorizadas, antes de mais nada.

É impossível construir uma casa sem a base, assim como é impossível começar de cima para baixo.

Não podemos construir na areia. A rocha é o lugar mais seguro para uma construção.

Comecemos de dentro para fora. De nós para os outros, e saibamos ser saudáveis. Uma mente doente é perigosa e infiel a si mesma.

Saibamos pedir ajuda, e, principalmente, saibamos ajudar.

Jucimara pôs o livro na escrivaninha novamente.

Por aquela noite, estava satisfeita.

* * *

Acordou pela manhã com seus filhos chamando-lhe para tomar café.

Ela não demorou-se, e, sem delongas, dirigiu-se ao banheiro, higienizou-se e seguiu até a cozinha.

O café com mistura estava pronto e todos lhe esperavam com singular alegria. Sua amiga, o marido, o filho único do casal e seus dois filhos, cada um com um sorriso no rosto a receberam na mesa. E pela primeira vez em sua vida, sentiu-se realmente amada e bem tratada.

Jucimara estava embasbacada com os caminhos da vida.

Já havia vivido tanto, sofrido tanto... Achava-se a pessoa mais vivida do planeta, devido a tudo o que sofreu. No entanto, mal imaginava ela, que, somente agora, começaria a viver.

O sofrimento era apenas a base da grande construção.

- Estávamos lhe esperando. - Disse sua amiga.

Ante ao sorriso de todos, Jucimara sentou-se a mesa e serviu-se do café com mistura.

A conversa fluía tranquilamente e ela tinha a sensação de estar em casa. Não pensava em seu ex-marido, e nem em tudo o que havia acontecido nos últimos dias.

Com grande pesar, sua amiga falou-lhe da tristeza que sentia em saber que ela havia perdido a casa e o marido.

No entanto, Jucimara contou-lhe que moraria em uma casa de campo, que um funcionário da empresa que derrubara sua casa lhe ofereceu.

Sua amiga, como ela já esperava, disse que duvidava da boa vontade deste homem e que se fosse ela em seu lugar, ficaria atenta para saber se ele não queria algo mais em troca.

Jucimara riu da desconfiança da amiga e de sua pretensão ao dizer-lhe essas palavras.

- Estou sendo ajudada. - Disse - Eu sei que é um desconhecido, mas ... - Jucimara suspirou - Aprendi que devemos ter fé nas pessoas. Principalmente naquelas que nos ajudam.

Sua amiga franziu os cenhos.

- Minha mãe sempre me aconselhou a não receber balas de estranhos.

Jucimara sorriu, e lembrando de algumas passagens que lera no livro, respondeu:

- E a vida me aconselhou, e me aconselha sempre, a ir atrás dos meus sonhos, mesmo que para isso, eu tenha que arriscar a minha própria vida.

Sua amiga silenciou e todos os risos e alegrias que cercavam a mesa do café também silenciaram. O marido de sua amiga ergueu-se de onde estava e cochichou algo no ouvido dela

antes de sair. Seus filhos lhe encaravam com atenção, agora, demasiadamente sérios.

O silêncio foi estarrecedor e Jucimara estremeceu ante a sua própria ousadia.

Naquele dia, Jucimara e seus dois filhos tiveram que procurar imediatamente o homem da casa de campo, pois fora educadamente despejada por sua amiga, apenas por ter sido fiel a sua própria consciência.

* * *

Jucimara pegou o celular dentro da bolsa e ligou para o homem da casa de campo.

O telefone tocou duas ou três vezes, e ele atendeu.

Aos soluços, ela lhe explicou sua situação. Disse tudo o que havia acontecido e pediu auxílio urgente para ele.

Sem hesitar, ele mandou ela procurar-lhe, pela parte da tarde, em sua casa.

Em um bar, que ficava na esquina da casa de sua amiga, Jucimara conseguiu papel e caneta, e anotou o endereço do recém-conhecido. Logo em seguida, ela saiu do bar, com seus dois filhos.

Caminhava sem destino, sentindo o vento bater em seu rosto, lembrando-se do marido e da velha vida que parecia ter, há muito, ficado para trás.

Agora, não sentia saudades dele, e tudo aquilo, parecia ter virado coisa do passado.

No entanto, dentro de si, remoía algo.

O que seria isso que lhe atormentava? Atormentaria também aos outros ou ela era uma grande privilegiada?

A sabedoria brotaria como um feijão que germina por debaixo da terra, silenciosamente, mas numa rapidez fenomenal.

Toda a sua vida e tudo o que havia passado nela, faziam parte de sua história, e possuía profundas raízes em seu ser.

Era imensamente difícil se livrar das garras do egoísmo e do egocentrismo ferronho que lhe abatia, e a fazia cair, nas vezes

em que mais precisava estar de pé.

Jucimara precisava detectar o erro. Aprender a desvendar seus próprios mistérios e começar a lapidar a si mesma.

O trabalho mais árduo já havia começado e a vida parecia lhe ajudar a diminuir o fardo.

Apesar da perda da casa e do marido, sentia que as coisas não pareciam tão difíceis como pensava que eram. Porém, nunca poderia imaginar que seriam deste jeito.

A velha frase “*Deus escreve certo por linhas tortas*” começava fazer sentido em sua vida.

As palavras do criador escritas nas páginas de sua alma angariavam-lhe um novo rumo.

Não sabia o que aconteceria; não sabia o que faria.

Tinha um pombo na mão, mas tinha dificuldades em segurá-lo consigo, pois era insegura.

Se o pombo voasse, ficaria a deriva, sem qualquer esperança.

Lembrou-se imediatamente de sua amiga e do estranho ato que tivera em botar ela e seus filhos para fora de sua casa. Percebeu que a vida e as pessoas são imprevisíveis, e que por muito pouco, as coisas mudavam drasticamente.

Até poucos minutos atrás, fazia planos, contava os dias e as horas onde todas as coisas que planejava aconteceriam. Agora, já não era mais assim. Estava perdida, dependendo apenas da resposta de um homem, que sua fé e esperança, faziam-na crer, ser um anjo enviado do céu.

E era nisso em que deveria se apoiar. Pois, como falara na casa de sua amiga, não tinha medo de ir atrás do que realmente queria e nem de arriscar a sua própria vida por isso.

Nesse mesmo instante, ela olhou para seus dois filhos enquanto caminhava.

E quanto a eles? Valia a penas arriscá-los em seus sonhos? Até onde seus sonhos valiam mais do que eles?

Jucimara estremeceu. Sentiu sua fé e suas esperanças novamente abaladas pelo senso de realidade feroz, e, em fração de segundos, fez uma retrospectiva de tudo o que aconteceu

nos últimos dias.

Teria agido certo? Teria feito as coisas para serem o melhor para seus filhos e para ela, ou só fez sofrer pessoas que nada tinham a ver com seus mais loucos sentimentos?

O vento batia em seu rosto, e as dúvidas lhe assaltavam o coração, enquanto caminhava rumo a casa do homem que lhe oferecera ajuda, sem nem sequer lhe conhecer.

Precisava rever seus conceitos. O sentimento de incapacidade começava a estancar os sentimentos mais nobres que sentira nos últimos dias e até mesmo as ideias que aprendera a conceituar em sua vida.

Jucimara começava a falar novamente, e agora, aquela caminhada se tornava estafante.

Os filhos lhe observavam e vez ou outra ela notava seus olhares curiosos.

Suas pernas estavam cansadas, e o vento parara por completo. O ar carregado e o calor quase insuportável lhe angustiavam ainda mais.

Jucimara sentiu o coração apertar. Nuvens pesadas de chuva rodeavam sua alma. Os trovões começavam a rugir nos céus de sua vida e a tempestade se aproximava sorrateiramente.

Seus filhos notavam o olhar apreensivo da mãe e o apertar da mão dela na deles. Porém, nada falaram. Sabiam quando ela precisava de tempo, apesar de serem apenas duas crianças; coisa que seu marido, um homem adulto, estava longe de saber.

Os meninos se encararam. Sabiam de toda a situação, mas aquilo não lhes incomodava. Pelo contrário, pareciam felizes com os acontecimentos. Por certo, assim como Jucimara, também não suportavam mais aquela vida.

Sabiam que sua mãe os levaria, para onde quer que fosse, e eles confiavam nela, mais do que tudo.

Foi nesse momento que o tempo escureceu. As nuvens no céu enegreceram, tanto na alma dela quanto na alma do mundo.

Os meninos se olharam e imediatamente puxaram a mãe desnorтеada para uma parada de ônibus. Não havia ninguém além deles.

Os três se sentaram no banco de madeira e um vento quente e muito forte começou a soprar, varrendo todas as decepções.

O ar estava insuportavelmente pesado, o tempo se fechou por completo e com as mãos sobre o rosto cansado, Jucimara rompeu-se em lágrimas. Seus filhos a abraçaram com ternura, e nesse mesmo instante, uma chuva torrencial caiu sobre a terra, acalmando as dores, limpando as mágoas e refrescando as almas sedentas. A tempestade mostrou para o que viera. Dar alívio aos que sofrem no mundo ...

Dar alívio ao coração de Jucimara.

Jucimara foi recebida de braços abertos pelo homem amarelo-alaranjado que agora trajava uma bela camisa polo e uma calça jeans justa nas canelas.

Seus olhos estavam vermelhos, havia chorado muito antes de chegar até ali, e sua roupa e a das crianças estavam úmidas.

Entraram na casa bem pintada, localizada no centro da cidade.

Jucimara, encabulada, e ao mesmo tempo, admirada com a notável mudança de aparência daquele homem, estendeu a mão e cumprimentou-o.

O homem com belos traços fisionômicos e um semblante maduro convidou Jucimara e seus filhos para sentarem e chamou a empregada para servir-lhes um café enquanto conversavam.

- Grande a sua casa - Comentou Jucimara, olhando de um lado ao outro do cômodo.

Ele sorriu e respondeu.

- Sim. É uma das casas que possuo.

Jucimara franziu o cenho.

- Você tem outras casas além dessa e a casa de campo?

- Sim. - Respondeu ele, calmamente. - Possuo uma outra casa na cidade vizinha. Bem ... - Ele engoliu em seco - Era minha e de minha mulher.

Jucimara olhou para os lados e observou o cômodo com atenção novamente. As crianças estavam em silêncio e observavam com atenção cada coisa que viam.

Jucimara interpelou:

- Você é casado?

O homem demonstrou-se surpreso com a pergunta, mas respondeu, sem pestanejar:

- Bem ... Já fui um dia. Mas ela resolveu ir embora ... - Seu olhar ficou distante ao dizer isso.

As palavras saíam de sua boca com grande amargura.

Jucimara espantou-se com a mágoa que sentia nas palavras dele e não pôde deixar de perguntar:

- Ela lhe abandonou? Lhe trocou por outro homem? Ou apenas se foi?

Ele encarou-a com notável atenção, e respondeu, pesaroso:

- Apenas se foi ...

Ainda sem entender, Jucimara continuou:

- Apenas ... se foi ... Isso quer dizer que ...

- Ela faleceu - Respondeu o homem, como se tirasse uma âncora de dentro do seu coração.

Ela abaixou a cabeça. Não imaginou que o caso fosse tão sério e envergonhou-se por ter sido tão indiscreta.

- Desculpe-me. - Respondeu ela, abaixando a cabeça.

- Não se desculpe. - Respondeu ele. A empregada havia chegado com o café - Tomaremos o café e falaremos sobre a casa.

Jucimara concordou, meneando a cabeça. As crianças se entreolharam e os olhos de Jucimara se encontraram com os olhos de seus filhos.

O homem, que antes vestia amarelo-alaranjado e que agora parecia tão apresentável, tinha muitos bens, uma grande generosidade, mas também, uma imensa tristeza em seu coração.

Foi nesse momento que Jucimara percebeu que os outros também sofriam, e que, talvez, seus sofrimentos fossem pequenos, comparado ao que muitas outras pessoas sofriam nos mais variados setores da emoção dos quais ela ainda desconhecia.

* * *

Começaram a falar sobre a casa de campo e em como Jucimara poderia se adaptar em um lugar que nunca esteve antes.

- Vai ser bom para você e para as crianças. acredite! - Disse o homem, olhando no fundo dos olhos dela.

- Eu sei. - Respondeu Jucimara. - E além do mais, estou passando por uma fase de minha vida onde quase tudo o que aconteceu comigo possui uma clara explicação.

O homem a encarou seriamente.

As crianças se entreolharam, incomodadas com a forma que ele havia encarado sua mãe.

Jucimara remexeu-se no sofá, desconfortável com aquele olhar lancinante.

Ele, por fim, respondeu, com a mesma seriedade no olhar.

- A vida é feita de fases. Tudo é instável, nada é completamente certo e estamos sempre mudando. Fico fascinado com sua coragem. Você é uma grande guerreira.

Jucimara engoliu em seco. Quem era aquele homem que falava dela como se lhe conhecesse a tempos?

Ele continuou:

- E foi por isso que lhe cedi a casa de campo. Não a uso desde que minha mulher faleceu. Faz três anos que não vou até lá. Estivemos naquela casa um mês antes de sua morte. Sempre que podíamos, passávamos os finais de semana naquele lugar, que possui uma energia mágica.

Jucimara o encarou, e interpelou, interessada:

- Que tipo de energia mágica?

- Foi lá que um monge budista morou. Comprei aquela casa há cinco anos, em um leilão, e fiz uma pequena reforma nela, nada que tirasse a sua originalidade. A casa fica no alto de um monte. Mais abaixo, existe uma nascente, depois uma cachoeira, e no sopé do monte, um rio. Dizem que esse monge descia a montanha e meditava em suas águas. Existem histórias de que ele volitava sobre o rio, tranquilamente.

Jucimara pendia entre o medo e o fascínio. Seus olhos sequer se mexiam. Nunca havia escutado algo parecido, e agora, aquele homem, que ela mal conhecia e que lhe oferecia ajuda, dizia que ela moraria em uma casa onde viveu um monge budista que possuía poderes paranormais.

O que o criador do universo estava planejando?

Tudo parecia associar-se.

O homem continuou:

- Sou existencialista, minha mulher também era ... - Ele deu uma pausa e sorriu. O semblante triste desapareceu e deu lugar a um homem esperançoso e convicto. - Aliás, ela ainda o é ... Respondeu ele, sorrindo. Jucimara também sorriu e compreendeu a elucidação. - E íamos até lá, para nos encontrarmos interiormente.

Jucimara o encarou perplexa.

- Como vocês faziam isso?

O homem sorriu novamente e passou-lhe valiosas lições, tais quais, ela nunca mais esqueceria em toda a sua vida.

* * *

- Existem coisas na vida que não estão ao alcance de nós, humanos. É complicado aceitar que somos ilimitados e ao mesmo tempo tão limitados neste planeta em que habitamos. Podemos fazer tudo o que quisermos, mas, para tudo existe um certo limite. No atual estado em que se encontra a humanidade, são muito poucos os humanos que atingiram um grau de evolução moral e espiritual elevado para se considerarem seres excepcionalmente ilimitados. São muitas as barreiras para vencermos. E vencermos a nós mesmos, é a mais difícil delas.

“Seria muito fácil se todos nós viéssemos prontos para este planeta. Mas o criador não montou peças prontas. Apenas lhes deu formas físicas para que pudessem se emoldurarem por elas mesmas.”

“Pode parecer estranho, mas isso as vezes me soa como uma grande brincadeira de um Deus entendiado em um vazio sem fim, e que resolve, de uma hora pra outra, inventar criaturas e planetas e um milhão de dimensões diferentes, apenas para acabar com o tédio que permeava sua existência. Já pensei dessa forma. Mas hoje, vejo a imensidão do criador e entendo os seus motivos.”

“A criação é tudo em nossa vida, e o criador nos faz sentir uma fagulha de seu amor e de toda sua lucidez no momento em que geramos um filho.”

Jucimara o encarou com um fraco sorriso no rosto e com os olhos rasos d'água. Em seguida, olhou ternamente para seus filhos, sentados no sofá. Eles voltaram seus olhares para ela, custavam a entender o que aquele homem dizia.

O homem continuou, agora, bebendo seu café. A empregada serviu café para Jucimara e para seus filhos.

- Queremos dar nossas vidas a esses pequenos e amamos

vê-los crescer, aprender e desenvolver suas habilidades. Este é o amor do criador instaurado dentro de nós.

Ele falava isso olhando atentamente para Jucimara e para as crianças.

- Assim é o criador de todas as coisas. Para ele, nada disso passa de uma brincadeira. Muito menos criou um universo, formou criaturas e as abandonou no espaço. Jamais! A criação e seu criador ainda são grandes mistério. Porém, sabemos que ele criou todas as coisas simples e ignorantes, e deu a elas o livre arbítrio, para que evoluíssem, e para que tivessem seus próprios méritos por isso.

Ele bebericou um gole do seu café e continuou:

“Esse criador, tão hábil e misericordioso, sente grande orgulho quando um filho seu ascende nos degraus da evolução, e sofre quando um de seus filhinhos estagna nos mares do sofrimento; criados, não por ele, mas pelos poderes de suas próprias criações. O criador é apenas amor, perfeição e bondade. Quanto a nós, somos criaturas livres para evoluir, e por isso, imperfeitas em muitos aspectos. Criamos o que queremos e vibramos com as energias que mais nos simpatizamos.”

“Quantos de nós sofremos todos os dias? Como criaturas do criador, temos o dom de criar e destruir. Mas o criador não destrói, apenas cria e evolui com suas criações. Destruir é atributo nosso, devido as muitas imperfeições que temos.

“O criador passeia entre o caos a beleza e suas criações o fazem da mesma forma. E é essa sua brilhante ideia. Transformar cada uma de suas obras:

“Do caos a beleza. Da raiva ao amor.”

“Um plano magnífico e esplendoroso.”

Ele olhava para o alto, fitando o teto da casa, como se estivesse vendo o próprio criador, do qual, tanto falava. O homem suspirava, e de seus olhos rolavam lágrimas de emoção. Mas ele logo as enxugou, com a manga de sua camisa.

Jucimara estava paralisada. Certamente, nunca ouvira algo parecido em toda a sua vida. Aquele homem exalava paz, e, estranhamente, Jucimara começou a sentir um cheiro muito

forte de rosas que percorreu toda a sala.

Ele estava em êxtase. Com os olhos fechados, um sorriso no rosto e os ouvidos inclinados, como se ouvisse, vindo de algum lugar, a mais bela canção, composta pelos anjos.

Jucimara não queria interromper aquele momento, mas estava ansiosa e agitada, mesmo depois de todas aquelas palavras.

As crianças a olhavam, sem entender o que estava acontecendo, e ela, apesar de saber algo sobre o que presenciava, também sentia-se perdida diante de toda aquela situação.

* * *

- Aonde aprendeu tudo isso? - Perguntou Jucimara, interrompendo, com delicadeza, o momento de êxtase daquele homem.

Ele a encarou com doçura, e sem pestanejar, respondeu.

- Não sei dizer ao certo. O mais correto seria dizer ... Com minhas próprias experiências.

- Você é dono de uma inteligência que pouco testemunhei em minha vida.

- Obrigado. Aprendi muito com minha mulher. Ela era a deusa das práticas e teorias.

- Você a amava muito, não é mesmo? Devia ter sido uma pessoa maravilhosa - Disse Jucimara, bebericando seu café.

- Sim. - Disse ele, com o olhar vago. - As vezes nos encontramos em sonhos ... Quando ela pode.

Jucimara ficou perplexa com a informação.

- Nem sempre ela pode?

- Não! Beatriz é muito ocupada. No plano onde está, cuida de pessoas com distúrbios suicidas. Queria muito poder lhe ajudar, mas estou enclausurado neste planeta. Também tenho uma missão a cumprir e muitas lições para aprender.

Os dois sorriram, e ele continuou.

- Ela mora num paraíso. Um lugar condizente com sua faixa vibratória.

- Faixa vibratória ... - Disse Jucimara, tentando lembrar

onde já ouvira isso – É algo que nos faz vibrar na mesma corrente de um objeto, pessoa ou lugar, não é mesmo?

– Sim! Aquilo em que você mais acredita e se identifica.

– Acho magnífico tudo isso. Mas estou longe de poder saber tudo.

Ele sorriu ante a franqueza e humildade daquela mulher, com poucas rugas no rosto, apesar da meia idade e da vida sofrida que vivia.

– Todos nós estamos. Quanto mais sabemos da verdade, mais distante estamos dela.

– Complicado tudo isso. Gostaria de saber mais. – Disse ela.

– Não existe nada complicado na criação divina. Tudo é muito simples e direto. Nós, seres humanos, é que a complicamos, querendo arrumar respostas lógicas para tudo.

– Mas ...

Jucimara ia dizer algo, mas foi interrompida.

– Tudo está se transformando. Nada nasceu e sempre existiu. Tudo o que conhecemos é matéria da mesma matéria, desde os primórdios. A origem é o caos, e depois deram-se as formas, até o caos chegar novamente e todas as coisas se reorganizarem, mais uma vez, em um processo cíclico, a serviço da evolução.

Jucimara nada falou. Estava boquiaberta com tudo o que ouvia da boca daquele homem, que possuía uma sabedoria gigantesca.

Por um instante, seus olhares se cruzaram. Os olhos verdes escuros e penetrantes dele entraram nos olhos castanhos escuros e sofridos dela e fizeram suas pernas bambearem. No entanto, o que sentia por ele era algo imensuravelmente puro, quase paterno.

O homem cruzou as pernas e pegou mais uma xícara de café.

– Vamos falar sobre sua estada em minha casa de campo.

Ela sorriu, um tanto sem jeito, e ele prosseguiu:

– Acredito que a estada naquela casa fará muito bem a

você e a seus filhos.

Afinal, quem era aquele homem que parecia ler seus pensamentos e saber tanto sobre sua vida?

De uma coisa ela tinha certeza, ele era incomum.

Era mais do que um homem. Era um sábio.

* * *

- Agora, mais do que nunca, preciso que você cuide de minha casa. - Disse ele.

Ela debruçou-se sobre as coxas. Não conseguia esconder sua perplexidade. Afinal, o que ele realmente queria dela?

- Por que precisa que eu cuide de sua casa?

Ele sorriu.

- A minha casa está fechada há anos. Precisa de novas energias. E você tem essas energias.

Ela embasbacou-se. Como uma pessoa desprovida de qualquer qualidade notável, como ela, poderia dar energia nova a uma casa que ele dizia ser mágica?

- Como poderei dar energia a sua casa? - Interpelou ela - As vezes, não consigo dar energia nem a mim mesma?

- Não pense isso de si mesma. - Disse ele, tomando seu café - Acontecerá.

Ela sorriu, sem graça.

- acredite! Você precisa daquela casa, e ela precisa de você - Ele sorriu olhando para as crianças que a fitavam com os olhos arregalados - De você e de suas crianças ... Que são lindas ... - E olhou para ela - Meus parabéns.

Jucimara o encarou ainda mais perplexa. Não tinha palavras para expressar-se.

Como ele poderia saber tanto de sua vida? Das áreas mais remotas de seu ser? Como teria tanta fé nela, se nem ela tinha em si mesma?

Ela sentia-se ainda mais perdida. Nunca ninguém a tratara com tanto valor e respeito. O que aquele homem teria visto nela que nunca ninguém vira, nem ela mesma?

Isso ainda era um grande mistério. Um mistério que merecia ser descoberto, mas com cuidado.

Apesar da coragem dos últimos dias, Jucimara ainda tinha muito medo. Afinal, crescera cercada por ele. Por que mudaria radicalmente? Apenas por meia dúzia de novos acontecimentos em sua vida e pelas enigmáticas palavras de um sábio desconhecido? Era notável que ela fosse admirar-se de si mesma, por tudo o que teve coragem de fazer, mas não pensou que fosse capaz de tanto.

Por fim, o homem ergueu-se, e olhando para Jucimara, perguntou:

- Você tem disponibilidade de ir amanhã? Eu mesmo a levo. Fica há duas horas, indo de carro, no alto daquela cadeia rochosa, que podemos enxergar daqui.

Ele apontou pela janela, que possuía uma cortina azul-celeste, levemente dobrada nos dois cantos verticais da veneziana.

Jucimara observou com atenção. Sempre avistara aquelas montanhas do lugar onde morava. Porém, nunca tivera a oportunidade de poder visitá-las. Na verdade, sempre achou que não tivesse tempo ou dinheiro para isso, e só agora, com seus 38 anos de idade, é que iria conhecê-las, talvez, por um acaso do destino ou porque desejou muito que isso acontecesse.

Foi nesse momento que Jucimara refletiu sobre o tempo que perdemos em nossas vidas. Até que ponto podemos deixar nossas vidas passarem sem que nada de diferente aconteça nelas? Até onde podemos chegar por nós mesmos? Vale a pena viver, sem viver, realmente? O que nos faz verdadeiramente feliz?

E nesse ínterim, ela analisava o que realmente havia lhe feito feliz e o que só lhe trouxera desgosto e incertezas em sua vida.

No entanto, olhando mais profundamente, e concluindo ligeiramente seu pensamento, ela percebia, que, de todas as coisas, boas ou ruins, sempre tirara um aprendizado.

Do que seriam os dias fáceis sem os difíceis? Do que seria o amor sem a raiva? Do que seria a sabedoria sem o aprendizado?

O que seria do destino sem a viagem? Do que seria o belo sem o caos? O que seria dos humanos sem Deus?

Todas as coisas, de um extremo ao outro, sempre estiveram interligadas.

E naquele rápido momento, Jucimara teve dezenas de flashes e reflexões, subindo assim, mais um degrau nas escadas da sabedoria.

Ela olhou para o homem e sorriu. Seus olhos transmitiam alegria a quem quer que os visse, e aquele homem em sua frente detectava facilmente aquele sinal. Sabia, também, que ela havia tido uma grande revolução interior dentro daqueles poucos minutos que passara, ali, ao lado dele.

E era assim que as maiores revoluções aconteciam. Uma semana pode ser tempo demais para algo grandioso acontecer. Um minuto pode ser o tempo necessário para transformar uma vida, um planeta, e até mesmo o universo.

Jucimara agora sentia aquele doce sentimento outra vez. Sentia-se leve, fresca, solta e sorria para o homem que agora estava em pé na sua frente, retribuindo o sorriso, da mesma forma que ela. Seus filhos sentiam a energia que vibrava naquele local, apenas como uma sensação de bem-estar.

O homem sentia a mesma energia e sabia do que se tratava. Jucimara também sentia, numa outra intensidade.

Alguns minutos se transcorreram, com todos em silêncio, apenas sentindo aquela energia tranquila pairar sobre eles.

- Você já começou ... - Disse o homem olhando para Jucimara - Preciso de você naquela casa. É dessa energia que tanto lhe falo.

E ele estendeu a mão, dizendo que seu nome era Miguel. Ela fez o mesmo, e também disse seu nome.

Jucimara e seus filhos saíram dali renovados, envoltos numa sensação grandiosa de amor e generosidade. No ambiente, um forte cheiro de rosas ainda exalava no ar.

O homem os acompanhou até a porta com um sorriso no rosto. Dentro de si, algo pedia que ela se desligasse do lugar em que morara por tantos anos, pois, na manhã do dia seguinte,

Por outros caminhos

voltariam até ali para serem levados até a nova casa.

Passou o resto do dia resolvendo pendências relacionadas a sua antiga vida, e a noite, dormiu ao relento, na área de uma igreja, abraçada em seus filhos.

Enquanto estava ali, pensava em sua ex-colega de serviço e na maneira educada com que ela havia lhe pedido para sair de sua casa, por um motivo nada convencional.

Jucimara sofria por ter que dormir com seus filhos na rua. Mas, naquela noite, não tinha opção. Era a primeira vez que fazia isso, e rezava para que fosse a última.

Poderia pedir abrigo para o homem bondoso que tanto lhe ajudara desde que fora expulsa de sua casa. Homem, esse, que era funcionário da empresa que regeu a demolição de todo o bairro onde ela morava.

Mas ela não queria dar ainda mais trabalho para ele.

Jucimara estava maravilhada com a bondade e a sabedoria daquele homem. Miguel era seu nome. Um nome que ela nunca mais esqueceria.

* * *

Amanheceu rápido e Jucimara acordou com seu filho mais velho tossindo ao seu lado.

Ela o abraçou e perguntou se estava tudo bem. O menino, generoso, disse que havia sido apenas um pigarro, e que ela não precisava se preocupar. O menino mais novo ainda dormia, agarrado ao irmão, com frio, e talvez, com fome.

Jucimara também sentia fome. Havia comido antes de dormir, comprara um lanche e dividira com as crianças, ali mesmo.

A vida era dura, e ela sabia disso, mas a rua nunca havia sido o seu lugar, disso tinha ela certeza.

Talvez, tenha sido por isso que suportou por tanto tempo coisas absolutamente insuportáveis. E agora, Jucimara via que tudo o que tinha acontecido não lhe deixara fraca. Pelo contrário, deixava-a cada vez mais forte, e lamentou-se por ter desperdiçado tanto tempo de sua vida para evitar aquilo que

agora estava vivendo ao lado de seus filhos, com dignidade.

Jucimara seguiu em direção a uma lancheria. Lá, com o último tostão que tinha no bolso, tomou um café com as crianças e se dirigiu até a casa de Miguel.

Foram quase meia hora de caminhada. Ela atravessara a cidade, e agora, estava de volta ao ponto de onde partira, na tarde do dia anterior.

Jucimara mal pôde acreditar quando viu Miguel tomando café na área de sua casa. Ele, por sua vez, quando a viu com seus filhos, abanou a mão e gritou para eles apressarem o passo. Ele estava esperando por eles, já havia algum tempo. O carro, uma Grand Caravan de meia idade, já estava na frente de sua casa, pronta para ser colocada na estrada. Uma lágrima escorreu dos olhos de Jucimara. Por tudo o que era mais sagrado, ela podia jurar: não esperava tanto da vida.

* * *

A conversa foi rápida. Miguel convidou ela e seus filhos para tomarem café, mas Jucimara disse que já haviam tomado café antes de chegarem até ali.

Com um sorriso, Miguel considerou suas palavras e convidou-os para entrar em seu carro, que já estava pronto para a tão aguardada viagem.

- Acordei cedo para organizar as coisas. - Disse ele, empolgado - Não vejo a hora de visitar aquela casa novamente. - Ele fitou-a com alegria - E não vejo a hora de ver você cuidando dela.

Jucimara sorriu. Encabulada, não conseguiu responder, e entrou no carro, sem hesitar.

Pequenas malas estavam amontoadas no assoalho do veículo, mas ela não quis perguntar o que havia dentro delas. Afinal de contas, ela e as crianças estavam praticamente com a roupa do corpo, há não ser por algumas roupas guardadas em uma sacola, doadas pela amiga, que tão gentilmente, retirou ela e seus filhos de sua casa.

Miguel entrou no carro e deu partida. Porém, antes de arrancar, olhou para Jucimara sentada ao seu lado e para as crianças que estavam no banco detrás da Caravan, e disse:

- A viagem foi uma das melhores coisas já inventadas.

E seguiram em direção ao alto do monte, onde se localiza a casa que Jucimara tanto desejava encontrar.

* * *

Ao saírem da cidade, Jucimara ficou encantada com a beleza natural das estreitas estradas vicinais, por onde nunca havia andado.

Nunca viajara, nunca conhecera outro lugar que não fosse o círculo da cidade e do bairro em que morava. Tudo era extremamente surpreendente, para ela e para as crianças, que colocavam seus rostos sobre as janelas do carro e deixavam o ar bater em suas faces, fazendo esvoaçar os seus cabelos. Elas sorriam, e em seus sorrisos, Jucimara enxergava a verdadeira felicidade, escondida atrás daqueles pequenos atos.

Miguel dirigia tranquilamente, sem dizer uma palavra. Sabia o quanto seus passageiros estavam aproveitando aquela viagem, e seu silêncio era prece.

Com o vento também esvoaçando seus cabelos, ele respirava fundo o ar puro daquele lugar.

- Como eu gosto disso tudo. Sinto minha alma cheia de amor. - Disse ele, sorrindo.

Jucimara retribuiu o sorriso. Também sentia o mesmo.

- Esse lugar é tão lindo. Nunca tinha visto tanta beleza.

Miguel passou a mão por entre os cabelos lisos. Sabia de muita coisa que se passava com ela.

- Vai ser um prazer tê-la em minha casa. - Disse ele - Todo o aprendizado começa dentro de nós e nos enobrece. Por isso, acredito na sua capacidade de manter aquele lugar sempre vivo.

Jucimara sorriu.

- Eu agradeço por depositar toda a sua confiança em mim.

- Não precisa agradecer. Os corações se reconhecem, seja

onde for.

Os dois se olharam, e sentiram que suas vidas se cruzavam por grandes motivos.

- Gosto de suas palavras. Você diz as coisas que preciso ouvir.

Ele sorriu.

- Digo as coisas que você espera que eu diga. Não poderia ser diferente, pois é assim que deseja. Está atraindo aquilo que mais precisa neste momento, pois estás feliz.

Jucimara sorriu, tentando compreender o que ele dizia.

Dentro da sacola que carregava, o livro que estava lendo misturava-se as poucas peças de roupa suas e das crianças.

Miguel percebeu o livro que aparecia por um pedaço rasgado da bolsa que ela carregava, e perguntou:

- O que está lendo?

- Você já me fez essa pergunta antes. - Disse ela.

Ele sorriu sem jeito. Sabia que já havia feito aquela pergunta, mas ainda não sabia o livro que ela carregava consigo.

Jucimara tirou cuidadosamente o livro da bolsa e mostrou a ele. Miguel ficou admirado com o bom gosto literário.

- Você lê isso? - Perguntou ele, firmemente.

Jucimara sentiu um baque. Não devia ter mostrado o livro para ele. Aquele homem tão sábio riria de seu péssimo gosto literário.

No entanto, a resposta dele foi totalmente avessa as suas expectativas.

- Amo este autor! Minha esposa o adorava. Tínhamos vários livros dele.

Jucimara sentiu-se aliviada e encabulada ao mesmo tempo.

Ele continuou:

- Com certeza, os importantes mistérios da vida e as melhores formas de encontrar a si mesmo, estão nessas páginas. Nunca li um outro livro que o superasse. É uma verdadeira bússola para os viajantes deste planeta.

Jucimara sorriu. Achava engraçado a forma como ele se referia aos seres humanos. Como se ele mesmo fosse de um outro

planeta.

- Quero que conheça a biblioteca pessoal minha e de minha esposa.

- Existem muitos livros lá?

- Sim! - Respondeu ele, animado - Uma verdadeira escola da existência, contendo apenas um grão de areia do grande mar da sabedoria divina

As crianças ouviam a conversa, mas não desgrudavam os olhos da estrada. Se divertiam muito ao ver as coisas que passavam rapidamente e com o vento que batia em seus cabelos. Nunca haviam andado de carro e sentiam-se como borboletas ao sair de um casulo.

- São lindas suas crianças. - Disse ele, olhando pelo retrovisor interno do veículo.

- Sim. Eles são a minha vida.

- Eles devem lhe ensinar muito a viver.

- Sim. Muito mais do que eu aprenderia se não os tivesse.

Miguel a encarou ternamente.

- Ele nos fazem avançar na escola da vida.

- Você nunca teve filhos?

- Não. Queria ter, Beatriz também. Mas ela partiu antes que nosso sonho se realizasse. Não me culpo e nem culpo ninguém por isso. As oportunidades chegam quando estamos preparados para recebê-las.

Jucimara ficou em silêncio. Nunca achou que estivesse preparada para ter seus filhos. Não sabia se não concordava com aquela ideia ou se não havia entendido a sua verdadeira essência.

Miguel, como se adivinhasse sua dúvida, esclareceu:

- As maiores oportunidades chegam sorrateiras e quando menos as aceitamos. Passamos a vida achando que não as merecemos ou não estamos preparados para recebê-las. Só percebemos isso quando mais precisamos daquilo que um dia achávamos nunca precisar. A vida é uma grande peregrinação. Os caminhos mais comuns, são os mais difíceis a serem trilhados.

Jucimara ficou em silêncio. Havia entendido o que ele queria dizer. Mas era difícil de aceitar os grandes acontecimentos

ocorridos em sua vida. Como a maioria das pessoas, ela se focava apenas no que a fazia sofrer, e isso fazia ela compreender que não era merecedora das grandes recompensas que a vida havia lhe dado.

- É difícil aceitar. - Disse Miguel, mais uma vez compreendendo suas dúvidas - Mas precisamos abandonar o velho casulo e começar a usar as asas que nos foram dadas para voar.

Jucimara abaixou a cabeça. Compreendia sua ignorância e tudo o que a fazia tropeçar.

Miguel continuou dirigindo, novamente em silêncio. Estavam muito perto do seu destino e logo chegariam.

* * *

As montanhas que antes estavam longe, agora ganhavam esplendorosas formas das mais variadas cores e tamanhos. Montanhas verdes, marrons, violetas e o azul do céu, contrastavam com a beleza dos vales que circuncidavam a região.

Jucimara respirou fundo o ar puro que entrava suavemente em seus pulmões. Novamente sentiu aquela sensação de liberdade, como se por alguns momentos, tivesse deixado do seu casulo de carne, e seu espírito, agora livre, voava pelas encostas dos gigantescos canyons.

O azul do céu a fazia sentir-se como um pequeno pássaro, sem destino, sem preocupações, sem compromissos, sem intenções. Não ouvia mais o barulho do motor do carro e as rodas que pisavam o cascalho duro da estrada soavam delicadamente.

Tudo era belo, livre e singular.

Como tudo aquilo lhe fazia bem. Deveria existir uma explicação para tudo que sentia quando estava em contato com a natureza.

- Sabe - Disse Jucimara, dirigindo-se a Miguel - Há poucos dias, comecei a abrir-me para novos pensamentos.

Miguel sorriu, com sinceridade.

- Imagino quais sejam.

- São coisas que se passam dentro de mim mesma.

- Entendo você. - Disse ele, enquanto fazia uma curva fechada beirando a montanha, que antes, era apenas uma paisagem vista da cidade.

Logo começariam a subi-la.

- Comprei este livro, pois achei que pudesse me ajudar a entender as coisas que estavam acontecendo comigo.

Jucimara abaixou a cabeça e suspirou profundamente.

Miguel respondeu:

- Os livros nos ajudam muito. O conhecimento é uma das maiores dádivas do ser humano. Porém, precisamos de uma outra coisa.

Ela o encarou seriamente.

- O que?

- Sabedoria. E ela também chega até nós por meio dos livros. Mas, chegam, principalmente, por meio de nossos atos. Sabedoria, nada mais é, que a experiência de vida que temos.

Ele a olhou no fundo dos olhos e prosseguiu:

- Nunca se esqueça disso: o conhecimento é a teoria da vida, é a sabedoria, é a prática, é o amor. - Ele deu uma pausa, e depois continuou - Principalmente o amor.

E sorriu.

Jucimara ficou em silêncio. Tentava discernir novamente todas as coisas que havia escutado. Talvez, tudo isso que vivia, fizesse parte do que Miguel chamava de sabedoria.

- Queria poder saber todos os segredos do universo - Disse ela, taciturnamente.

- Nós somos todos os segredos do universo - Respondeu ele, com um sorriso - Dentro de nós habita tudo o que já existiu e existe em todos os lugares. Nós somos o início, o fim e o meio, como dizia a música de um autor muito conhecido.

Ela sorriu, dando um tapa de leve nos ombros dele.

- Já ouvi essa música antes.

- Sim! - Respondeu ele. E imediatamente pôs os dedos no aparelho de som do carro - Como podemos ter esquecido?

Jucimara olhou para ele, atônita.

- Do que?

Ele a encarou com os olhos arregalados.

- Música!

E das pequenas caixas de som acopladas à porta do veículo, saíram canções que nem Jucimara e nem as crianças haviam escutado antes.

- Que estilo de música é esse? - Perguntou ela, remexendo-se no banco.

Ele riu. Já estavam na subida mais íngreme do monte e as árvores agora fechavam as laterais ao redor da estreita estrada de terra. Miguel reduziu para uma segunda marcha, e logo respondeu:

- Chamamos isso de Nova era. Em inglês, que é o nome popular, chama-se: New Age.

Jucimara ouvia a canção terna que possuía melodias suaves e delicadas.

Com seus ouvidos apurados e a boa qualidade sonora dos alto-falantes, ela conseguia captar nitidamente cada uma das harmonias, minuciosamente trabalhadas por músicos excepcionalmente talentosos.

O som harmônico era de uma qualidade imensurável e alcançava diretamente o seu coração. Nunca havia tido essa sensação ao escutar uma canção. Era uma algo muito parecido com o que sentia ao estar em contato com a natureza.

- A música - Disse Miguel - Tem o poder de edificar a alma e o coração dos homens. É o modo mais direto de chegar até eles.

Com os olhos fechados, Jucimara concordou, apenas meneando a cabeça. Estava entorpecida pela canção.

- As harmonias, que trabalham com o elemento ar, precisam ser muito bem elaboradas. Caso contrário, podem não alcançar a finalidade para qual foram projetadas e podem até mesmo causar problemas físicos e psicológicos, além de ter o poder de desviar ou corrigir o caráter das pessoas. - Ele tamborilou os dedos no volante e concluiu - Você nunca ouviu

aquela frase que diz: quer conhecer uma nação, conheça a música que ela escuta?

Jucimara sorriu. Suas mãos agora bailavam no ar, mas estava atenta a todos os esclarecimentos de Miguel. No entanto, sua mente vagava longe.

- Essa é a verdadeira sensação de liberdade, Jucimara. - Disse ele - Sentir-se livre, é nada sentir. O nada é o tudo. O caos também é o tudo. A calma é o nada, e o nada é o tudo. O nada está dentro de nós e precisamos dele para nos refazer das lutas diárias. O nada nos serve de consolo, de descanso e é o grande significado da paz. O caos nos faz evoluir e alavanca-nos na direção do criador. O nada é o refazimento, o caos ... É o ressurgimento.

Com os olhos fechados, ela interpelou:

- Por isso que quando alguém nos perturba com algo que nos chateia, dizemos a essa pessoa que não queremos mais nada?

- Sim! Pois só queremos paz. No entanto, as pessoas, na maioria das vezes, por uma causa que julgam ser boa, não entendem isso. Acham que sempre estamos precisando de algo para preencher o vazio que existe dentro de nós. Porém, nada pode preenchê-lo. Apenas a paz que o nada oferece. Não querer nada é querer paz para que o vazio se preencha com o próprio vazio. O caos não pode preenchê-lo naquele momento. Ele só pode ser usado naquilo para o que é aplicado. Isso vale para toda as situações da existência.

Jucimara sorriu, mesmo de olhos fechados. Todas as explicações de Miguel pareciam ser sempre tão coerentes.

Seria aquele homem um mestre?

* * *

- Chegamos! - Disse Miguel, desligando o carro e puxando o freio de mão.

Jucimara ainda permanecia de olhos fechados. Usufruíra, com júbilo, de sua breve ascensão espiritual.

O menino mais velho levou a mão para cutucá-la, porém,

Miguel o interceptou, com delicadeza.

- Não se preocupe. Quando chegar a hora ela abrirá os olhos.

- Mas ... Ela está bem?

Miguel sorriu paternalmente para o menino. O outro acompanhava a tudo com a mesma preocupação do irmão.

- Sim. Logo sua mãe estará de volta. Isso fará bem para ela. Confie em mim.

O menino lançou um olhar incrédulo para o homem, o outro fez o mesmo.

Poderia aquele homem tê-la enfeitado? Afinal, não conheciam ele. Ele poderia ser um feiticeiro. Quem duvidaria disso? Quem ajuda pessoas que nem sequer conhece?

E como se adivinhasse os pensamentos dos meninos, Miguel falou:

- Fiquem tranquilos. Confie em mim, garotos. Ajudamos aqueles que mais precisam de nós. Só entende isso quem está em paz consigo mesmo e arca com as consequências de suas decisões.

E pôs a mão nos ombros de cada um. Miguel sentiu a tensão acumulada no ombro deles. Então, ele fechou os olhos e os abriu. De repente, um relaxamento se instalou no corpo dos dois meninos, e os olhos deles encontraram com os de Miguel, que os aguardava com um sorriso.

- Estão mais calmos agora?

- Sim. - Respondeu o dois, em uníssono, sem entender o que havia acontecido.

- Quando não queremos, é quando mais demonstramos querer.

Os dois meninos se olharam, e em seguida, olharam profundamente para Miguel. Aquele homem possuía algo nos olhos que os relaxava e os deixava em estado de completa harmonia.

- Qual o seu nome? - Perguntou Miguel a um deles.

- André. - Disse o mais velho.

- E o seu irmão?

- Andrei. - Disse o mais novo, antes que o outro falasse.
Miguel sorriu.

- Sua mãe economizou nos nomes. Aproveitou o de um e pôs apenas uma letra diferente no nome do outro.

André o encarou sem entender aonde ele queria chegar com aquela conversa.

- A inteligência está na aparência daqueles que menos percebemos. - Disse Miguel, sorrindo.

Quem era aquele homem que falava por enigmas? As crianças nunca o entenderiam, ou talvez entendessem e não conseguissem discernir tudo aquilo agora. Era questão de tempo. Com o passar dos anos, talvez eles fossem lembrar dessas palavras, e isso revolucionaria suas vidas.

Na vida de Jucimara a revolução já começava, e muito rapidamente.

* * *

Não existia expressão para codificar o que aqueles meninos sentiam ao enxergar a casa em formato oval que despontava na frente deles.

O telhado, como o restante da casa, era redondo, e as portas eram feitas de madeira bruta, com entalhes de budas meditando.

O ar era puro fazia qualquer pessoa ter um êxtase espiritual. As crianças respiravam profundamente aquele ar, que limpava os seus pulmões das impurezas do poluído ar da cidade.

Do pico da montanha, era possível ver todos os outros montes que se desdobravam em um belo quadro, pintado pelas mãos divinas. Ao longe, a cidade de onde vieram era apenas uma pequena fileira de prédios, perdida no meio de um mar verde dourado.

Miguel retirava as coisas do carro, enquanto Jucimara começava a ter os primeiros sintomas de regresso a realidade física.

As crianças perdiam-se em meio ao imenso campo verde,

brincando de caçar as borboletas, que se enfileiravam às dezenas, em meio as flores do jardim.

Na área da casa, Miguel colocava com cuidado as pequenas e as grandes malas, que ia aos poucos retirando do carro. Sorria ao ver o sorriso das crianças. E em cada sorriso, sentia saudade daquela que um dia esteve ali, ao seu lado, e que muito falara em lhe dar filhos lindos como aqueles.

A saudade lhe aboletava o coração quando percebeu que Jucimara abria os olhos, e saía do carro, com um semblante de admiração estampado no rosto.

* * *

- Como chegamos a este lugar? - Perguntou ela, entorpecida com o que via.

Do outro lado, seus filhos pulavam alegres atrás das pequenas borboletas que insistiam em voar para longe deles.

Ouvindo a pergunta, Miguel respondeu:

- Chegamos de carro. Mas quem nos trouxe até aqui foi você.

Ela franziu os cenhos. Miguel largou a última mala na área e dirigiu-se até ela.

- Não compreendo o que quer dizer. - Disse Jucimara, esfregando os olhos.

Ele pôs a mão direita em seu ombro e com um sorriso no rosto, respondeu:

- O que eu quero dizer, é que, por mais que eu tenha nos trazido até aqui, foi você que permitiu tudo isso. Abriu as janelas de sua mente e deixou-se voar através delas. Este lugar é resultado de suas novas crenças e ideias. Por favor, não o conteste se o quer para si. Temos o poder de trazer e de afastar as coisas boas de nossas vidas.

Jucimara abaixou a cabeça. Lembrou-se dos dias em que viveu na casa que Miguel ajudara a demolir, e por um instante, um misto de raiva e arrependimento atravessou seu coração.

Sem hesitar, ela olhou para ele, e respondeu, com uma

peculiar dureza no olhar:

- Por que você me diz todas essas coisas? Foi você quem ajudou a demolir minha casa! A casa onde eu morava com meu marido e meus filhos. Onde eu vivia minha vida e ninguém tinha nada a ver com ela. Deste tudo isso para mim e para eles por que ficaste com pena da mulher que viste naquele dia, sendo espancada pelo marido bêbado no meio da rua, e perdendo a casa e a vida com seus dois filhos pequenos.

Miguel engoliu em seco. Tinha noção do que estava acontecendo. Sabia da situação dela e nunca a censuraria. Entendia dos assuntos referentes ao coração, pois, por muitos anos estudou profundamente o cerne da alma humana. Era um dedicado guru de si mesmo e de quem acreditasse ser protagonista de sua história e de quem conseguisse enxergar o mundo através do seu próprio coração.

E naquele momento, Miguel via uma mulher que recebia a luz do mundo, e através dessa luz, as suas sombras se manifestavam. Elas saíam de todos os recônditos de sua alma. A luz que tudo ilumina, mas que também tudo transforma. A luz que expulsa as sombras para encher as almas da esplendorosa luminosidade existencial, ali se apresentava, sob a forma de uma mulher, tão comum aos olhos do mundo.

E era essa luz que fazia essa mulher ter tantas reações avessas a tudo o que aprendia. Nas vezes em que ela mais sentia-se iluminada, mais as sombras se projetavam sobre si. O amor que tudo transforma, expulsava as trevas do seu coração e dava lugar à luz que habitava no fundo de sua alma.

Miguel a observava de longe.

Quantas vezes aquela mulher passara por isso desde que começou a buscar o caminho de si mesma? Ele não sabia. Tudo o que sabia era que de agora em diante, ele iria elucidá-la sobre todas as coisas que circuncidava a sua alma.

Ajudaria ela encontrar a si mesma. Talvez, ela também pudesse ajudá-lo a encontrar-se consigo mesmo, antes que fosse tarde demais.

- Jucimara, veja bem... - Começou ele, de frente para aquela mulher, que agora, beirava uma violenta crise existencial - Tudo o que fiz já estava planejado. Não por mim, mas por pessoas superiores, politicamente falando. Não preciso dizer que você e todos os moradores daquela vila já sabiam o que lhes aconteceria se não saíssem de lá.

Jucimara fuzilou-o com um olhar.

- Mas, e todas aquelas pessoas? Onde foram morar? Vocês mentiram para nós! O prazo para retirada foi abreviado.

Miguel sorriu ternamente para ela e isso a acalmou.

- De fato, isso é verdade. Mas não esqueça que cada um leva para si aquilo que possui no coração. Não pense que você teve sorte ou que posso me aproveitar de você por isso. A sorte, propriamente dita, não existe. O que chamamos de sorte é a energia que você envia para o universo e que retorna para você carregada daquilo que você mais vibrou enquanto ela esteve orbitando pelo espaço, percorrendo os mundos por onde passou e se nutrindo de mais da mesma energia que você enviou. Tudo é muito relativo na dimensão em que vivemos. Parece sólido, mas não é. Vivemos nos mudando a todo o momento. Nascemos e morremos fisicamente pelo menos uma vez por ano, pois toda as células morrem e renascem outra vez, num ciclo extraordinário; e espiritualmente, isso acontece a cada minuto.

- Não entendo a minha vida e nunca entendi as coisas que aconteceram comigo. Não entendia meu sofrimento, e agora, não entendo a minha felicidade.

Ao dizer isso, uma lágrima rolou dos olhos dela e Miguel enxugou-a com delicadeza, com o indicador.

- Somos aprendizes da vida e é complicado entendermos algumas lições que nos são apresentadas. Mas, assim que as entendemos, estamos prontos para concluir as etapas que se apresentam em nossas vidas.

Jucimara respirou fundo. Agora, começava a voltar a si novamente. Lembrou-se da última vez que sentira aquela

estranha sensação no peito e da sensação horrível de inferioridade que experimentara depois que tudo havia passado. Era como se erguesse um castelo de pensamentos, e de uma hora para outra, nada daquilo fizesse mais sentido para ela, e aquela construção, que antes parecia tão forte, desmoronava como um pequeno castelinho de cartas.

Mas agora, sentia-se protegida. Diante do homem que conhecera por acaso no dia da demolição de sua casa, e, conseqüentemente, de sua vida, Jucimara se assemelhava a uma criança que precisava do amparo dos pais que nunca teve.

Sem hesitar, abraçou-se nele e uma vontade imensa de chorar lhe apertou a garganta. E ela chorou, agarrada naquele homem, que há poucos dias era um desconhecido, e agora, era tão importante em sua vida.

As crianças haviam se perdido no bosque, próximo as lindas floreas, mas logo encontraram o caminho de volta e regressaram rapidamente assim que ouviram o choro da mãe. Aproximaram-se e abraçaram-se nela, junto de Miguel. E ali, diante da esplendorosa natureza e da casa onde há muito tempo habitou um monge, estudioso da luz e das trevas, da vida e da morte, da alma e do coração, uma roda de amor e misericórdia se fez.

Erguendo os olhos para o céu, Miguel pôde ver uma energia azul pairar sobre eles, acima da copa das árvores.

Ele respirou fundo o ar puro da floresta e expirou toda a angústia que carregava no peito. Estava renovado. Agora, sentia, como nunca, a energia do universo que dentro dele habitava.

Naquele instante, Miguel teve uma das maiores experiências espirituais de sua vida.

Ali, em frente a casa que pertencera a um iluminado monge budista, e onde, por poucas vezes, esteve com sua mulher, Miguel pôde se unir ao amor do criador. Todas as divindades estavam ao seu redor, e ao longe, ele percebeu que um homem de capa escura o observava, dentro do bosque florido. Miguel o encarou, mais ele desapareceu imediatamente.

Sem hesitar, ele pôs o dedo no queixo de Jucimara e

ergueu o rosto dela, até fitar o interior de seus olhos negros.

E ele disse, com grande emoção:

- Você aceita que eu seja seu mestre?

Apesar, que, de súbito, ela não tenha entendido, seu coração lhe dizia algo. E, pela segunda vez, Jucimara fez aquilo que seu coração mandou.

Sem hesitar, ela disse “sim” para Miguel, transformando toda a sua vida, sob o olhar do misterioso homem da capa escura, que novamente os observava de dentro do bosque florido.

– Um mestre é aquele que edifica, que ensina, que ama, que perdoa e que se alegra com seu discípulo, mesmo quando ele erra. Um mestre é um pai sem laços sanguíneos. Seus laços são puramente espirituais. – Disse Miguel, segurando as mãos de Jucimara. – Você ainda está apenas começando a grande caminhada, mas foi escolhida para receber a sabedoria do universo.

Ela engoliu em seco. Era, de fato, estarrecedor o que ele dizia.

– Creio que isso possa ser um pouco assustador para você, pois, ainda cursa as primeiras cadeiras do conhecimento. Mas lhe digo: as energias do mundo estão com você.

Ele sorriu ao dizer isso.

– E como isso acontece? – Perguntou ela, atônita.

– Desde o momento em que você aceita mudar a sua vida, mesmo sem importar-se com as consequências. – Ele pôs as mãos sobre os ombros dela – Você agora faz parte da família dos anjos em ascendência.

– E o que isso significa?

– Significa que tudo o que você encontrar pelo caminho, de agora em diante, deverá ser usado para seu aprendizado. São as ferramentas que nos aproximam do criador e de seus seres mais especiais.

Ela abaixou a cabeça. Era difícil compreender muitas das coisas que ele dizia.

– Preciso de um tempo para resolver minha própria vida.

– Você terá este tempo. E eu, como seu mestre, estarei aqui para lhe ajudar.

Ela sorriu timidamente.

– Posso lhe chamar de meu mestre? É isso? Como os budistas, os sufistas, os hindus e os Hare Krishnas?

– Sim! – Disse ele sorrindo – Mestre não significa religião. Mestre significa coração: um coração servindo outro coração.

Os dois se olharam profundamente e Jucimara emudeceu diante do olhar daquele homem.

– E você não voltará a cidade? – Perguntou ela, com a voz

embargada, tentando quebrar o silêncio que pairava entre os dois.

Ele sorriu.

- Sim. Voltarei assim que terminar o que devo fazer aqui.

Ela abaixou a cabeça. Talvez estivesse falando dela. Por um instante, lembrou-se do homem, que de certa forma, havia ajudado a trazê-la até ali.

- E meu ex-marido? Você tem notícias?

- Não depois daquele dia. Mas acredito que ele deva estar bem. Seu coração ainda está empedernido de ódio e de rancor. Mas logo ele aprenderá com suas próprias experiências. - Miguel sorriu para ela - Afinal, ele também ajudou a trazê-la até aqui.

Ela abaixou a cabeça. Ele mais uma vez lhe falara o que ela havia pensado.

- É difícil acreditar que isso seja verdade. - Por um instante, a voz dela ficou embargada e sentiu uma vontade imensa de chorar, mas conseguiu contê-lo. - Torço todos os dias por ele. Eu acredito, que no fundo, ele possa ser uma boa pessoa.

Miguel afastou-se vagorosamente dela.

- Sim. E ele o é. Ninguém possui apenas a maldade dentro de si. A maneira que vamos compreendendo a vida, o nível de maldade diminui gradativamente. É uma regra. A ignorância nunca vencerá. O criador, em sua tamanha bondade, não devotou ao mal a energia suprema do universo. O mal é apenas é uma transição na vida das criaturas.

Os dois sorriram e Miguel ergueu o braço em direção a casa.

- Vamos entrar? Quero lhe mostrar a casa.

- Sua casa! - Afirmou ela, sorrindo.

- Não a rotulo dessa forma. Essa casa é de quem conseguir usufruí-la com a alma. Apenas possuo as chaves e autorizo quem entra ou sai de dentro dela. Não somos donos de nada neste mundo, apenas tomamos por empréstimo as obras da criação.

Jucimara sorriu. Miguel tinha razão. Toda a criação nos é emprestada até chegar o tempo de irmos embora. Pagamos com o bem que fizemos aquilo que nos foi cedido pela boa vontade

do criador.

Entramos em casas construídas, e não pagamos nada além do amor para habitá-las.

* * *

Subiram o deck e pararam em frente a grande porta redonda, com imagens de budas meditando, entalhadas na madeira.

- Isso é incrível. - Dizia ela, passando as mãos nos moldes muito bem esculpidos.

- Todas as coisas carregam histórias. - Disse Miguel, também passando a mão pelos entalhes da porta - Carregam a energia de quem os fez, de quem os tocou, de quem esteve junto com eles, durante o tempo em que foram criados. Os objetos, as pessoas e os animais, possuem a qualidade ímpar de absorver todas as nossas energias.

Jucimara ouvia atenta a elucidação de Miguel.

- Eu sei disso. - Respondeu ela - Todos que passaram por mim fizeram-me ser o que sou.

- Sim! E é nisso que temos que ter cuidado. Nossa energia pode elevar e até mesmo destruir a vida das pessoas. Podem estraçalhar objetos ou reformá-los, acabar com a vida de animais ou preservá-los. Podemos tudo, pois temos a energia do universo ao nosso dispor. Só não podemos aquilo que achamos não poder alcançar.

Ela meneou a cabeça em afirmativa. Concordava com as palavras de Miguel.

- Será um prazer ter você como meu mestre. Isso ainda me assusta, mas, preciso de alguém que guie meus passos.

Ele sorriu. Sabia da importância do que ela dizia.

- Não precisa se assustar. Apenas confie. Você pode muito mais do que imagina. Lembre-se sempre disso.

Os dois sorriram alegremente. As crianças observavam atentas a conversa. Aprendiam muito e levariam para as suas vidas todos aqueles ensinamentos.

Agora, eles entrariam na casa. Jucimara não continha-se de tanta ansiedade.

* * *

A casa era um feito magistral da arquitetura oriental. Jucimara observava a tudo admirada. No centro da sala de estar, havia uma escada em formato de caracol que subia até o segundo andar. Na escada, havia entalhes de budas e imagens de animais exóticos em ambos os lados.

Havia duas vigas de sustentação, e em cada uma delas, um buda meditava, cada qual, com um sorriso no rosto.

- Esses são os budas sorridentes. - Disse Miguel, sorrindo
- Na época em que passaram pela terra, seus discursos eram feitos apenas com risos.

Jucimara franziu o cenho.

- Como pode isso? Nada falavam?

Miguel sorriu.

- Não. Um sorriso vale mais do que mil palavras. Nunca ouviu essa frase? A alegria que eles sentiam era repassada aos seus ouvintes e todos eram contagiados com seus risos. Os budas sorridentes são os maiores exemplos de alegria e felicidade que podemos encontrar no mundo oriental, pois souberam ter seriedade sem perder o senso de humor e dar alegria sem ferir a tristeza de quem os ouvia.

Jucimara embasbacou-se. Como poderiam fazer um discurso apenas com risos, sem qualquer palavra? Isso era magnífico.

- Palavras são apenas palavras. Sorrisos são todas as coisas juntas. Palavras entendiam. Sorrisos contagiam - Ele a encarou firmemente e fez um gesto com os dedos - Entendeu a diferença?

Ela sorriu para ele meneando a cabeça em afirmativa.

Como ela se sentia feliz. Quantas coisas estava aprendendo com aquele homem tão sábio.

* * *

De repente, um estrondo foi ouvido.

Jucimara olhou para o chão e viu seu livro caído no assoalho da sala. Ela saiu do carro segurando-o firmemente, e por um descuido, deixou-o cair. O barulho ecoou por toda a casa, como um aviso.

Ela abaixou-se para juntar o livro que caíra aberto em uma das páginas. No entanto, Miguel a segurou pelo braço, advertindo-a, com delicadeza.

- Não junte-o!

- Por quê? - Perguntou ela, atônita com a reação dele.

- Vejamos antes o que está escrito nessa página.

Jucimara o encarou e olhou novamente para o livro aberto no chão.

Miguel a encarou de volta.

- Abaixese e leia o que o universo lhe diz.

Ela abaixou-se e começou a ler, sem mexer o livro do lugar:

- Os remorsos são as cicatrizes da alma. As tristezas, feridas que ainda não se curaram. As raivas, ferimentos maltratados que se abriram com o tempo. Chegará o dia em que todas essas coisas cessarão. A raiva deixará de existir e será apenas uma brisa no coração. Os remorsos ficarão esquecidos e o tormento de remoê-los lhe deixará para sempre. A tristeza será apenas uma lembrança de algo que ficou distante do que você se tornou agora. Porém, existe uma técnica que o acompanhará na grande caminhada até este dia. Seja você mesmo e ...

Jucimara levou uma das mãos até a página do livro. Iria virá-la para ler a continuação da frase. Porém, antes que fizesse isso, Miguel pôs a mão em seu ombro e lhe falou, veementemente:

- Não vire a página!

Ela virou a cabeça e olhou fundo em seus olhos.

- Por quê não posso virar? Preciso saber a continuação desta mensagem.

Miguel sorriu ternamente para ela.

- Não! Esta é a mensagem. Isso é tudo o que você precisa saber.

- Mas ela continua no outro lado da folha e ...

Ele a interrompeu em um tom austero, mas sem ofendê-la.

- Se fosse para você saber o que está do outro lado da folha, o livro teria caído em pé, o que seria extraordinário, mas não impossível. - Ele a encarou por alguns segundos - Isto é tudo Jucimara. Dê tempo ao tempo. Usufrua dessa mensagem. Aproveite isso para crescer em si mesma.

Miguel disse isso e estendeu a mão para ela, erguendo-a. As crianças olhavam atentas e admiradas ao mesmo tempo.

Ele virou-se e caminhou em direção a porta enquanto Jucimara pegava o livro no chão.

- Vou começar a trazer as coisas para dentro. Nas malas temos roupas e mantimentos. Será necessário para passarmos um bom tempo por aqui.

Jucimara franziu os cenhos. Ele falou ... Passarmos? Ele realmente ficaria hospedado com ela naquela casa? Não voltaria para a cidade como havia lhe dito?

- Achei que você não fosse ...

Ele não a deixou prosseguir.

- Ficarei aqui com vocês. Afinal de contas, um mestre precisa estar sempre perto de seus discípulos. E além do mais, preciso da energia deste lugar. Dormirei no quarto que era meu e de minha esposa. Você, Jucimara, ficará no quarto de hóspedes, junto com seus filhos. Este quarto possui uma cama de casal e um beliche. - Ele fitou os três, e disse - Ghautis, o antigo monge que morou aqui, dizia que aquele quarto era mágico, pois fazia suas visitas retornarem para essa casa em sonhos. Por isso não estranhe se sonhar com pessoas estranhas. São as pessoas que já passaram por esta casa e dormiram naquele quarto. Com certeza, poucas ainda estão neste plano. E, como eram seguidores de Ghautis, com certeza lhe pedirão autorização para visitar as acomodações de sua mente.

- Como farão isso? - Perguntou Jucimara, preocupada.

- Da forma que mais lhe convir. Como já lhe disse: nós podemos tudo! Somos limitados apenas para o que ainda não

aprendemos e temos o poder de deixar que as boas ou as más energias entrem ou não em nossas vidas.

Ela sorriu ao ouvir aquelas palavras.

Miguel saiu e Jucimara releu a última frase da página que caíra aberta.

“Seja você mesmo e ...”

Ela fechou o livro e apertou-o contra o peito. As crianças vieram até ela e a abraçaram uma após a outra. Estavam felizes com o novo lar, e Jucimara, curiosa com o que estava escrito na próxima página do livro.

* * *

Miguel ia e voltava com as malas, dispendo-as todas ao lado da porta.

- Arrumaremos depois todas estas coisas. Agora, quero que você venha comigo. Preciso lhe mostrar os cômodos da casa.

Jucimara acompanhou Miguel, e as crianças, por sua vez, também acompanharam.

Ela admirava todas as coisas, pasmada, imaginando como seres humanos poderiam elaborar tão fascinante obra de arte.

A casa de Miguel possuía um misto de fascínio e simplicidade.

- Esta é a cozinha. - Disse ele, parando num cômodo que possuía uma cozinha muito parecida com as que ela já havia visto nas revistas de culinária chinesa, no restaurante onde trabalhava.

Na cozinha, havia uma pequena mesa com poucos centímetros de altura e com bancos do mesmo tamanho.

- Como as pessoas comem aqui? - Perguntou ela, pasmada.

- Sentadas.

Ele riu.

- Sentadas no chão, praticamente. - Disse ela, ríspida.

- Não seja tão crítica, Jucimara. - Respondeu Miguel, calmamente - Teremos o prazer de desfrutar de artigos com uma cultura milenar e essencialmente voltados para o eu interior.

Miguel circuncidou a mesa e apontou com o dedo para o centro dela.

- Essa mesa e essas cadeiras com pernas baixas, significam o contato do homem com a terra. Todo o alimento vem da terra. Assim como nosso corpo e a nossa alma. Somos todos feitos da mesma matéria.

Ela meneou a cabeça, concordando.

- Pois bem. - Continuou ele - O monge Ghautis reunia-se aqui com seus amigos, parentes e seguidores. E, ao longo do tempo, os donos posteriores deste lugar, conservaram este local, bem como toda a casa, em sua memória.

- Eram todos seus seguidores?

Miguel sorriu.

- Não. Mas respeitavam a crença e as ideias do antigo monge que há muito tempo desencarnou e está enterrado na floresta florida.

Jucimara arregalou os olhos.

Miguel apontou o dedo para a janela redonda da cozinha, que dava para a floresta. A janela estava semiaberta, e dali, podiam enxergar as folhas secas caindo com o vento e as flores desabrochando lentamente.

- Ele continua aqui? Quero dizer ... Seus restos mortais?
- Perguntou ela, com receio daquilo que ainda desconhecia.

- Sim. Ninguém sabe exatamente onde. Mas sabe-se que está na floresta. Isso já faz muito tempo. Seus seguidores o enterraram lá, a seu próprio pedido, e fizeram uma festa em homenagem a sua morte.

- Uma festa? - Perguntou ela, atônita - Uma festa saudando a sua morte?

- Sim. - Disse Miguel sorrindo - Para Ghautis, a morte era um renascimento, e foi o que ele sempre procurou passar para seus seguidores. Ele dizia que quando nascíamos aqui, em algum lugar, havíamos morrido. Por isso, não havia motivos para temer e nem se entristecer com a morte do corpo, pois o espírito renasceria novamente em algum lugar deste imenso universo.

Jucimara calou-se por alguns instantes, e logo após,

sussurrou:

- Acredito muito nisso. Tanto quanto na infelicidade que tive em minha vida.

Ouvindo o que ela dissera, Miguel sorriu.

- Pois acredite! E acredite na sua tristeza, pois ela também é real e moldou a sua alma no que ela é agora.

Ela silenciou-se novamente. Todas aquelas palavras martelavam em sua mente com uma força imensa, e mudavam, gradativamente, seu modo de enxergar a vida.

* * *

Miguel prosseguiu com as elucidações sobre o cômodo da casa:

- Aqui temos as cristaleiras e os aéreos. Tudo da época em que Ghautis habitou neste lugar. Estes objetos ainda possuem toda a sua energia.

Jucimara ouvia a tudo atenta. E como uma boa discípula, ouvia mais do que falava. Não tinha conhecimento dessa lei, mas já a praticava, pois estava gravada em seu inconsciente, vinda, talvez, de uma outra existência.

- Tudo aqui é tão vivo. Tão cheio de energia. Sinto-a em cada célula do meu corpo.

Miguel sorriu, lhe dirigindo a palavra.

- Apesar do tempo em que essa casa esteve fechada, o monge Ghautis energiza-a constantemente. Ele a fez, portanto, nunca a esqueceu e visita-a sempre que pode. Porém, ela também precisa de energias humanas encarnadas. Precisa de alguém que cuide de sua dimensão material. Alguém que regue suas flores, limpe seus assoalhos e suas paredes, pode suas árvores e a ame incondicionalmente.

Jucimara sorriu alegremente.

- Alguém como eu?

Miguel a encarou com ternura.

- Se você acredita firmemente nisso ...

Ela sorriu, com um brilho no olhar.

- Sim! Acredito. - Respondeu ela, com imensa alegria.

- Ela é toda sua agora. Cuide-a. Ame-a. Essa casa terá suas energias e a recompensará por aquilo que emanar para ela.

Jucimara sorriu e colocou a mão sobre o rosto. Quase não acreditava que teria uma casa para morar e pôr as suas energias, mesmo depois de tudo o que aconteceu em sua vida.

- Esse lugar será parte de você, e você será parte dele. - Concluiu Miguel, com um sorriso.

Jucimara estava confiante. Tinha certeza de que faria o melhor de si para cuidar daquela casa. E, principalmente, daria o melhor para cuidar de si mesma.

Assim era a casa, assim é a vida.

* * *

Subiram as escadas e Miguel lhe mostrou os dois quartos, e sem querer, chorou ao mostrar o quarto, onde, por várias vezes, dormira com sua esposa. Jucimara o consolou sem lhe dirigir a palavra. Apenas estendeu gentilmente sua mão para ele.

- Existem momentos que palavras não bastam. Apenas o silêncio consola. Palavras podem julgar, mas o silêncio auxilia. Palavras podem fraquejar, mas o silêncio tem a sua própria força. Palavras podem estar erradas, mas o silêncio sempre estará certo.

- Disse ele, enquanto chorava a falta de sua falecida mulher.

Ficaram assim, de mãos dadas, por mais alguns minutos, e logo depois, passada as velhas e amargas lembranças de uma vida que há muito se fora, Miguel continuou a apresentar-lhe o quarto.

O cômodo era pintado de um azul celestial. Segundo Miguel, uma cor que sua mulher sugeriu, e que segundo ela, significava a pureza de cada alma.

- Como me sinto bem aqui. - Disse ela, respirando fundo o ar daquele aconchegante ambiente.

- Nos sentimos bem aonde se encaixam nossas vibrações. - Elucidou Miguel, ainda se refazendo da tristeza que lhe assaltara.

- Sabe. - Começou Jucimara - Não me sentia bem em minha casa. Sentia uma tristeza imensa, e que as vezes beirava o horror. E não era só em minha casa. Toda aquela vila tinha uma áurea muito pesada, e as brigas com meu marido me ajudavam a ficar ainda mais assustada e com muito medo de tudo aquilo. Minha vida era um caos. Tinha pena de minhas crianças e de mim mesma.

Ela passou a mão na cabeça dos meninos e puxou-os para perto de si.

Miguel abaixou a cabeça. Tinha a intenção de lapidar aquela alma sofrida. No entanto, não podia esquecer que quebraria as regras das antigas tradições se o fizesse. Apenas podia fornecer as ferramentas e não usar dessas ferramentas para transformar a alma daquela mulher.

Meditando sobre isso, ele falou:

- A autopiedade é algo que nos aprisiona e nos faz inferiores ao resto do mundo. Devemos ter compaixão e isso já basta. Isso nos ajuda a evoluir. A compaixão é o outro extremo. A autopiedade destrói, pois inferioriza. A compaixão constrói, pois nos faz entender e ajudar à quem precisa.

Jucimara abaixou a cabeça. Estava discernindo todas aquelas informações.

- Gosto das coisas que ele fala, mãe. - Disse o menino mais velho, surpreendendo a todos com sua opinião.

Miguel sorriu. Não esperava isso do garoto.

Ele abaixou-se, ficando na altura dele e paternalmente respondeu:

- Obrigado. - Ele passou a mão na cabeça do menino - Sabe ... Aprendi muito com a vida. Você também aprenderá e saberá lidar com seus medos.

O menino sorriu para ele. Entendera o que Miguel havia lhe dito.

- Eu também gosto do que ele fala, mamãe. - Disse o outro, muito tímido, como se quisesse aproveitar a oportunidade para também abrir seu coração.

Miguel sorriu e ergueu-se. Pegou pela mão dos dois

meninos, e disse, sorrindo:

- Vamos visitar o quarto onde vocês dormirão?
- Sim!!! - Responderam eles, em uníssono.

* * *

O quarto possuía uma cama de casal no estilo chinês, e um beliche feito com madeira de lei. Tudo muito rústico. As paredes eram brancas com desenhos de budas pintados em vários pontos. Um dos budas meditava tranquilamente, pintado acima da cabeceira da cama de casal, onde Jucimara dormiria, e sorria fraternalmente para eles.

- Gostei tanto desse quarto! - Disse Jucimara, empolgada. Miguel, sorrindo, esclareceu:

- Os budas sempre representam a paz, a tranquilidade e o amor. O buda na cabeceira da cama, zela pelo sono e o descanso da alma e do corpo. Seu sorriso fraternal, revela que ele está sempre disposto a ajudar.

Jucimara sorriu e revelou algo sobre si mesma, mudando o rumo da conversa:

- Não faz muito tempo que comecei a sentir tudo isso. Mas, sinto tão intensamente ... Parece que isso sempre esteve dentro de mim.

Miguel sorriu, meneando a cabeça, e respondeu:

- Realmente, sempre esteve. Apenas esperavam o momento do seu despertar. Agora, você pode tudo. Dormindo você já faz coisas inimagináveis. Desperta, o céu nunca será o limite.

Os dois sorriram, empolgados com a conversa.

Jucimara sentia-se forte e disposta, apesar de todo o sofrimento que experimentara. Sentia-se outra pessoa quando estava ao lado de Miguel, e a estada naquele lugar confirmava cada vez mais isso a ela.

Sua energia se renovava e o seu conhecimento se adequava a sabedoria de seu coração.

Jucimara havia despertado para a vida, e imediatamente,

atraía para si o que realmente necessitava para viver.

“Não existem merecedores, apenas despertares diferentes.”

Lera isso no livro que carregava consigo, um outro dia, antes de seus sonhos começarem a se concretizar.

Miguel a deixara sozinha no quarto. Seus filhos haviam descido com ele, para ajudá-lo a trazer as coisas.

Jucimara abriu a janela e escorou-se na veneziana, pondo-se a observar a natureza. Dali, a visão era esplendorosa. Podia enxergar as outras montanhas, amareladas pela luz do sol do fim da tarde.

Ela sorria, feliz, ao constatar que estava muito além de onde um dia achou que pudesse chegar. As vezes, sentia seu pulmão pesado e escutava alguns estalidos nos ouvidos, devido aos mais de mil metros de altitude. Mas isso lhe servia de inspiração. Estava onde nunca imaginou estar. No pico mais alto de sua existência; mais alto do que ela mesma podia conceber.

Jucimara estava no alto do mundo e sentia o ar puro entrar em seus pulmões, refrescando o seu corpo, enchendo as suas células de vida.

Por alguns instantes, lembrou do que vivera e quis afastar aquele pensamento o mais depressa possível. Tinha medo de ter uma outra crise de fé.

Sentia-se tão bem. Seria uma covardia fazer isso consigo mesma. Um contratempo emocional não podia estragar a maré de boas energias que vinha sentindo.

No entanto, não pôde deixar de pensar em seu ex-marido. Na distância mental que havia e sempre houve entre os dois. Como ela pôde ter ficado por tanto tempo ao lado daquele homem?

Realmente, havia ele ajudado-a a chegar até ali, como disse Miguel, adivinhando seus pensamentos?

As marés da vida sempre serão um grande mistério. Nunca saberemos onde começam e nem onde terminam.

Apesar de tudo, ela sentia-se bem por estar ali. Experimentava a felicidade como nunca havia experimentado antes. E como era bom provar do seu sabor.

Agora, seu coração pulsava pausadamente, sem precisar acelerar-se com as preocupações do dia a dia.

Lembrou-se de quão complicado eram os seus dias antes

de subir aquela montanha. Foram tantos anos de lutas, sofrimentos e desilusões. Nunca achou que um dia pudesse experimentar aquilo que chamavam de alegria, bem-estar e felicidade. No entanto, agora estava ali, experimentando aquilo que sempre lhe pareceu tão distante; e agora, percebia o quanto esteve perto. Bastava apenas olhar para dentro de si mesma.

Da janela, ela via Miguel passar lá embaixo. Sempre muito tranquilo e com passos leves, ele seguia sua caminhada. E como era intrigante aquele homem. Chegara com o intuito de destruir a sua vida, e no entanto, a renovara por completo.

Assim eram os caminhos da vida:

Aqueles que vem para destruir, podem construir; os que vem para odiar, podem amar, e os que carregam a tristeza do mundo, podem possuir a alegria do universo.

* * *

O vento batia suavemente em seu rosto, e seu coração se enchia de esperança.

Como pode um ser humano não dar atenção a algo tão maravilhoso? Como podem procurar a felicidade em outros lugares, quando a felicidade está naquilo que os rodeia? Por que buscam o criador em templos, tabernáculos, mesquitas, centros, terreiros, se podem encontrá-lo em qualquer lugar? É preciso somente um pouco de sensibilidade, de conexão e de amor. É preciso sentir-se a criação. É preciso ser a criação.

Sentir a natureza é sentir-se o criador. E Jucimara chegara a essa conclusão, apenas deslumbrando a grande paisagem que se desdobrava em sua frente; apenas sentindo o vento gelado bater em seu rosto e apenas ouvindo o som das águas que corriam em algum lugar daquele imenso tabernáculo natural.

Mil livros não ensinariam tanto quanto estar ali, em silêncio, ouvindo o canto dos pássaros e os leves murmúrios da natureza. E era sobre isso que todos os livros falavam, que todos os filósofos discorriam e que a vida incessantemente mostrava.

Agora, ela compreendia o que todas aquelas pessoas

queriam dizer. Apenas queriam mostrar que o criador é o que nos cerca e podemos enxergá-lo todos os dias em nosso próprio espelho ou nas águas pacíficas de um pequeno riacho.

* * *

Abriu o livro que ainda segurava nas mãos e observou atentamente as letras impressas no papel. Pasmou-se ao constatar que abrira exatamente na página que lera antes, quando o livro caíra aberto, no assoalho da sala.

Era chegado o momento. Era exatamente como Miguel havia lhe dito.

Esse era o momento de saber o que a mensagem lhe reservava, na próxima página. Sentiu seu coração pulsar mais forte. Não havia dúvidas. Aquele era o sinal que Miguel lhe falara. O sinal do universo estava dentro de si mesma, e com isso, ela percebeu que não havia mais ansiedade. Não como antes havia experimentado, quando Miguel havia lhe dito para não virar a página. O sentimento que sentia agora era puro. Não havia interferências na conexão entre ela e o universo.

E Jucimara virou a página, e em voz alta, leu para si mesma:

... Faça o que o seu coração disser na hora que ele disser. Quantos mestres e discípulos perderam momentos em que poderiam tornar-se incomuns na multidão, apenas por enxergarem somente as suas próprias comodidades, abolindo de suas vidas aquilo que poderia mudá-las por completo? Por isso, eis a técnica, simples e direta: Seja você mesmo e escute o seu coração. Nada mais poderá levá-lo ao pico da montanha. Nada poderá lhe guiar até fundo de sua alma. Somente o coração que pulsa dentro de você.

Jucimara terminou de ler e recostou-se novamente na veneziana. Estava atônita com a mensagem que o livro lhe reservara e com o aviso dado por seu mestre. Mas, ao mesmo tempo, feliz, pois a mensagem lhe dava ânimos novos. Ele estava certo. Somente agora, a mensagem fazia sentido, pois estava preparada para recebê-la.

Miguel era um gênio.

Ao longe, o sol começava a ser pôr, atrás da imensa cordilheira. O espetáculo começaria. O espetáculo que nunca teve tempo e coragem de contemplar.

Apesar da tristeza, sentia em seu coração uma paz indescritível. De onde estava, via seus filhos caçarem as borboletas que voavam para longe deles. Como estavam felizes e como ela sentia-se feliz por vê-los assim.

No entanto, aquele pôr de sol carregava algo de triste consigo. A melancolia a tocava em cada raio que brilhava, enquanto o brilho do grande astro se transformava na escuridão da noite. Havia algo de triste em saber que não era mais a mesma pessoa. Como se tivesse deixado seu corpo para trás e se transpusesse dentro de um corpo novo. Ainda sentia-se apegada a velha e desgastada roupa e aos velhos e ultrapassados conhecimentos.

E porquê sentia isso? Que tipo de coração era o seu que mudava a todo instante de opinião? Tinha em Miguel um mestre, um homem bondoso e cortês. Tinha agora uma casa, que mesmo não sendo sua, fora-lhe cedida por empréstimo e de muito bom grado. Seus dois filhos caçavam borboletas, divertiam-se pela primeira vez em suas vidas, e sabia que, enquanto quisesse, esse seria o motivo de suas felicidades.

Sentiu vontade de chorar. O ar começava a ficar gelado e o ambiente com cada vez menos claridade a assustava. Já estava na hora das crianças entrarem. Mas não era com isso que se preocupava. Confiava nelas e em Miguel. Preocupava-se com sua instabilidade emocional.

O que seria todo esse emaranhado de palavras e situações que a deixavam perdida, sem saber para onde ir? Por que sentia saudades da vida que tanto abominou e medo da que se apresentava tão rapidamente? Não conseguiu controlar. Quando percebeu estava chorando. Perdera a noção do tempo e do espaço. Seu coração pulsava forte em seu peito e a leve alegria dera lugar a uma pesada tristeza.

Como lidaria com tudo isso? Ela não sabia. Tudo o que

sabia era que o choro a fazia sentir-se mais leve, mais confiante e mais plena. Olhou para rua, já estava escuro e o sol havia desaparecido dando lugar a lua dourada no céu. Era ela quem clareava aquela parte do mundo, naquele momento.

Agora, Jucimara não sentia-se mais triste, a felicidade parecia haver voltado. Seu coração pulou de alegria ao ver a lua, pois ela lhe fazia ter lembranças da infância, de quando a observava da janela de seu quarto, na casa da primeira tia que a criou. Lembrou-se dos momentos que passara olhando aquele astro que não possuía brilho próprio, mas, mesmo assim, brilhava tanto quanto aquele que lhe dava a luz.

Foi naquele instante que Jucimara comparou-se com a lua.

Miguel era o sol, e ela, a lua. Miguel tinha seu brilho, e ela, brilhava através do brilho dele. Ele repassava todo o seu conhecimento a ela e ela absorvia cada palavra que ele dizia. Seu solo ainda era frio como o da lua, o solo dele, quente como o do sol, cheio de compaixão e sabedoria. Ambos estavam tão longe e ao mesmo tempo tão perto um do outro. Ele lhe dava a luz, e ela, brilhava através dessa luz. Ele era seu mestre, e ela, sua discípula. O sol dava o seu brilho de dia, e a lua de noite. Ele iluminava a sua vida, e ela, iluminava a vida dele. Ambos precisavam dessa luz, e ambos se transformariam em apenas *uno*. Ela, logo se tornaria o sol, e alguém precisaria de seu brilho; e ele se ausentaria, pois outras pessoas ainda precisavam de sua luz.

E assim como o sol e a lua, eles se separariam, pois assim está escrito:

“A luz precisa brilhar, em todos os cantos do planeta.”

Jucimara devaneava quanto a isso, quando sentiu uma mão leve lhe tocar. Ela virou-se. Era Miguel. Ele sorria para ela. E como se adivinhasse seus pensamentos, ele lhe falou:

- Se agora observas a lua, lembra-se que a pouco observastes o sol. Se a lua agora dá seu brilho, lembra-se que esse brilho vem do sol. O discípulo nunca é maior do que seu mestre e tão pouco o mestre será maior que o seu discípulo. Essa é a lei que rege nossa relação.

Ele sorriu e ela o abraçou, sentindo uma profunda energia

consoladora vibrar dentro do seu coração. Há, como ela sentia-se plena ao lado dele. Agora, a tristeza mesclada a repentina alegria se transformava num sentimento que enchia novamente seus olhos de lágrimas, e ela chorou profundamente nos ombros de Miguel.

- Lembre-se. - Continuou Miguel - Toda vez que sentir dúvidas, chore. O choro é o encontro do grande rio com seus afluentes. Ele liberará todos os sentimentos que estiverem dentro do seu coração e os enviará ao grande mar do universo.

“Somos fragmentos de todas as coisas juntas. Somos parte do criador e ele é parte de nós. Somos os rios e os afluentes, e nossas lágrimas são os canais físicos que levam essas energias de volta ao seu lugar de origem. - Ele a encarou com profunda ternura - Nunca se esqueça disso! Os rios da existência correm a todo momento dentro de nós.

E continuaram abraçados, meditando nas sábias e consoladoras palavras de Miguel.

* * *

Jucimara passava boa parte de seus dias estudando na biblioteca e discorrendo sobre os mistérios da vida. As crianças observavam atentas a todas as elucidações que Miguel dava e as arquivavam em suas mentes.

Ele ensinara Jucimara a treinar a respiração, coisa que aprendera em cursos tântricos, budistas e sufistas. Lhe ensinou que o corpo físico está extremamente ligado ao corpo espiritual. Elucidou-lhe sobre a vantagem de tirar o stress de sua corrente sanguínea. Ensinou-lhe a respiração da inteligência, onde a pessoa respira profundamente e sente todo o ar que inspira invadir seu cérebro; e depois, ao expirá-lo, percebe que todo o stress, mal-estar, medos e aflições, deixam o seu corpo.

Um verdadeiro milagre natural.

Miguel levou-a até o campo das flores, que ficava na parte mais baixa do pico. Lá, havia uma estradinha que circuncidava o monte, de onde nasciam graciosas azaleias. Jucimara sentia o leve

perfume das flores e enobrecia sua alma de tanto amor e graciosidade.

Aos poucos, ela aprendia a dar valor nas coisas simples e a controlar seus sentimentos. Havia aprendido a chorar quando necessitava e a devolver tudo o que sentia ao grande mar do universo com suas lágrimas.

Isso era o que Miguel chamava de “reciclar as energias.”

Quando toda a energia que insistimos em guardar dentro de nós começa a nos sufocar, precisamos reciclá-la. Não podemos acumular entulhos em nossa alma. Precisamos que o universo recicle-as para nós e devolva-nos a nova energia, cheia do amor da criação.

Jucimara sorria. Não cabia dentro de si de tanta felicidade. A tristeza lhe assaltava constantemente, mas a cada dia que passava, aprendia cada vez mais a controlá-la.

E como seu mestre, Miguel acompanhava cada passo de sua discípula.

* * *

Mais uma noite chegou. Jucimara acostumara-se a dormir de janela aberta, para poder observar as estrelas.

Veza ou outra, via uma estrela cadente cruzar o céu.

Certa vez, comentou com Miguel sobre as estrelas cadentes, e ele lhe disse que ele era como uma daquelas estrelas. Um eterno viajante do universo. Jucimara nunca esqueceu essa elucidação, e toda vez que via uma estrela cadente cruzar o céu, em vez de fechar os olhos e fazer um pedido, como as outras pessoas faziam, ela a contemplava e se tornava a própria estrela. Miguel também lhe sugerira essa técnica. Sentir-se como a própria estrela cadente. Uma viajante das galáxias.

E era assim que ela procurava se sentir toda vez que observava o céu e uma estrela cadente passava diante de seus olhos.

Aos poucos, as estrelas passaram a ser suas principais companheiras.

No outro dia, Miguel levou Jucimara para conhecer a nascente que cortava a floresta florida. Ela não se cansava de ouvir o barulho sereno da água, que corria de algum lugar, escorada da janela de seu quarto, todos os fins de tarde.

Ela ia, a passos lentos e tranqüila, ao lado de Miguel, para visitar a bela nascente. As crianças ainda dormiam. Haviam saído bem cedo e preferiram não acordá-las.

Andaram por algumas dezenas de metros dentro da floresta florida. O doce perfume das variadas espécies de flores extasiaria a alma mais insensível do mundo. Era impossível não se apaixonar por aquele lugar. E Jucimara estava perdidamente apaixonada por tudo.

Cada dia mais apaixonada por si, pela vida, pelas coisas que aprendia e por aquele homem sábio que andava ao seu lado.

Com um sorriso, ele mostrou-lhe a nascente. Jucimara agachou-se e pôs a mão na fraca corrente de água que saía sem esforço de dentro de uma grande pedra bruta.

- Aqui começa o grande rio Sereno. - Disse-lhe Miguel.

Jucimara sorriu, maravilhada. Era o rio que passava em sua cidade e que se encontrava quilômetros depois com o mar.

- Não posso acreditar! - Disse ela, tapando a boca com a mão.

- Acredite.

- Mas, é apenas um fio de água! - Repliou ela.

- Sim! Mas durante o trajeto até a cidade, ele recebe muitos afluentes, tornando-se o grande rio que conhecemos.

Embascada, Jucimara pôs as mãos em concha e encheu-a da água gelada que saía da rocha. Bebeu um pouco e lavou o rosto com o que sobrara.

- Assim somos nós. - Começou Miguel - Nascemos como um pequeno fio de água. Simples e ignorantes. E ao longo do caminho, adquirimos conhecimentos, sabedoria e amor. Enfrentamos barreiras, arrastamos pedras. Mas, por sermos

como a água, de uma forma ou de outra, acabamos vencendo os obstáculos e recebendo os afluentes do caminho. E assim, nos transformamos em grandes almas, e por fim, chegamos ao grande mar do universo. Lá, nos misturamos com a essência divina, e com ela, nos tornamos somente *uno*, sem nunca deixar de ser o grande rio, pois o rio continua lá, trazendo suas águas para o mar. O rio sempre existirá, mas parte de si, agora é o mar.

Jucimara abaixou a cabeça. Ficava extasiada toda vez que Miguel lhe passava suas preciosas lições.

- Admiro sua inteligência. - Disse ela, com um sorriso.

Ele sorriu, encabulado.

- Você que é muito inteligente. Se recebe com carinho o que lhe digo, é por que possuímos as mesmas aptidões.

- Sim! - Disse ela, erguendo os braços para o alto - E a cada dia que passo neste lugar, vejo meu passado ir embora e meus sofrimentos cada vez mais distantes.

- Você está se tornando cada dia maior.

- Estou! E sinto isso cada vez mais dentro de mim. Em minha respiração, no pulsar do meu coração, na minha forma de tratar você e os meus filhos. Os dias estão sendo cada vez mais produtivos. Aprendo muito, e aqui, posso aplicar este aprendizado. A natureza me faz esquecer aquela que eu era e me transforma naquela que sou de verdade. Seus ensinamentos moldam minha alma e me fazem ter esperança em mim mesma e nas pessoas ao meu redor.

Miguel sentiu-se realizado. Não imaginou que o despertar fosse tão intenso.

- Fico feliz por sua presença. Aprendo muito com você, e como seu mestre, preciso estar sempre um degrau abaixo de você.

- Mas você não está, pois sua humildade e mansidão, lhe fazem ser sempre o maior.

- Não maior do que o criador e nem maior do que você.

- Replicou Miguel.

Ela sorriu.

- Maior do que você pode imaginar. Mas não que você pense em ser o maior. - Disse ela - O ato de você se tornar o

menor, já o faz imenso. Você é o todo e vibra como ele.

Os dois sorriram e Miguel abraçou-se nela com força.

- Obrigado. - Disse ele, sentindo uma lágrima rolar pelo seu olho direito - Precisava ouvir isso de você. Também tenho minhas dúvidas. Não posso saber o que faço de certo ou errado sempre. Suas palavras galgam a minha existência.

Ela batia de leve em suas costas.

- Preciso dos seus ensinamentos para aprender a caminhar em minha alma. - Ela suspirou profundamente, enquanto ele se punha em silêncio. Apenas o murmúrio do seu choro e o leve barulho da água correndo é o que se ouvia - Não sofra mais, pois tens aqui muito mais que uma discípula. Tens uma mulher que sofreu, que não tem vergonha de dizer que muitas vezes sente falta da velha vida e do marido carrasco que teve. Que estranha essa nova vida e todas essas novas coisas que acontecem com ela. Que duvida da procedência de tudo e que não sabe por qual motivo veio parar aqui. Sim! Tenho crises de fé, e acredito que o mais nobre dos seres também tenha, pois o ser humano não é inabalável. Cristo, no mais alto de sua fé, sentiu-se desamparado por Deus, em pleno cumprimento de sua missão. Por quê não nos sentiremos? É um direito que temos. Por quê sentir-se culpado, buscando ser perfeito, se a perfeição está em aprender a cada dia mais? Por que estaríamos aqui se não fosse para aprender? - Jucimara começou a erguer seu tom de voz - Como eu queria ser perfeita. Mas não! Se eu dissesse isso, eu mentiria. Eu amo aprender e amo estar aqui, neste lugar, com você. Os sofrimentos não definem nossas vidas. Nós é que definimos os sofrimentos que queremos passar. Sou sua discípula, mas, acima de tudo, sou uma mulher que ama, sofre, chora e ensina seu próprio mestre a sofrer se tem vontade e a ser feliz se ele assim o quiser. É assim que eu sou, é assim que eu quero ser ...

Dito isso, Jucimara caiu por terra, chorando aos pés de Miguel. Havia desabafado tudo que sufocava seu coração. E aquele desabafo tocara fundo no coração daquele homem e transformara para sempre a sua vida.

- Nunca mais serei o mesmo depois de você, Jucimara. - Disse ele, deixando uma lágrima sua cair no rosto dela - E suspirou profundamente - Eu ... Estou sem palavras.

E concluiu o que dizia, caindo por terra, abraçando-se nela, tornando-se os dois apenas *uno*.

* * *

Se levantaram e continuaram caminhando pela margem da nascente. As águas corriam formosas, elásticas e firmes por entre as pedras.

Caminharam até a beira de um penhasco. Ali, a tímida nascente se transformava numa linda cachoeira com uma queda de mais de vinte metros de altura, formando assim um extenso riacho que se estendia da chapada ao sopé do morro. E dali, seguia com nome de Rio Sereno.

E assim é o rio da vida. Somos a pequena nascente que nasce no alto do monte, e a maneira que adquirimos os afluentes do amor, da sabedoria e do conhecimento, expandimos cada vez mais a força de nossas águas. O mar, de forma alguma é o fim do trajeto, pois as águas continuam a movimentar-se, no incessante baile das marés. O rio continua a levar água para o mar, e o mar as traz de volta para o rio. A vida precisa fluir, romper as barreiras e fazer rolar as pedras. Precisamos chegar ao mar, para enxergarmos a imensidão.

- Obrigado por ter aceitado meu convite. - Disse Miguel, pegando a mão de Jucimara.

- Não precisa me agradecer. Você também queria esse passeio.

Ele sorriu ternamente.

- Fico impressionado com a rapidez com que você está evoluindo.

- Fico impressionada com sua capacidade de ser um mestre. Eu lhe devo boa parte de minhas conquistas.

Ele sorriu, encabulado.

- Vamos hoje a noite até a vila, para tomar um vinho?

- Vila? Que vila? - Perguntou ela, sem lembrar-se que haviam passado de carro por um pequeno vilarejo no sopé do morro.

- Vilarejo Monte Cristo. Passamos por ele quando viemos para cá. Você não lembra porque estava entorpecida com a paisagem.

Ela puxou pela memória. Recordava apenas de uma pequena igreja antes de subirem o morro.

- Sim! Lembro somente de uma igreja.

- Quero visitá-la com você. Apesar da simplicidade, é linda em todos os aspectos.

Jucimara o encarou sorrindo.

- O que vamos fazer primeiro?

- Tomaremos vinho na choupana da colina, e depois, visitaremos a igreja. Se você quiser ...

Ele a encarou seriamente, temendo que ela não aceitasse seu convite.

- Eu quero muito! - Disse ela, cruzando as mãos umas nas outras e se fazendo de dengosa.

- Eu também quero! - De repente, Miguel abaixou-se e começou a escrever na terra, dizendo - O amor nunca escolhe hora e nem lugar. Nem tempo, nem momento. Simplesmente acontece. Quando menos esperamos, ele aparece, pois ele habita dentro de nós.

E ergueu-se novamente.

Os dois se olharam profundamente, e foram, sem notar, chegando cada vez mais perto um do outro. Suas mãos se tocaram, e quando menos esperavam, se beijaram ternamente.

Naquele momento um raio de sol furou o cerco de galhos, folhas e flores da floresta florida, e o grande astro brindou-os com seus magníficos raios, iluminando aquilo que existia no coração de cada um deles e que se manifestava através do mais puro ato de amor entre duas pessoas.

Não demorou muito e estavam possuídos por esse sentimento que transforma as vidas. O beijo foi o sinal de que o amor habitava em seus corações.

- Não sei o que dizer. - Falou Jucimara, recompondo-se, encabulada.

- Não precisa dizer nada. - Ele estendeu as mãos para ela
- Tudo isso já fala por nós.

- É tudo tão lindo. - Disse ela, sorrindo, e olhou ao seu redor.

- Eu queria que isso existisse em todos os lugares.

- O que?

- As energias que existem aqui. O monge Ghautis as plantou em cada pedacinho deste recanto. Mas o que seria delas se os que passassem por aqui não as cultivassem?

- Sei do que você fala. As energias não estão fora, mas dentro de nós. - Disse ela, passando a mão pelos cabelos soltos
- Nós transformamos o ambiente em que vivemos e plasmamos no mundo físico aquilo que mais vibra em nossos pensamentos.

Miguel sorriu de contentamento. Como ela havia evoluído nos poucos dias em que ficara ali.

Com o coração cheio de alegria, ele respondeu:

- Se plantas o amor, colherás o amor. Se plantas ódio, colherás o ódio. Se plantas a vida, colherás a vida. Tudo é uma troca justa. O amor é a troca do bem com o bem. Nada pode distanciar-se disso.

Jucimara abaixou a cabeça e lembrou-se de tudo que enfrentara por muitos anos em sua vida.

Miguel concluiu:

- Algumas pessoas sofrem muito por haver ainda grandes carmas a serem cumpridos em suas vidas. Porém, sofrem muito mais apenas por não se melhorarem perante si mesmas.

- Posso dizer o que é isso, pois vivi intensamente um grande carma.

- Cada um o vive da sua forma. - Elucidou Miguel -
Nunca diga que seu sofrimento é maior do que qualquer um dos seus semelhantes. Os carmas são carmas, e existem, porém, suas

forma são variadas. Nunca é mais do que podemos suportar. Apenas a quantidade necessária para o refazimento de cada alma.

Os dois ficaram em silêncio. Miguel sentia-se, de certa forma, culpado pelo beijo que dera em Jucimara. Como mestre, sabia que não podia ter este tipo de atitude com sua discípula. No entanto, apesar de a razão lhe culpar pelo que havia feito, seu coração o libertava, pois sabia que acima de qualquer coisa, ele era um homem e ela uma mulher.

Sentiam desejos um pelo outro. Estavam magoados, feridos. Suas almas ansiavam por amor e compreensão.

- Peço desculpas pelo beijo. - Começou ele, envergonhado - Eu sei que eu deveria ter me controlado, e ...

Ela pôs a mão sobre o ombro dele e olhou no fundo dos seus olhos.

- Não me peça desculpas. Como você falou, o amor acontece, sem ter hora, nem lugar, nem momento. Não existem culpados. O amor é o único que pode nos julgar; e isso, ele nunca fará.

Miguel ficou atônito com as palavras de Jucimara, Novamente se deu conta de quanto sua sabedoria estava crescendo.

Mais uma vez ele alegrou-se, e sorriu ao notar que ela lhe passava uma grande lição.

- Obrigado por me entender.

Ela sorriu com ternura.

- Eu também lhe beijei. Estava precisando disso. Meu coração necessita de amor, e o seu coração ...

Ela estendeu a mão para ele sem desviar o olhar e sem concluir a frase, entorpecida por aqueles olhos verdes.

- Meu coração precisa de amor ... Precisa ser feliz. - Disse ele, trêmulo.

Ela abaixou a cabeça e puxou levemente sua mão.

- Vamos? Amei conhecer a nascente do grande rio que deságua no mar. Como algo tão pequeno pode se tornar tão grandioso? - Perguntou ela, ainda perdida nos olhos dele.

- A fé. - Falou Miguel, quase num sussurro.

Por outros caminhos

- A fé? - Perguntou ela, agora, desviando seu olhar para o teto florido da floresta.

- Sim. O rio tem fé de que outros rios o ajudarão a seguir no longo caminho até o mar. Tem fé que superará os obstáculos. Nasce por vontade própria, pois precisa disso para evoluir. Ao longo do caminho, mata a sede de animais e pessoas que precisam de suas águas e gera vida em seu próprio ventre. E faz tudo isso, porque tem fé. - Miguel ergueu os olhos para cima e um raio vindo do grande sol iluminou o seu rosto - É preciso muita fé para seguir, mesmo sem saber seu próprio caminho.

Ela o fitou atentamente. Os olhos dele pareciam duas luas, cheios de brilho. O céu azul havia visitado seu olhar e trazido até ele a fé que tanta buscava. Ela nunca imaginaria que houvesse sentimentos tão sublimes escondidos nas almas dos seres deste planeta.

- Vamos? - Interpelou ela, carinhosamente.

- Sim. - Respondeu ele, apertando levemente a mão dela.

Ela meneou a cabeça e subiram a encosta do monte, abraçados, contando tudo o que sentiam um para o outro.

* * *

A noite chegara e Jucimara se arrumava para ir até a vila com Miguel.

Porém, pouco antes de saírem, ela pediu licença e se dirigiu até a biblioteca. Miguel a esperou na sala pacientemente. Em menos de um minuto, Jucimara estava de volta com um livro nas mãos.

Sem delongas, ela abriu aleatoriamente em uma página qualquer, e leu em voz alta:

- A vida é uma chama que arde sem pavio. Nossa alma invisível aquece-se silenciosa nos recônditos de nosso ser. Como poderemos detê-la enquanto dormimos a noite? O que faremos com algo tão poderoso dentro de nós? Somos a essência dos sonhos e o clamor das vidas que nascem todos os dias no ventre do planeta. Somos a luz divina que não se apaga com findar do dia. Percorreremos a noite e nos tornamos o brilho

da lua, das estrelas, e assim, seguimos pela eternidade, pois, onde houver luz, a vida prosseguirá.

Jucimara fechou o livro e encarou Miguel com um sorriso.

- Simplesmente maravilhoso. - Disse ele, emocionado.

- Obrigado. - Respondeu ela, ainda sorrindo - Sempre encontramos uma bela mensagem nos livros quando o lemos com fé.

Miguel sorriu, mesmo emocionado.

- A fé nos faz grandes; nos faz pequenos. Nos faz ser o que realmente somos; nos faz ser o que quisermos. Só ela nos faz desvendar mensagens como esta, que você leu para nós. A fé é a base da vida, Jucimara.

Ela sorria. Sentia-se radiante. Havia se maquiado e posto um dos vestidos que Miguel lhe dera. Vestidos esses, que eram de sua falecida esposa.

- Você está linda. - Disse ele, admirando-a com atenção.

- Obrigado. Você também está lindo. - Respondeu ela, encabulada e concluiu - Sua esposa tinha muito bom gosto para roupas.

Miguel a admirava. Seus olhos penetravam em sua alma. Apesar de tudo, ele era seu alicerce.

Por um instante, ela achou que ele estivesse vendo nela a sua falecida esposa. Talvez, fosse esse seu plano ao lhe dar aqueles vestidos. Era uma ideia sugestiva. Mas resolveu afastar rapidamente esses pensamentos. Não queria estragar a bela noite que teria ao lado daquele homem.

O homem que a trouxe da escuridão para a luz.

Ela pôs o livro encima do sofá, e de repente, viu uma senhora baixinha adentrar o recinto.

- Quem é ela? - Perguntou Jucimara.

- É a dona Adelaide. - Disse ele - É um das babás mais antigas da região. Ela ficará cuidando de seus filhos para que possamos ir até a vila tomar um bom vinho.

Jucimara sorriu para a formosa senhora, que retribuía-lhe o sorriso ternamente.

- A seu dispor, senhorita Jucimara. - Disse ela,

estendendo-lhe a mão enrugada.

Nesse ínterim, seus filhos desceram as escadas correndo, querendo saber o que estava acontecendo. Ainda não haviam sido apresentados a dona Adelaide.

Com todas as formalidades, a velha babá foi apresentada aos pequenos, que ficaram felizes com a presença da simpática senhora. Com um beijo de boa noite e a tradicional benção antes de ir dormir, Jucimara despediu-se dos seus filhos e desceu a grande montanha na companhia de Miguel, falando, empolgada, sobre todas as coisas que havia aprendido até agora.

* * *

Chegaram ao pequeno vilarejo que costeava a montanha. Logo na entrada, uma singela placa verde mostrava o nome do lugar:

VILAREJO MONTE CRISTO, SEJAM BEM-VINDOS E TRAGUEM DEUS NO CORAÇÃO. QUANDO FOREM EMBORA, QUE O LEVEM EM SUAS ALMAS.

- Gostei das boas-vindas. - Disse Jucimara, descendo do carro e arrumando o vestido justo em seu corpo.

- Sim. Também gosto dessa mensagem. Apesar de simples, ela nos dá uma sensação de boa receptividade e de que existe algo além do trivial neste lugar.

Ele desceu do carro e ajustou o paletó. Ela o encarou, em silêncio, mas querendo lhe dizer algo que poderia não se adequar ao momento. Algo sobre o vestido, que a incomodava.

Sem dizer nada, eles caminharam calmamente pelas ruas de calçamento do pequeno vilarejo. As casas, todas de arquitetura secular, davam a cidade um ar obsoleto e nostálgico. O lugar tinha seu charme, mas parecia esquecido pelo tempo. Não era muito tarde. Devia ser umas nove e meia da noite. No entanto, as pessoas já haviam, em sua maioria, se recolhido para dentro de suas casas. A única coisa que permanecia aberta, era a pequena adega, do qual, Miguel convidara Jucimara para degustar de um bom vinho.

A charmosa adega, construída com barro e pedras por antigos imigrantes portugueses, normalmente fechava as dez e meia, na esperança de receber alguns turistas que se hospedavam nas antigas casas das redondezas.

Porém, naquela noite, não havia ninguém. Somente a placa “ADEGA DA COLINA” iluminada por antigos lampiões, que misturavam-se as outras poucas luzes da rua.

Se dirigiram até lá a passos lentos. Queriam dar as mãos, no entanto, não o fizeram. A distância entre um mestre e sua discípula deveria ser respeitada, mesmo que o “faça o que o seu coração mandar” fosse pregado constantemente por eles.

Queriam se abraçar, queriam se beijar, e fazer muitas outras coisas além disso, mas, até então, ouviam apenas as palavras das antigas tradições e os punha como lema, em uma noite tão especial.

A noite estava fresca. A charmosa lua crescente enfeitava o céu sem nuvens com sua estonteante presença feminina.

- Quando olho para a lua - Começou Miguel, enquanto caminhavam - enxergo nela uma dama, branca, meiga e delicada.

Jucimara sorriu. Não possuía nenhum dos traços relatados por ele. Consequentemente, notara que ele não falava dela.

E ele prosseguiu:

- Vemos em uma mulher aquilo que mais queremos ver em todas as mulheres. No entanto, quando o amor invade a nossa alma, não vemos mais nada.

Jucimara franziu os cenhos, não havia entendido o que ele queria dizer.

Ele prosseguiu:

- Não importa o que mais gostamos em uma mulher ou em um homem. Quando as mulheres se apaixonam pelo sol, e os homens pela lua, nada pode deter esse amor.

Lembrou-se que certa vez, lera um livro em que o sol representava o homem, e a lua, a mulher. A partir deste pensamento ela conseguiu se conectar a ideia de Miguel.

Ele continuou, enquanto se dirigiam lentamente até a

adega, iluminada por dentro e por fora, apenas por antigos lampiões.

- O amor é o sol. O amor é a lua. Somos apenas um detalhe que envolve tudo isso. Nos apaixonamos pelo sol, pois ele é magnânimo, robusto e cavalheiro. Nos apaixonamos pela lua, pois ela é delicada, sua luminosidade é suave e não fere os nossos olhos. Além disso, É misteriosa, ativa e charmosa. O amor é as duas coisas. Nos apaixonamos por que temos o amor dentro de nós. O sol e a lua moram em nossos corações.

Ela olhou para o céu. A lua estava tímida naquela noite, rodeada de pequenas nuvens. Mas mesmo assim, estava bela. Sua aparência, partida ao meio, entre a luz e a escuridão, fazia com que Jucimara se identificasse com ela.

Quando ela se tornaria a lua cheia?

As fases da lua são formadas por ciclos, a vida também.

Lembrou-se que já fora uma lua nova, envolvida em completa escuridão.

Quantas vidas viveria até se tornar uma linda lua iluminada?

Ela não sabia. Tudo o que sabia, era que, assim como a lua, recebia seu brilho do grande sol.

No entanto, não poderia caracterizar apenas Miguel como sendo seu único sol. Ele era seu mestre, e agora, era seu sol. Porém, antes dele, já tivera outros sóis em sua vida. E mesmo com todo o sofrimento que experimentou, devido aos fortes raios que deles emanaram, Jucimara iluminou-se, e transformou-se naquela lua, parcialmente iluminada que agora via no céu.

Isso queria dizer que estava no caminho certo e que o sol nos dá sua luz, porém, precisamos nos proteger para não sofrermos com suas queimaduras. É preciso sabedoria para lidar com o sol, e sabedoria se adquire apenas com a experiência em andar debaixo de seus fortes raios.

Mas agora, o sol que a iluminava era leve, suave e delicado. Aqueles raios nunca a queimariam, pois confiava extremamente nele. E a cada dia, ele a fazia crer que era necessário ter fé, para transpor as montanhas de seu coração e para repor as pedras que

escorregavam dos vales de sua alma.

* * *

A adega estava vazia. Lá dentro, um melodioso violino, que saía de pequenas caixinhas de madeira suspensas nas paredes, enchia o ambiente de delicadeza.

- Que música gostosa. - Disse ela, fechando os olhos, deixando-se viajar pelas harmonias.

- Sim. - Respondeu ele, puxando uma cadeira para ela sentar - Viemos até aqui justamente para aflorar ainda mais nossa sensibilidade.

E ele sorriu.

- Impossível não sentir essa energia. - Disse ela, com os olhos ainda fechados.

- É preciso estar de coração aberto para senti-la. - Disse ele, sentando-se na cadeira - No entanto, é preciso saber fechá-lo quando necessário.

- Entendo o que quer me dizer. - Respondeu ela, entorpecida - Mas agora, prefiro manter ele bem aberto. Está tão gostosa essa música!

E riu de si mesma ao dizer isso.

Miguel também riu. Sentia-se feliz ao lado dela. A última vez que sentira isso, havia sido com sua esposa, quando visitara com ela aquele mesmo local.

Seus olhos circuncidavam a adega. Era como se a visse em todos os lugares. O perfume dela ainda parecia estar no ar. E como Jucimara era parecida com ela. Os lábios, o sorriso, os olhos, a cor da pele. E como aquele vestido a deixava ainda mais parecida. Mas não podia enganar a si mesmo. Precisava fazer seu coração entender que não havia ajudado aquela mulher e dado os vestidos de sua falecida esposa a ela, apenas por mero capricho de seu ego ferido. Precisava convencer-se dessa verdade que inventara para si mesmo e que o atormentava a todo o momento.

Ela abriu os olhos e sorriu para ele, e em seu sorriso havia tanta generosidade. E como ela estava feliz. Podia ver no brilho

do seu olhar. Talvez, pela primeira vez, ela sentia-se amada de verdade por alguém.

E ele, estava ali apenas para lembrar de sua esposa que se fora? Era esse mesmo seu propósito?

Miguel sentia-se culpado, e isso poderia acabar com sua noite. Há não ser que ele esquecesse de tudo que lhe incomodava. Fingir não fazia parte deste plano, ou custaria caro cada palavra não dita por seu coração.

* * *

Ele ergueu a mão e um senhor de estatura baixa e com um simpático sorriso no rosto apareceu. Era o proprietário da adega.

- Algo que queiram beber?

- Queremos um vinho. - Disse Miguel, irônico.

Todos riram. A piada parecia mesmo ser engraçada. Devido aos risos, o dono da adega reiterou a pergunta:

- Qual vinho gostariam de beber?

Ele encarou Jucimara. Queria saber o que ela preferia, mas ela apenas limitou-se a olhá-lo, como se também estivesse pedindo uma opinião.

- Pode ser um tinto chileno. - Ele encarou o senhor simpático discretamente e completou - Aquele que eu sempre peço.

O velhinho generoso esboçou um sorriso e em poucos minutos estava de volta, equilibrando uma bandeja de prata numa das mãos. Nela havia um tinto chileno e duas taças de cristal.

E eles beberam. Há quanto tempo não faziam isso? Talvez, ela nem se lembrasse da última vez. Mas ele lembrava. Realmente, já fazia um bom tempo.

Ela sorria, conversava sobre sua vida, sobre seus sonhos, seus aprendizados, seus amores, seus filhos, sua estada naquele lugar. Mas Miguel parecia distante. Falava pouco sobre si, e Jucimara, entusiasmada, mal notara suas poucas palavras.

Pediram outra garrafa do mesmo vinho. Tomaram essa em

menos de uma hora.

Era quase uma hora da manhã quando pediram um tinto argentino. Nesse ínterim, o senhor baixinho pediu com toda a cordialidade que eles pudessem se retirar. Já havia passado muito do seu horário de fechar.

* * *

Caminharam pelas ruas estreitas do vilarejo sem saber para onde ir. Foi quando Miguel lembrou-se de que haviam falado em visitar a igreja.

- Terminamos nosso vinho primeiro. - Disse ela - Não acho sensato adentrarmos na igreja com uma garrafa nas mãos.

Miguel riu das palavras dela.

- Por que está rindo? - Disse ela, estranhando tamanha euforia.

Ele já aparentava sinais de embriaguez. Ela sentia apenas uma leve tontura, apesar de jamais assumir que estivesse bêbada.

- Porque Jesus abençoou o vinho, deu graças e bebeu! Por quê não podemos entrar na igreja com ele?

Ela sentiu-se sem graça. Como poderia esquecer disso? Até mesmo os padres tomavam vinhos em suas comunhões.

No entanto, era orgulhosa e deixou transparecer isso ao dizer:

- Mas você está bêbado! Não podemos entrar na igreja dessa forma.

- Alcoolizados? - Ele a encarou ternamente, mas seus olhos não fixavam-se nela - Jucimara, deixe de preconceitos! Você também está bêbada. Não faça pouco-caso da nossa situação.

Ela franziu os cenhos. Sentiu seu lado obscuro ferroar-lhe o coração.

- Não estou fazendo pouco-caso. Só não acho certo. Mas, tudo bem! Se a igreja estiver aberta, vamos até lá.

Ele sorriu. Mas seus pensamentos estavam longe e Jucimara notara isso.

Por outros caminhos

- Posso lhe fazer uma pergunta? - Disse ela, cuidadosa.
- Sim. - Respondeu ele, e pararam de caminhar.
- Senti você distante esta noite. Algum problema que queira me contar?

Ele engoliu em seco. Ela havia notado. Achou que a euforia que ela sentia não a fizesse perceber sua distância. Mas seu sexto sentido falhara.

- Existem muitos mistérios dentro de nossa alma. - Disse ele, tentando disfarçar seu medo.

Ela o encarou firmemente e voltaram a caminhar. Ele ofereceu o vinho para ela em uma taça plástica que o dono da adega lhes dera para poderem tomar aquela garrafa em outro lugar.

Jucimara tomou um gole e tornou a discutir:

- Disso, sei muito bem. Mas notei você longe. Não parecia estar completamente aqui. Estava dividido. Sou mulher e sei quando algo não vai bem com um homem. Não quis perguntar para não ofendê-lo e estava muito feliz por estar lhe contando sobre a minha vida.

Ele sorriu sem graça e ela prosseguiu:

- Desculpe! Talvez eu não tenha deixado você falar, e ...
- Não! - Disse ele, tentando amenizar o que breve aconteceria - Realmente, confesso que eu estava viajando dentro de mim. Mas ouvi cada palavra do que me disse hoje. Nunca esquecerei este dia que vivemos, Jucimara. Este dia que passei ao seu lado marcou muito em minha vida.

Ela sorriu. Mas seu sorriso não demonstrava alegria.

- Vamos até a igreja. - Disse ele - Lá eu lhe contarei o que se passa em meu coração.

Ela meneou a cabeça e seguiram em silêncio até a pequena igreja do vilarejo que ficava a poucos metros dali.

* * *

Subiram a escadaria que possuía pouco mais de cinco degraus e pararam em frente a porta de entrada.

Era estranho, mas a igreja permanecia aberta mesmo naquela hora da noite.

Intrigada, Jucimara perguntou:

- Por que a igreja se mantém aberta até a essa hora? Alguém cuida dela?

- Não necessariamente. - Disse Miguel, sorrindo - O padre mora aqui, porém, a igreja não está sendo vigiada, pois ele deve estar dormindo nesse horário.

Ela o encarou atônita. Não entendia os motivos que levavam alguém a deixar uma igreja, cheia de valores materiais, a mercê de qualquer pessoa que quisesse entrar, até altas horas da noite.

Miguel concluiu:

- Existem vezes que devemos confiar para que confiem em nós. O amor só é sublime quando há confiança recíproca. O medo é que faz todas as coisas que não queremos acontecerem. As energias que vibram na mesma densidade tendem a se encontrar. - E estendeu os seus braços - Aqui, neste lugar, as pessoas confiam umas nas outras. Todos dormem de janelas abertas no verão e acolhem os que precisam de abrigo no inverno. A confiança e as boas vibrações são suas companheiras. É por isso que nós e quem quer que venha até este lugar, sente-se muito bem aqui. Nossa terra nos dá aquilo que semeamos. É por isso que os frutos desta terra são doces e saborosos. Quem semeia o amor, só amor poderá colher. Quem semeia desconfiança, também tornará a colhê-la e os frutos de sua terra serão amargos.

Miguel calou-se.

Jucimara, como na maioria das vezes, silenciou com suas palavras, e como de costume, deu seu leve e compreensivo sorriso.

Estava satisfeita com a resposta de seu mestre.

- Acredito muito no que diz. O amor não pode dar seus frutos em terras áridas, assim como não podemos colher desconfiança onde o amor já frutificou. Tudo é uma troca justa.

Ele meneou a cabeça em afirmativa, e com um sorriso,

estendeu os braços em direção a porta da igreja:

- Vamos entrar?

Ela concordou e adentraram ao recinto.

* * *

Existia uma paz indescritível e inebriante dentro do tabernáculo. O silêncio noturno fazia daquele ambiente mais do que um lugar sagrado, mas um lugar onde todas as almas se encontravam em silêncio, dentro de seus próprios sonhos.

Jucimara parecia sentir a presença de todas elas, prostradas em frente aos bancos de madeira compridos e muito antigos.

- Sinto que este lugar está habitado. - Disse ela, pondo a mão sobre o peito.

Miguel pôs a mão sobre um dos bancos e falou:

- E está. Você está sentindo isso. Eu também estou sentindo. Todos os que entrarem por essas portas e tiverem em seus corações a sensibilidade da vida, sentirão.

- São almas que sinto aqui? - Perguntou ela - As almas dos que estão perdidos ou vagando?

Ele sorriu.

- Sim. Mas, de um jeito especial.

Ela o encarou sem entender. Ele prosseguiu, sentando-se em um dos bancos, e convidou-a para sentar-se ao seu lado.

- Todos que chegam até aqui trazem seus sonhos, desilusões, alegrias, tristezas, vitórias, derrotas, conquistas e fracassos. - Ele falava calmamente, enquanto fitava atentamente o altar. Jucimara ouvia a tudo em silêncio - O que sentimos aqui são fragmentos de cada alma que visitou este lugar. Toda vez que chegam aqui e fazem suas orações, deixam um pouco de si, e conseqüentemente, aquilo que mais vibra em seus corações.

- O que sinto não é ruim. - Ela remexeu-se no banco, inquieta - É algo muito bom; é adorável. Não é felicidade, mas também não é tristeza.

- Sim. - Respondeu ele, tranquilamente - Não precisa estar vivo para vir até aqui. Os espíritos também o visitam e

deixam parte de si neste lugar. Todos que chegam até este tabernáculo, precisam de respostas em seus corações. Não importa quais sejam. Eles vem até aqui para fazer perguntas e obter respostas. Querem ter amor, paz, alegria; e ao passar, deixam parte de suas vidas aqui. E ao saírem, suas perguntas se transformam novamente em silêncio e suas presenças se perdem, longe dos parênteses do tempo em que estamos acostumados a viver. Por isso que não sentes alegria e nem tristeza neste lugar, mas sim, algo intermediário a isso. Na verdade, é um vazio, deixado pela ausência de respostas. Assim vivemos a vida. Sentirá isso em todos os lugares se tiveres sensibilidade. Porém, aqui é evidente que sintas, pois é um lugar onde procuramos o criador, e aqui, se concentram todas as perguntas da humanidade, mas não as respostas. O que sentimos nesta igreja é o pedaço de cada dúvida presente no interior de cada alma.

Jucimara respirou profundamente. Acabava de receber uma grande lição de seu mestre e precisava discernir tudo aquilo em seu coração. Muitas perguntas se fizeram em sua cabeça, porém, optou pelo silêncio. De nada valia saber sobre o que ainda precisava entender.

Seu silêncio fora inteligentíssimo naquele momento.

* * *

Por alguns instantes ele ficou em silêncio e fechou os olhos. Ela acompanhava seus gestos paulatinamente, sem perturbar sua concentração.

O silêncio agora era quase ensurdecedor, mas a paz exalava de cada pedaço daquele lugar.

Os olhos de Jucimara continuavam abertos, queria se concentrar, mas estava tendo dificuldades para isso, apesar de estar conectada com a energia do local.

De repente, viu Miguel se erguer do banco e ir em direção a bacia com água benta, que ficava no outro extremo da igreja, suspensa a uma coluna de sustentação.

Sem desprender os olhos dele, ela o viu colocar as mãos

na bacia e lavar o rosto e os cabelos com a água que nela havia. Achava surpreendente tudo aquilo. Desde pequena, sempre gostou de igrejas, apesar de ter ido poucas vezes com as duas tias que a criaram. E depois de adulta, muito pouco foi. No entanto, toda vez que punha os pés numa igreja, a paz a envolvia por inteiro e a fazia entender que a vida era muito mais do que ela imaginava ser.

Pensava em tudo isso, quando viu Miguel retornar com os cabelos molhados.

Ele sentou-se no banco e fechou os olhos. Porém, logo os abriu e ergueu sua mão em direção a bacia com água, dizendo a ela:

- Você quer experimentar?

Jucimara não sabia o que dizer.

- Lá está a água benta. Todos os seus pecados serão perdoados, se você acreditar.

Ela nada respondeu. Apenas ergueu-se e dirigiu-se até a bacia com água. De onde estava, Miguel a observava calmamente.

No altar, a Virgem Maria estava de braços abertos, zelando por eles naquela noite. E foi para ela que Jucimara olhou quando colocou suas mãos dentro da bacia e jogou água em seu rosto e cabelos, assim como Miguel havia feito. Sem tirar os olhos da virgem, ela fez o sinal da cruz e voltou vagarosamente para o banco. Sentou-se ao lado de Miguel e fechou os olhos, sentindo uma onda de luz pairar sobre sua cabeça. O rosto da virgem surgiu em meio a escuridão de seus olhos fechados. O olhar terno e tranquilo da mãe de Cristo mostrava realmente o que ela queria de Jucimara.

Em fração de segundos, ela abriu os olhos e sentiu a mão de Miguel sobre a sua. Na igreja, pairava um derradeiro silêncio e o sussurro dele tornou-se audível aos seus ouvidos:

- Agora, o amor está dentro de você. As águas que tudo limpam, limpam sua alma e o seu coração; você não tem mais nada a temer.

Com os olhos rasos d'água, ela respondeu:

- Eu vi a virgem! Diante dos meus olhos. Ela estava aqui, Miguel!

Ele sorriu, satisfeito.

- Sim. Virgem Maria, mãe dos necessitados, está sempre conosco e estará sempre com você. Faça o que ela espera de você, pois você a carrega no coração. Sinta a energia dela misturar-se com a sua e seja uma única fonte de luz. - Ele apertou as mãos dela e olhou para o altar - Você e a virgem de Nazaré.

Jucimara abaixou a cabeça. Dos seus olhos escorriam lágrimas. Agora, sentia-se outra pessoa. Mais forte e corajosa, porém, sensível e delicada. Se sentia uma menina no corpo de uma mulher. Uma guerreira na pele de uma princesa.

- Não se iluda com a fraqueza. - Disse Miguel, como se adivinhasse seus pensamentos - Fortes são os fracos que podem chorar. Os que se julgam fortes, por acharem que o são, nada podem fazer, pois chegará o dia que não mais suportarão o peso de si mesmos.

Ela continuou em silêncio. Havia parado de chorar. Miguel virou seu rosto para ela e beijou a sua mão. Então, os olhos deles se encontraram e Jucimara entendeu:

Ele lhe contaria o que havia dentro do seu coração. Foi para isso que a trouxe até a igreja.

— Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.

Foi assim que Miguel começou a falar sobre si.

— Toda a minha vida vivi para o amor e procurei-o em todos os lugares. Por muito tempo vivi na ilusão de que o encontraria em uma mulher ou mesmo nas outras pessoas; ou em um objeto ou até em algo de meu desejo. Mas a vida me ensinou o contrário. Não encontramos o amor onde mais desejamos, mas sim, onde mais necessitamos dele. O encontramos quando menos o esperamos. É impossível explicar isso, mas é verdade. Em minha concepção, havia encontrado o verdadeiro amor em minha falecida esposa. No entanto, a vida tirou-a de mim para fazer-me entender que o amor não pode ser contido dentro de uma caixa fechada. Ele é como o vento, não podemos vê-lo, mas podemos senti-lo; não podemos tocá-lo, no entanto, ele nos toca. E assim como o vento, não podemos prendê-lo em nossas prisões. Ele sempre nos mostra que é livre e possui um alto grau de rebeldia. A rebeldia do amor deriva de nossa própria rebeldia. Somos seu espelho, pois ele habita dentro de nós e nos ensina que não podemos buscá-lo em portas fechadas.

“Mas, de uma maneira ou de outra, ele nos ensina que não podemos acorrentá-lo, e nos mostra, a todo o momento, que está em todos os lugares, e a cada dia se faz enxergar por meio de nossos atos e palavras. O amor é puro e nunca pode ser disfarçado, muito menos, podemos nos disfarçar dele.”

Miguel disse isso e abaixou a cabeça. Jucimara viu uma lágrima rolar pelo rosto do homem que sempre a fizera sorrir e

deixava os seus dias mais alegres; e agora, seu choro lhe causava uma tristeza imensa, e ela não conseguia conter a sua emoção.

Sentiu que ele não havia dito tudo o que precisava.

Então, seu coração silenciou-se para que o dele pudesse falar:

- Nessa noite que passamos juntos, senti vontade de acorrentar o amor novamente.

Ela franziu os cenhos, mas ele prosseguiu:

- Vi em você o meu amor do passado, do qual, tanto devotei a minha vida. Vi em você, a mulher que um dia esteve ao meu lado e me deixou, mesmo sem querer me deixar. Vi em você o amor que eu queria prender em uma caixa para não deixá-lo escapar, pois eu julgava deter todo o amor do mundo dentro de mim mesmo.

“Por isso lhe digo: Esta noite foi maravilhosa e nunca a esquecerei. Esta noite é maravilhosa, pois tive uma outra noite parecida, com a mulher que eu amei e ainda amo. Tudo aconteceu no mesmo lugar, na mesma hora, dizíamos as mesmas palavras e fazíamos as mesmas coisas. - Ele pigarreou e logo prosseguiu - E sinto-me eternamente culpado, pois tudo o que fiz, foi aprisionar o amor dentro de mim. E talvez, eu tenha lhe trazido até aqui, para uma última e desesperada tentativa de prendê-lo. Confesso, que quis aprisioná-lo mais uma vez ... - Miguel soluçava, não conseguiu mais aguentar. Suas lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto, e ele concluiu as últimas palavras do que dizia - Eu quis aprisionar o amor, que veio livremente até mim.

Jucimara engoliu em seco. A história de Miguel balançara seus alicerces. Custava aceitar que seu mestre pudesse ter passado por aquela situação. Justo ele, tão sábio, tão convicto e com um bom coração.

Agora, Miguel estava ali, falando sobre o amor, sobre a vida, sobre os seus sonhos, com grande convicção. Mas falava também sobre suas fraquezas, suas crises de fé, seus momentos tristes e suas dúvidas mais intensas. E ela, na condição de discípula, de mulher pequena e aprendiz da vida, não conseguia sentir-se

digna de ajudá-lo. O homem que tanto lhe impressionara com as palavras certas, nas horas certas, desabava em sua frente e ela não sabia como resgatar a calma daquela alma tão inquieta.

Por alguns instantes ela fitou a virgem no altar. Em pensamento, Jucimara pedia uma luz, um auxílio que ela pudesse lhe conceder. Pedia que algo pudesse ajudar aquele homem que acalmara sua vida, e que agora, necessitava de sua calma.

Jucimara manteve os olhos na virgem, que parecia retribuir seu olhar na mesma intensidade.

De repente, uma luz iluminou o interior da igreja. Apenas ela viu a luz estonteante que girou por alguns segundos sobre suas cabeças. E palavras começaram a sair de sua boca sem que ela mesma percebesse. Palavras que aliviarium o coração cansado daquele homem que precisava tanto de um auxílio. Palavras vindas do fundo do seu coração.

* * *

- Com suas palavras, você libertou o amor.

Miguel parou de chorar e ergueu rapidamente a cabeça. Olhou para o rosto de Jucimara, e o viu, agora, iluminado por uma luz que ele não sabia de onde vinha.

De onde Jucimara tirara aquelas palavras que haviam tocado tão fundo no seu coração?

E ela falava, olhando para a imagem da virgem, no altar.

- Também sofri. Também tentei aprisionar o amor. Mas tudo o que recebi foi desilusão. Achava que tendo todas as coisas para mim, eu pudesse ser mais feliz. A segurança sempre foi uma palavra muito presente em meu vocabulário. Porém, nunca se fez presente em minha vida. Achava que meus casamentos deveriam corresponder a minhas expectativas. Que eu teria que ser o centro das atenções e o mundo deveria se curvar aos meus pés. Porém, tudo o que eu queria e tanto lutei para controlar, me fez perder o controle sobre mim mesma.

“Achei que prendendo quem estava ao meu lado, eu teria mais, seria mais e amaria mais. No entanto, tive menos, fui

menos e amei menos. Durante toda a minha vida, eu acorrentei o amor e procurava culpados por isso. Culpava meus maridos por suas atitudes mesquinhas e insuportáveis, culpava as pessoas por não fazerem nada por mim. Mas nunca analisei meus próprios atos.”

“Nunca feri nenhum dos meus amantes, nunca os maltratei, nunca os julguei. Porém, o que não fiz para eles, fiz a mim mesma. Quis acorrentar o amor aos meus pés e cada vez o distanciava mais de mim. Quis ser feliz a todo custo e sentia cada vez menos a felicidade ao meu lado. Não resisti ao peso dos anos e comecei a me sentir uma fracassada. Casei outra vez e repeti os mesmos erros.”

“Quis novamente manter o amor acorrentado a mim, e verdadeiramente, acorrentei-me até o pescoço em minhas próprias ilusões. Então, um certo dia, comecei a perceber que realmente as coisas não iam bem. Quis aprender, rever os conceitos, modelar meus erros, mas ainda julgava os outros pelas coisas que eu não fazia. Minha mente me contrariava a todo o instante com pensamentos tristes e ilusórios. Odiava meu emprego, a minha vida e meu casamento. Meu único alicerce eram meus filhos. Neles, eu sentia que o amor era livre para voar, pois não os acorrentava em minha teia louca de ilusões. Eu os amava incondicionalmente.”

“E então, comecei a sentir minha vida ameaçada. Senti que tudo ruiria. Meu emprego insuportável, minha família, minha casa, minha vida estafante e o meu casamento.”

“Me sentia insegura, mas com uma sede louca de aventura. Algo gritava dentro de mim. Queria conhecer o mundo, desbravar a vida e ser uma peregrina da existência. E então, quando eu achei que o mundo havia definitivamente ruído aos meus pés, ele se ergueu novamente, na voz, no rosto, na pele e na alma de um homem que veio para destruir a vida que eu levava, e no entanto, fez renascer uma nova vida dentro de mim.

Com os olhos fixos na virgem, Jucimara começou a chorar. Miguel também chorava, e abraçaram-se, libertando, assim, o amor, dos grillhões de suas almas.

E novamente ela sentiu o cheiro de rosas. O mesmo que sentira antes, na casa de Miguel. O mesmo cheiro que a levou até ali. O mesmo cheiro que agora a fazia entender todas as coisas.

O cheiro da manifestação de todo amor que sentiam.

Miguel continuava abraçado nela. E com um sussurro, disse-lhe as seguintes palavras:

- Com suas palavras, você também libertou o amor.

E abraçados, choraram as felicidades, as alegrias, os sofrimentos e as tristezas que haviam passado para chegar até ali. Abraçados, eles sentiram o verdadeiro amor que toca apenas alguns homens na face da terra; homens que abriram o seu coração para o amor, e não o acorrentaram, pois entenderam que ele não os pertencia. Entenderam, que na verdade, eles é que pertenciam ao amor. Mas o amor não os cobrava, pois ele é puro e nunca soberbo.

Naquela noite, Jucimara e Miguel voltaram abraçados para casa. E assim permaneceram, pois dividiram a mesma cama.

Não se tocaram, pois o amor os tocava. Não se beijaram, pois o amor os beijava. Mas se amaram, pois o amor os amava. O amor havia-os libertado, e eles, com suas palavras, dentro daquele tabernáculo de fé, libertaram o amor.

Agora, suas vidas poderiam seguir em paz, pois o amor estava livre; suas almas estavam livres.

No outro dia, Jucimara arrumou-se para voltar à cidade. Precisava libertar-se do passado perdido. Havia libertado-se das dores que por tanto tempo acorrentaram sua alma e precisava ajustar as contas com sua vida. Durante o pouco tempo que ficou na casa do monte, adquiriu sabedoria suficiente para lidar com o que encontrasse pelo caminho. Não levaria seus filhos, pois sentia que eles estavam felizes. Apenas resolveria as velhas coisas e voltaria para casa. Miguel a levaria e a traria de volta. Afinal, ele era sua nova vida, e ela, a nova vida dele.

Daquele dia em diante, ele passara a chamá-la de esposa e ela chamava-o de esposo.

Naquela noite, dentro da pequena igreja, eles haviam libertado o amor, e o amor havia-os libertado, e eles puderam enxergar, de frente um para o outro, o que realmente existia dentro dos seus corações.

Naquele instante sagrado, o amor renasceu; sem armas, sem grilhões, sem cativeiros, sem expectativas. O amor estava neles e eles estavam no amor. Ser livres era seus destinos. O amor os impulsionava a isso.

Amavam, porque eram livres.

* * *

Naquela tarde nublada, Jucimara adentrou o presídio municipal da cidade onde nasceu, cresceu e viveu, para visitar o homem que tanto amou um dia. Visitaria a quem prendeu-a em seu domínio, e a quem ela havia prendido igualmente em seu amor.

Cruzou os corredores úmidos e sombrios da grande penitenciária para chegar até o homem que lhe roubara a paz de viver por tantos anos de sua vida.

O amor a fizera assim, pois ela havia feito isso ao amor. Ela havia lhe acorrentado e ele a acorrentara nos mesmos grilhões, pois eram apenas *uno*.

Nesse ínterim, ele apareceu em sua frente. Tinha o semblante

abatido e mostrava no olhar um coração empedernido de ódio e revolta. Os olhos dele a fitaram com atenção, e ela reviu, como num filme triste e violento, todas as angústias que passara ao lado daquele homem, agora, destruído por si mesmo.

O amor o destruíra, pois ele o transformou em ódio dentro do seu coração. O amor o aprisionara, pois era em si mesmo que encontrava segurança e não no amor. Não precisava de ninguém e ninguém poderia alcançá-lo, e o amor o abandonara, pois o amor só pode entrar aonde há portas abertas. Encarcerara o amor, que se transformou numa fera selvagem, pois seu coração se transformara numa jaula, e lá, habitava aquele homem com todos os seus monstros, e num canto esquecido, estava o seu amor, que ele desfigurara por completo.

* * *

Nada falaram. Apenas limitaram-se a olhar um para o outro. Ela, cheia de paz, amor e compaixão. Ele, cheio de ódio, mágoa e rancor. Trazia consigo o amor, anulado em sua alma.

Jucimara não conseguiu aguentar. Involuntariamente, suas pernas se moveram e ela correu para longe daquele lugar. Um lugar criado por pessoas mentalmente desvairadas e que plasmavam isso constantemente em suas vidas. Era dali que gostavam. Era ali que se sentiam bem. E ela saiu correndo, sofrendo, chorando, prometendo nunca mais reviver tudo aquilo de novo. Era uma nova mulher e precisava se vestir de sua nova vida. Teve liberdade para escolher e escolhera o caminho do amor, do perdão e da humildade.

Lá fora, Miguel a esperava. Ela entrou rapidamente no carro e foram embora. No caminho, ela contou sua experiência, e ele, como seu mestre, lhe respondeu:

- Aprendemos a libertar o amor, deixamos que o amor nos liberte e que os outros aprendam a se libertar através dele.

E subiram de novo a montanha, lembrando os sagrados momentos na igreja, o momento mais importante de suas vidas. O momento em que o amor os libertara e eles libertaram o amor,

seguindo por outros caminhos, em busca da verdadeira felicidade.

Últimas palavras

Ao terminar de ler este livro, depois de escrito, senti um sentimento inebriante por ele. É difícil dizer, mas, sinto, as vezes, que é como se eu não o tivesse escrito, mas sim, uma alma superior, que apossou-se de meu corpo e de minha inteligência para transmitir todas essas mensagens. Já é tarde. Meu relógio marca uma e quarenta da madrugada. Mas estou aqui, com um sono que insiste em me alfinetar, escrevendo as últimas palavras deste livro, apenas para lembrar o quanto foi gratificante redigi-lo. Confesso que tenho medos, crises de fé e constantes autoavaliações. Acredito que Jucimara possui muito de mim e eu possuo muito dela. Afinal, qual autor não se parece com suas obras? Sou muito Miguel, com seu jeito tranquilo de ser, mas carregado das angústias que todo o ser humano possui. Todos temos erros e não podemos delegar isso a ninguém e nem a nós mesmos. Afinal, todos somos feitos de sonhos, mas os pesadelos também fazem parte do mundo dos sonhadores. Cabe a nós transformá-los ou tentar apagá-los de nossas vidas. A escolha é sempre nossa.

Enfim, por amor escrevi este livro. Por amor vivemos. Por amor, libertamos e por amor escravizamos. Ao terminar de ler este livro, depois de tê-lo escrito, pensei muito nisso. O amor é a lei que rege o universo, não há como contestar.

Diego Gierolett

1ª edição ABRIL DE 2016
impressão EFETIVA
papel de miolo OFFSET 75g/m²
papel de capa CARTÃO 250g/m²
tipografia GOUDY